

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

MATHEUS GOMES ALVES

**A REPRESENTAÇÃO MENTAL DA IMPERFECTIVIDADE EM INGLÊS: UMA
ANÁLISE CARTOGRÁFICA**

Rio de Janeiro

2022

MATHEUS GOMES ALVES

**A REPRESENTAÇÃO MENTAL DA IMPERFECTIVIDADE EM INGLÊS: UMA
ANÁLISE CARTOGRÁFICA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof.^a Dra. Adriana Leitão Martins

Rio de Janeiro
2022

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

AA474r Alves, Matheus Gomes
 A representação mental da imperfectividade em
 inglês: uma análise cartográfica / Matheus Gomes
 Alves. -- Rio de Janeiro, 2022.
 135 f.

 Orientadora: Adriana Leitão Martins.
 Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do
 Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-
 Graduação em Linguística, 2022.

 1. imperfectividade. 2. cartografia sintática.
 3. escopo. 4. hierarquia linear. I. Martins,
 Adriana Leitão, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

A REPRESENTAÇÃO MENTAL DA IMPERFECTIVIDADE EM INGLÊS: UMA ANÁLISE CARTOGRÁFICA

Matheus Gomes Alves

Orientadora: Prof.^a Dra. Adriana Leitão Martins

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Linguística.

Examinada por:

Prof.^a Dra. Adriana Leitão Martins
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Aquiles Tescari Neto
Universidade Estadual de Campinas

Prof.^a Dra. Juliana Barros Nespoli
Centro Universitário Geraldo di Biase

Prof. Dr. Alessandro Boechat Medeiros
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof.^a Dra. Sandra Quarezemin
Universidade Federal de Santa Catarina

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe, professora Marcia Maria de Jesus Gomes, pelo contínuo apoio a minha formação. Creio que só nós dois sabemos o que foi preciso fazer para chegar até aqui. Foram muitos anos de renúncia, de trabalho, de disciplina e, também, de muito amor. Se hoje posso dizer que sou alguma coisa, endereço tal causa apenas à senhora. Que os seus lindos olhos, o seu belo sorriso e seu acolhedor abraço sejam constantes. Obrigado por ter me estimulado, desde novo, a me esforçar em momentos de grande dificuldade. Não posso dizer que sou um homem bom, pois, dessa forma, estaria a atribuir uma característica que não se sustenta a um ser. Contudo, posso dizer que nasci de uma boa mãe, sempre tão atenciosa, cuidadosa, responsável e amorosa. Que haja mais mães como a senhora! Obrigado por sempre segurar minha mão!

Agradeço à professora Adriana Leitão Martins por sua orientação cuidadosa na confecção deste trabalho. Sem seu suporte intelectual, moral e sentimental, esta dissertação não poderia ser feita. Espero, em um dia, ser metade do orientador que você tem sido para mim. Desde o primeiro período da graduação, momento em que pela primeira vez te conheci, observei o quanto sua trajetória acadêmica enquanto professora e orientadora era pautada em três princípios: i) responsabilidade, ii) autonomia e iii) empatia. Se hoje faço esta dissertação, devo reconhecer o quão mais responsável, maduro, autônomo e empático você me fez em nossos encontros de orientação. Ainda não sou um exemplo dessas virtudes tão claramente dominadas pela senhora, mas me coloco na figura de um atento aprendiz. Obrigado por acolher minhas ideias e por sempre me ajudar direcionando meu voo.

Agradeço à UFRJ e ao PPG Linguística – UFRJ por toda a infraestrutura disponibilizada para a confecção desta dissertação. Ainda me recordo com orgulho e com intensa emoção de ter sido o primeiro de minha família a conseguir entrar em uma instituição tão gabaritada e respeitada. Agradeço também à CAPES e à FAPERJ (processo 200.477/2021) pelo apoio financeiro referente ao desenvolvimento deste trabalho. Políticas públicas de investimento em Ciência e em Educação são essenciais ao desenvolvimento de um país.

Agradeço ao professor Aquiles Tescari Neto por sua disponibilidade em participar da banca de avaliação deste trabalho. Nunca pensei que, em um dia, poderia conhecer o senhor, o qual sempre foi alvo da minha mais sincera admiração e respeito. Não poderia descrever a honra de ter o senhor avaliando meu trabalho. Não poderia olvidar, também, o apoio que o senhor concedeu à escrita desta dissertação. Sem sua brilhante tese, eu não poderia desenvolver parte

dos experimentos e dos *insights* apresentados nesta dissertação. Sem também seus conselhos tão cuidadosamente mandados em uma dezembrina manhã de 2020, eu não poderia amadurecer o tema e a revisão teórica apresentada neste trabalho. Não fui aluno do senhor, mas sempre fui um admirador tímido. Obrigado por fazer frutificar em solo brasileiro a Cartografia Sintática!

Agradeço à professora Juliana Barros Nespoli por sua disponibilidade em participar da banca de avaliação deste trabalho. Desde 2017, tenho o prazer de aprender cada vez mais com a senhora. Muito obrigado por todos os conselhos, parcerias e sinceros sorrisos que desenvolvemos nesses anos. Lembro-me vividamente do quanto que a senhora me levou a acreditar em meu potencial em um momento em que eu estava destruído psicologicamente. Muito obrigado por acreditar em mim. Espero um dia mimetizar sua resiliência, afabilidade, inteligência e agência. É uma honra tê-la como avaliadora deste trabalho.

Agradeço aos professores Alessandro Boechat e Ana Paula Quadros Gomes. A participação do senhor e da senhora em minha formação foi primordial. Especificamente, agradeço ao professor Alessandro por sua paciência e didatismo nas aulas de Morfologia Distribuída e de Semântica Formal, bem como por seus importantes apontamentos na avaliação do SEPLA 2020 referentes aos achados iniciais deste trabalho. Agradeço à professora Ana Paula Quadros Gomes por suas brilhantes aulas de Variação, de Semântica Formal e de Ensino de Língua Portuguesa. Tenho de externalizar a afável lembrança de a senhora ter sido a primeira professora, *back in 2015*, que despertou em mim a curiosidade por estudar cientificamente a linguagem. Obrigado por ter visto potencial em mim quando eu ainda não o via.

Agradeço à professora Sandra Quarezemin por sua participação em minha banca de avaliação do SEPLA 2021. Seus comentários, inerentemente precisos e intelectualmente tão profundos, estimularam minha reflexão sobre os achados desta dissertação. Agradeço-te, também, por aceitar participar da banca de avaliação de minha dissertação. Não poderia encontrar palavras para externalizar a honra de ter uma pesquisadora de tão alto gabarito analisando meu trabalho.

Agradeço aos professores Marcus Maia, Simone Guesser e Janine Pimentel pelo suporte disponibilizado por meio de suas aulas em minha formação. Obrigado, professor Marcus Maia, por suas aulas de Sintaxe Experimental e por aceitar ser meu coorientador de doutorado. Nessa nova caminhada, sua ajuda será essencial. Só tenho a agradecer à professora Simone Guesser por suas aulas de Foco e de Periferia Esquerda. Sua didática, sua presença e seus comentários foram muito importantes a minha formação enquanto linguista. Agradeço à professora Janine Pimentel por suas aulas de Sintaxe da Língua Inglesa, de Tradução e de Linguística de *Corpus*.

Os conhecimentos passados pela senhora provaram ser importantíssimos para a feitura de pesquisas mais empíricas. Sem sua disponibilidade, paciência e didática, eu não poderia ter acesso conscientemente à importância desses conhecimentos.

Agradeço a meus amigos Luiz Guilherme, Fernanda Machado, Nayana Rodrigues, Rafael Trianon, Paula Pinheiro, Leonardo Cabral e Eduardo Santos. Sem o apoio, a paciência e a presença de vocês, dificilmente, eu conseguiria ter escrito esta dissertação com saúde mental. Obrigado pelas constantes discussões teóricas que marcam nossa relação. Ter amigos linguistas é realmente a certeza de que, no meio de uma taça de vinho, ou, no meio de uma gargalhada, alguém vai soltar alguma observação brilhante sobre a linguagem.

Agradeço aos professores Fábio Antonio da Costa e Iara Faria. Não poderia me esquecer do professor Fábio, meu eterno professor de Filosofia, que foi o primeiro a me introduzir à Gramática Gerativa Chomskyana, ainda quando eu era apenas um secundarista. Sem o estímulo do senhor, provavelmente, eu não teria feito Letras e não teria me apaixonado por Linguística. Faço especial menção também à professora Iara Faria, a qual foi a primeira a me levar a questionar descrições da Gramática Tradicional que aparentemente não tinham fundamento. Lembro-me vividamente da senhora, em uma aula de transitividade verbal, ter me introduzido à gramática de Rocha Lima sem eu mesmo ter noção disso. Seu apoio foi fundamental. Muito obrigado!

RESUMO

ALVES, Matheus Gomes. **A representação mental da imperfetividade em inglês: uma análise cartográfica.** Rio de Janeiro, 2022. 134f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

O objetivo geral deste trabalho é contribuir para a análise da representação da imperfetividade na faculdade da linguagem. Os objetivos específicos são: a) analisar as realizações morfológicas dos aspectos habitual, continuativo, durativo, prospectivo e incoativo(I) no inglês, associados ao tempo presente, b) analisar a ordem de produção dos advérbios relacionados aos aspectos habitual, continuativo, durativo, prospectivo e incoativo(I) combinados entre si em sentenças no tempo presente no inglês, a fim de investigar a derivação de sentenças veiculando os aspectos estudados e c) analisar as leituras promovidas por diferentes ordens de linearização dos advérbios relacionados aos aspectos habitual, continuativo, durativo, prospectivo e incoativo(I) combinados entre si em sentenças veiculando o tempo presente no inglês, a fim de investigar a derivação de sentenças veiculando os aspectos estudados. A metodologia consiste na análise integral dos *corpora WebCorp* e *Santa Barbara Corpus of Spoken American English*, bem como na aplicação remota de dois testes comportamentais a vinte falantes nativos de inglês. As hipóteses foram: a) tanto as linearizações cinquenianas *Usually Still*, *Still Almost*, *Briefly Almost* e *Briefly Suddenly* quanto as linearizações não cinquenianas *Still Usually*, *Almost Still*, *Almost Briefly* e *Suddenly Briefly* são identificadas em sentenças da língua inglesa associadas ao tempo presente, b) a morfologia mais comum para gramaticalizar, em conjunto com os advérbios sob análise, no inglês, as projeções sob escrutínio no tempo presente é a morfologia progressiva, c) a linearização cinqueniana dos advérbios sob análise, especificamente *Usually Still*, *Still Almost*, *Briefly Almost* e *Briefly Suddenly*, faz disparar exclusivamente leitura de escopo progressivo e d) a linearização não cinqueniana dos advérbios sob análise, especificamente *Still Usually*, *Almost Still*, *Almost Briefly* e *Suddenly Briefly*, faz disparar exclusivamente leitura de escopo regressivo. A primeira hipótese não foi refutada, pois tanto ordenamentos cinquenianos quanto não cinquenianos dos advérbios estudados são possíveis em língua inglesa. A segunda hipótese foi refutada, uma vez que a morfologia progressiva não se apresentou como o contexto morfológico mais comum utilizado em conjunto com os advérbios encontrados no *corpus*: *Usually*, *Still* e *Almost*. As terceira e quarta hipóteses testadas foram refutadas, já que não houve uma relação de exclusividade generalizada e de previsão entre as variáveis Escopo (progressivo/ regressivo) e Ordenamento (cinqueniano/ não cinqueniano). Observou-se que os contextos em que os escopos progressivo e regressivo parecem atuar, da forma esperada, como fatores preditores de ordenamento são os de diferenciação entre as linearizações *Still Almost* e *Almost Still*.

Palavras-chave: imperfetividade, cartografia sintática, escopo, hierarquia linear.

ABSTRACT

ALVES, Matheus Gomes. **The mental representation of imperfectivity in English: a cartographic analysis**. Rio de Janeiro, 2022. 134f. Master Thesis (Master in Linguistics) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

This work is intended as a general contribution to the understanding of the representation of imperfectivity in the faculty of language. Specifically, it aims at a) analyzing the morphological realizations of the habitual, continuative, durative, prospective and inchoative (I) aspects in English, associated with the present tense, b) analyzing the order of production of adverbs related to the habitual, continuative, durative, prospective and inchoative (I) aspects in English, associated with the present tense, in order to investigate the derivation of sentences with these aspectual phrases and c) analyzing the readings triggered by different orderings of adverbs related to the habitual, continuative, durative, prospective and inchoative (I) aspects associated with sentences in the present tense, in order to investigate the derivation of sentences with these aspectual phrases. The methodology consists in the analysis of the *WebCorp* and the *Santa Barbara Corpus of Spoken American English* and in the remote applying of two behavioural tests to twenty native speakers of English. The hypotheses are: a) both cinquean orderings and non cinquean orderings of the adverbs under scrutiny are identified in sentences in English associated with the present tense, b) the most common morphology employed in English to convey the projections under scrutiny, alongside with their respective adverbs, associated to the present tense is the progressive morphology, c) cinquean linear orderings of the adverbs under scrutiny, namely *Usually Still*, *Still Almost*, *Briefly Almost* and *Briefly Suddenly*, solely trigger progressive scope reading, and d) non-cinquean linear orderings of the adverbs under scrutiny, namely *Still Usually*, *Almost Still*, *Almost Briefly* and *Suddenly Briefly*, solely trigger regressive scope reading. The first hypothesis was not refuted, for it was found that cinquean linear orderings of the adverbs under scrutiny, alongside with their respective non-cinquean linear orderings are possible in English. The second hypothesis was refuted, since the progressive morphology is not the most common morphology to be used with the adverbs found in the *corpus*: *Usually*, *Still* and *Almost*. The third and fourth hypotheses were also refuted, since no relation of generalized exclusivity between the variables Scope (progressive/ regressive) and Ordering (cinquean/ non-cinquean) was found. It was found that the sole contexts in which progressive and regressive scope in the expected way which type of ordering is to be used are the contexts that differentiate the *Still Almost* and *Almost Still* orderings.

Keywords: imperfectivity, syntactic cartography, scope, linear hierarchy.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Modelo T da Teoria de Regência e Ligação	pág. 21
Figura 2 – Modelo do PM.....	pág. 23
Figura 3 – Teoria X-Barra	pág. 26
Figura 4 – Modelo de Chomsky (1986)	pág. 27
Figura 5 – Modelo de Pollock (1989)	pág. 28
Figura 6 – Modelo de Belletti (1990)	pág. 31
Figura 7 – Modelo de Chomsky (1991)	pág. 31
Figura 8 – Modelo de Chomsky (1995)	pág. 32
Figura 9 – Modelo de Neidle & MacLaughlin (2002)	pág. 33
Figura 10 – Modelo de Novaes & Braga	pág. 34
Figura 11 – Modelo de Kayne (1984)	pág. 36
Figura 12 – Modelo de Kayne (1994)	pág. 37
Figura 13 – Modelo de Rizzi (1997)	pág. 40
Figura 14 – Modelo de Rizzi (2001)	pág. 41
Figura 15 – Modelo de Rizzi (2001) encaixado	pág. 41
Figura 16 – Modelo de Shlonsky & Soare (2011)	pág. 42
Figura 17 – Modelo de Rizzi & Bocci (2017)	pág. 43
Figura 18 – Modelo de Belletti (2004)	pág. 45
Figura 19 – Estrutura Binária de Asp _{prospectivo} P	pág. 67
Figura 20 – Seção de <i>Trial</i>	pág. 78
Figura 21 – Exemplo de molde de sentença	pág. 78
Figura 22 – Seção de <i>Trial</i>	pág. 83
Figura 23 – Contexto Alvo	pág. 84
Figura 24 – Proposta de Derivação de <i>Mark still almost passes the exam</i>	pág. 122
Figura 25 – Proposta de Derivação de <i>Mark almost still passes the exam</i>	pág. 123

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Traços interpretáveis e não interpretáveis	pág. 25
Quadro 2 – Estrutura de tempos verbais na teoria de Reichenbach	pág. 48
Quadro 3 – Classificação de <i>aktionsart</i> nas línguas naturais	pág. 55
Quadro 4 – Projeções temporais e aspectuais do <i>Middlefield</i> e seus traços	pág. 65
Quadro 5 – Sentenças Alvo – Teste de Escolha Forçada.....	pág. 81
Quadro 6 – Dados dos participantes do Teste de Escolha Forçada	pág. 82
Quadro 7 – Contextos alvo por ordenamento de itens – Teste de Escolha Forçada.....	pág. 85
Quadro 8 – Contextos distratores e itens – Teste de Ordenamento Sintático.....	pág. 86
Quadro 9 – Dados dos participantes do Teste de Ordenamento Sintático	pág. 87
Quadro 10 – Número de ocorrências dos ordenamentos estudados no <i>WebCorp</i>	pág. 89
Quadro 11 – Prototipicidade de linearizações dos advérbios considerados	pág. 89
Quadro 12 – Contexto morfológico por frequência de ocorrência de advérbios	pág. 92
Quadro 13 – Resumo de significância estatística na Regressão Logística Multinomial...pág.	112

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Uso de contexto morfológico por advérbio na análise de <i>corpus</i>	pág. 92
Gráfico 2 – Índice de Escolha de Escopo por Linearização	pág. 96
Gráfico 3 – Índice de ordenamentos escolhidos em contexto de leitura de escopo progressivo	pág. 103
Gráfico 4 – Índice de ordenamentos escolhidos em contexto de leitura de escopo regressivo	pág. 104
Gráfico 5 – Cruzamento entre os ordenamentos escolhidos em contextos de leitura de escopo progressivo e regressivo	pág. 105

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Teste de Proporção Binomial	pág. 90
Tabela 2 – Teste de Regressão Multinomial Logística com o intercepto como a morfologia progressiva no advérbio <i>Usually</i>	pág. 93
Tabela 3 – Teste de Regressão Multinomial Logística com o intercepto como a morfologia progressiva no advérbio <i>Still</i>	pág. 94
Tabela 4 – Teste de Regressão Multinomial Logística com o intercepto como a morfologia progressiva no advérbio <i>Almost</i>	pág. 94
Tabela 5 – Regressão Logística Binomial com o intercepto como Escopo Progressivo de <i>Usually Still</i>	pág. 97
Tabela 6 – Regressão Logística Binomial com o intercepto como Escopo Progressivo de <i>Still Almost</i>	pág. 98
Tabela 7 – Regressão Logística Binomial com o intercepto como Escopo Progressivo de <i>Briefly Almost</i>	pág. 99
Tabela 8 – Regressão Logística Binomial com o intercepto como Escopo Progressivo de <i>Briefly Suddenly</i>	pág. 99
Tabela 9 – Regressão Logística Binomial com o intercepto como Escopo Regressivo de <i>Still Usually</i>	pág. 100
Tabela 10 – Regressão Logística Binomial com o intercepto como Escopo Regressivo de <i>Almost Still</i>	pág. 101
Tabela 11 – Regressão Logística Binomial com o intercepto como Escopo Regressivo de <i>Almost Briefly</i>	pág. 102
Tabela 12 – Regressão Logística Binomial com o intercepto como Escopo Regressivo de <i>Suddenly Briefly</i>	pág. 102
Tabela 13 – Regressão Logística Multinomial com o intercepto como o ordenamento <i>Usually Still</i>	pág. 106
Tabela 14 – Regressão Logística Multinomial com o intercepto como o ordenamento <i>Still Almost</i>	pág. 106
Tabela 15 – Regressão Logística Multinomial com o intercepto como o ordenamento <i>Briefly Almost</i>	pág. 107
Tabela 16 – Regressão Logística Multinomial com o intercepto como o ordenamento <i>Briefly Suddenly</i>	pág. 107
Tabela 17 – Regressão Logística Multinomial com o intercepto como o ordenamento <i>Still Usually</i>	pág. 109
Tabela 18 – Regressão Logística Multinomial com o intercepto como o ordenamento <i>Almost Still</i>	pág. 109
Tabela 19 – Regressão Logística Multinomial como o intercepto com o ordenamento <i>Almost Briefly</i>	pág. 110
Tabela 20 – Regressão Logística Multinomial com o intercepto como o ordenamento <i>Suddenly Briefly</i>	pág. 110

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	pág. 15
1 GERATIVISMO E O PROJETO CARTOGRÁFICO	pág. 19
1.1 A TEORIA GERATIVA	pág. 19
1.2 MODELOS DE REPRESENTAÇÃO DO <i>MIDDLEFIELD</i>	pág. 26
1.3 O PROJETO CARTOGRÁFICO	pág. 34
2 REPRESENTAÇÃO MENTAL DA IMPERFECTIVIDADE	pág. 46
2.1 O CONHECIMENTO LINGUÍSTICO DE TEMPO	pág. 46
2.2 O CONHECIMENTO LINGUÍSTICO DE ASPECTO	pág. 50
2.3 HIERARQUIA LINEAR UNIVERSAL E A REPRESENTAÇÃO MENTAL DE ASPECTO	pág. 61
3 METODOLOGIA	pág. 74
3.1 ANÁLISE DE <i>CORPORA</i>	pág. 74
3.2 TESTES COMPORTAMENTAIS	pág. 75
3.2.1 Teste de Escolha Forçada	pág. 77
3.2.2 Teste de Ordenamento Sintático	pág. 82
4 RESULTADOS	pág. 88
4.1 RESULTADOS DA ANÁLISE DOS <i>CORPORA</i>	pág. 90
4.2 RESULTADOS DO TESTE DE ESCOLHA FORÇADA	pág. 95
4.2.1 Resultado do Teste de Escolha Forçada em linearizações cinquenianas.....	pág. 97
4.2.2 Resultado do Teste de Escolha Forçada em linearizações não cinquenianas.....	pág. 100
4.3 RESULTADOS DO TESTE DE ORDENAMENTO SINTÁTICO	pág. 102
4.3.1 Resultado do Teste de Ordenamento Sintático em contexto de escopo progressivo	pág. 105
4.3.2 Resultado do Teste de Ordenamento Sintático em contexto de escopo regressivo	pág. 108
5 ANÁLISE	pág. 112
5.1 ANÁLISE DOS RESULTADOS DOS <i>CORPORA</i>	pág. 112
5.2 ANÁLISE DOS RESULTADOS DOS TESTES COMPORTAMENTAIS....	pág. 116
CONSIDERAÇÕES FINAIS	pág. 124
REFERÊNCIAS	pág. 127

INTRODUÇÃO

A linguagem pode ser compreendida a partir de diferentes perspectivas cognitivas: como um conhecimento inato humano gerativo constituído de princípios exclusivamente linguísticos ou como um conhecimento humano subproduto de princípios gerais da cognição. Neste trabalho, adota-se a concepção gerativista em relação à linguagem humana, de tal modo que se assume a concepção modularista da mente, segundo a qual a linguagem é resultante da existência de um conjunto de princípios especificamente linguísticos que subjazem tal conhecimento. Entende-se, assim, que a mente seria dividida em módulos com princípios específicos que caracterizam as diferentes cognições ordinárias à nossa espécie.

A tradição gerativista dos estudos linguísticos tem como objetivo principal responder às seguintes perguntas: o que é o conhecimento de linguagem, como tal conhecimento se organiza na mente humana, como esse conhecimento é colocado em uso, quais são os processos psiconeurofisiológicos que o subjazem e, finalmente, como ocorreu a evolução de tal conhecimento. No âmbito de tal tradição, entende-se que a linguagem é um conhecimento exclusivamente humano, caracterizado por um conjunto de princípios inatos que evoluíram a partir da emergência de, no mínimo, da habilidade de concatenação hierárquica (HAUSER, CHOMSKY & FITCH, 2002)¹. Afirma-se, assim, que todas as línguas são derivadas de um mesmo conjunto de princípios linguísticos ordinários à espécie humana, ou seja, de uma mesma faculdade da linguagem.

Na faculdade da linguagem, há diversas propriedades que caracterizam o conhecimento linguístico humano, como, por exemplo, as de tempo e de aspecto. A noção de tempo tradicionalmente é definida como dêitica (REICHENBACH, 1947; COMRIE, 1985; DECLERK, 1986), por localizar uma situação em determinado ponto de referência, como se observa em “João correu”, em que existiu um evento de “correr” do qual “João” era agente e que se localiza em um ponto de referência anterior ao momento de fala. Por outro lado, a noção de aspecto diz respeito às diferentes maneiras de conceber a estrutura temporal interna de uma situação (COMRIE, 1976), como se pode observar em uma sentença como “João estava correndo”, em que existiu um evento de “correr” do qual “João” era agente, que se localiza também em ponto de referência anterior ao momento de fala, mas que, do ponto de vista

¹ É importante salientar que Hauser, Chomsky & Fitch (2002) assumem que a faculdade da linguagem no sentido estrito é caracterizada no mínimo pela capacidade de concatenação hierárquica ou de *merge*. Em Chomsky, Gallego & Ott (2019), é afirmado, de forma mais categórica, que a faculdade da linguagem seria constituída de “*simplest merge*” (apenas concatenação hierárquica). Contudo, em trabalhos como os de Rizzi (1997), Cinque (1999), Cinque (2013) e de outros cartógrafos, por outro lado, assume-se explicitamente que as categorias funcionais seriam primitivos constituintes da faculdade da linguagem no sentido estrito.

aspectual, enfatiza fases internas ao evento. Nesse contexto, Comrie (1976) diferencia o aspecto verbal que enfatiza diferentes fases internas (imperfectivo) daquele que não enfatiza tais fases (perfectivo). Neste trabalho, a representação mental do conhecimento linguístico referente ao aspecto imperfectivo estará sob escrutínio, contribuindo, assim, para a apresentação parcial de uma resposta às perguntas anteriormente citadas da tradição gerativista: o que é o conhecimento de linguagem, como tal conhecimento se organiza na mente humana, como esse conhecimento é colocado em uso.

No que concerne à representação mental de conhecimentos linguísticos humanos, faz-se menção ao programa cartográfico (RIZZI, 1997; CINQUE, 1999, 2006, 2010; CINQUE & RIZZI, 2008; TESCARI NETO, 2013). De acordo com Cinque e Rizzi (2008), o objetivo do programa cartográfico é desenhar mapas precisos e detalhados das configurações sintáticas referentes ao conhecimento linguístico humano. Assume-se, em tal programa, a uniformidade de estruturas sintáticas entre as línguas, ou seja, considera-se que todas as línguas compartilham a mesma estrutura funcional subjacente. Entende-se, assim, que as línguas possuem uma rica camada lexical, referente à codificação de informações de natureza temática, uma complexa camada flexional, que descreve, por exemplo, informações de tempo e de aspecto, e, ainda, uma desenvolvida camada complementizadora, que descreve, por exemplo, informações de tópico e foco nas mais diversas línguas.

No âmbito da definição proposta de imperfectividade, é possível fazer menção, por exemplo, a cinco tipos de informações² de um evento codificadas por meio de traços aspectuais distintos na representação das sentenças: sua habitualidade (ou repetição rotineira – João **geralmente** corre), sua continuidade (ou permanência até um momento – João **ainda** corre), sua duração (ou intervalo de tempo referenciado – João corre **brevemente**), sua prospecção (ou ênfase no ponto anterior ao início do evento – João **quase** corre) e sua incoação (ou ênfase no ponto inicial não natural do evento – João **repentinamente** corre). Tais traços aspectuais, em Cinque (1999, 2006), são descritos como pertencentes a um conjunto estruturado de aproximadamente quarenta projeções funcionais invariáveis interlinguisticamente que descrevem informações de tempo, aspecto, modo, modalidade e voz. Na literatura referente ao

² Salienta-se que, no âmbito da definição de imperfectividade apresentada, outras informações aspectuais, descritas em Cinque (1999) como traços de projeções funcionais, poderiam, de semelhante forma, ser alvo de investigação neste trabalho, como, por exemplo, o aspecto contínuo (sempre) e os aspectos frequentativos I e II (novamente). Optou-se, neste trabalho, por efetuar um recorte em relação aos advérbios e projeções a serem estudadas. Tal recorte se justifica por razões de *design* experimental e por razões de licenciamento no ordenamento dos advérbios estudados. De maneira alguma, objetiva-se dizer que a categoria linguística de imperfectividade é apenas referente às cinco projeções sob análise neste trabalho.

programa cartográfico (SANTOS, 2011; PEREIRA, 2011), tal estrutura invariável de projeções funcionais é conhecida como Hierarquia Linear Universal (doravante HLU).

Em Cinque (1999, 2006), ainda se considera que os cinco traços exemplificados no parágrafo anterior sejam nucleados de forma discreta nas seguintes projeções: $Asp_{habitual}P$, $Asp_{continuativo}P$, $Asp_{durativo}P$, $Asp_{prospectivo}P$ e $Asp_{incoativo(I)}P$ ³. Cinque (1999, 2006) considera que certos advérbios, como “geralmente”, “usualmente”, “habitualmente”, possam ser soldados na posição de especificador de $Asp_{habitual}P$, enquanto advérbios como “ainda” possam ser soldados na posição de especificador de $Asp_{continuativo}P$, advérbios como “brevemente” e “longamente”, na posição de especificador de $Asp_{durativo}P$, advérbios como “quase”, na posição de especificador de $Asp_{prospectivo}P$ e advérbios como “repentinamente”, na posição de especificador de $Asp_{incoativo(I)}P$.

De acordo com Cinque (1999, 2006), nas línguas naturais, a relação de dominância entre tais projeções é: $Asp_{habitual}P$ (geralmente) > $Asp_{continuativo}P$ (ainda) > $Asp_{durativo}P$ (brevemente) > $Asp_{prospectivo}P$ (quase) > $Asp_{incoativo(I)}P$ (repentinamente). Sendo assim, ao fazermos referência em conjunto a um evento ora descrito como habitual, durativo, prospectivo, durativo e incoativo em uma língua, espera-se o seguinte ordenamento de advérbios: geralmente (*usually*) > ainda (*still*) > brevemente (*briefly*) > quase (*almost*) > repentinamente (*suddenly*). Neste trabalho, diferenças nessa linearização de advérbios serão explicadas no espírito da proposta de Tescari Neto (2013) referente à atribuição de escopo⁴ de advérbios antes de *spell out* (KAYNE, 1998).

Frente a isso, o objetivo geral deste trabalho é contribuir para a análise da representação da imperfectividade na faculdade da linguagem. Os objetivos específicos são: a) analisar as realizações morfológicas dos aspectos habitual, continuativo, durativo, prospectivo e incoativo(I) no inglês, associados ao tempo presente, b) analisar a ordem de produção dos advérbios relacionados aos aspectos habitual, continuativo, durativo, prospectivo e incoativo(I) combinados entre si em sentenças no tempo presente no inglês, a fim de investigar a derivação

³ Como assumido em Cinque (1999, 2004, 2006), há duas projeções referentes ao aspecto incoativo: $Asp_{incoativo(I)}P$ aloca em seu especificador o advérbio “repentinamente”, ao passo que $Asp_{incoativo(II)}P$ aloca em seu especificador o advérbio “do nada”, empregado, tradicionalmente, com a nomenclatura de locução adverbial.

⁴ Neste trabalho, as nomenclaturas escopo progressivo e escopo regressivo são adotadas. Entende-se como interpretação de escopo progressivo o tipo de leitura veiculada em relações de escopo idênticas ao ordenamento adverbial previsto pela HLU, como em uma linearização *usually still* (geralmente ainda), em que *usually* (geralmente) toma escopo sobre *still* (ainda) + V, estendendo a proposta de Tescari Neto (2013) a esses casos também. Entende-se como interpretação de escopo regressivo o tipo de leitura veiculada em relações de escopo não idênticas ao ordenamento adverbial previsto pela HLU, como em uma linearização *still usually* (ainda geralmente), em que se sabe que *usually* foi soldado posteriormente a *still*, mas é linearizado em outra posição, disparando uma leitura em que *still* (ainda) toma escopo sobre *usually* (geralmente) + V. É importante salientar que Kayne (1998), Cinque (1999) e Tescari Neto (2013) não se comprometem diretamente com o emprego desses termos.

de sentenças veiculando os aspectos estudados e c) analisar as leituras promovidas por diferentes ordens de linearização dos advérbios relacionados aos aspectos habitual, continuativo, durativo, prospectivo e incoativo(I) combinados entre si em sentenças veiculando o tempo presente no inglês, a fim de investigar a derivação de sentenças veiculando os aspectos estudados. A metodologia consiste na análise integral dos *corpora online* gratuitos *WebCorp* e *Santa Barbara Corpus of Spoken American English*, bem como na aplicação remota de dois testes linguísticos – um de Escolha Forçada (STADTHAGEN-GOZÁLEZ et al., 2017; SANTOS, GARCIA & MAIA, 2019) e um de Ordenamento Sintático (CHAUDRON, 2003) – a falantes nativos de inglês. As hipóteses deste trabalho são: a) tanto as linearizações cinquenianas *Usually Still*, *Still Almost*, *Briefly Almost* e *Briefly Suddenly* quanto as linearizações não cinquenianas *Still Usually*, *Almost Still*, *Almost Briefly* e *Suddenly Briefly* são identificadas em sentenças da língua inglesa associadas ao tempo presente, b) a morfologia mais comum para gramaticalizar, em conjunto com os advérbios sob análise, no inglês, as projeções sob escrutínio no tempo presente é a morfologia progressiva, c) a linearização cinqueniana⁵ dos advérbios sob análise, especificamente *Usually Still*, *Still Almost*, *Briefly Almost* e *Briefly Suddenly*, faz disparar exclusivamente leitura de escopo progressivo⁶ e d) a linearização não cinqueniana dos advérbios sob análise, especificamente *Still Usually*, *Almost Still*, *Almost Briefly* e *Suddenly Briefly*, faz disparar exclusivamente leitura de escopo regressivo⁷.

Essa dissertação subdivide-se em cinco capítulos. No primeiro, detalhamentos referentes à tradição gerativista e ao programa cartográfico serão apresentados. No segundo, considerações referentes à representação mental da imperfectividade serão apontadas. No terceiro, a metodologia empregada neste trabalho será explicada. No quarto, haverá a apresentação dos resultados da análise de *corpora* (*WebCorp* e *Santa Barbara Corpus of Spoken American English*) e dos testes apresentados. No quinto capítulo, haverá a apresentação das interpretações dos dados da análise de *corpora* e dos testes. Finalmente, considerações finais concernentes aos resultados obtidos e à sua importância à teoria linguística serão apresentadas.

⁵ Entende-se, neste trabalho, como linearização cinqueniana o tipo de linearização adverbial diretamente e categoricamente prevista pela HLU, ao passo que se entende como linearização não cinqueniana o tipo de linearização adverbial não diretamente e categoricamente prevista pela HLU. De forma alguma, ao analisar tais nomenclaturas, considera-se que Cinque (1999, 2004, 2006) não tenha proposto uma derivação para linearizações diretamente não previstas pela HLU.

⁶ Isto é, quando o advérbio mais alto na hierarquia atribui escopo sobre o mais baixo.

⁷ Isto é, quando o advérbio c-comandado tem escopo sobre o c-comandante.

1 GERATIVISMO E O PROJETO CARTOGRÁFICO

A compreensão da representação mental de uma categoria linguística preconiza, necessariamente, a adoção de uma teoria que verse sobre a mente e sua organização. Sendo assim, a teoria gerativa é adotada por se assumir que, de fato, há um componente computacional regido por princípios específicos que atua sob a representação mental dos conhecimentos linguísticos de tempo e aspecto.

Além disso, diferentemente de outras teorias que adotam a hipótese de que só há princípios mentais gerais que subjazem a cognição linguística, a teoria gerativa, de forma conciliadora, não descarta o papel desses princípios, mas assume, também, a existência de princípios especificamente linguísticos. Há, assim, uma certa acomodação de diferentes fatores que podem explicar um fenômeno⁸.

Na primeira seção deste capítulo, será apresentado um breve histórico da teoria gerativa. Na segunda seção, estudos acerca das categorias funcionais nas línguas naturais serão discutidos. Finalmente, na terceira seção, uma descrição das principais características do empreendimento cartográfico será apresentada.

1.1 A TEORIA GERATIVA

A teoria gerativa passou por profundas modificações desde sua proposição em Chomsky (1957). Contudo, alguns conceitos referentes à relação entre cognição humana e linguagem persistem desde sua criação no escopo da Revolução Cognitiva: a modularidade da mente, a existência de uma faculdade da linguagem humana, a diferença entre competência e desempenho e a inter-relação racionalista-crítica⁹ entre *nature* (natureza) e *nurture* (desenvolvimento experiencial). À vista disso, entende-se que a mente é regida por princípios

⁸ Um debate relevante a qualquer teoria que se atenha à explicação de fenômenos naturais é compreender se a explicação mais econômica para um fenômeno é, de fato, a mais relevante e completa. Esse debate se fundamenta na dicotomia entre “a navalha de Occam” e “o dito de Hickman”. O emprego da “navalha de Occam” em qualquer teoria preconiza a ideia de que a razão mais econômica de um fenômeno deve ser adotada, ao passo que o emprego de “o dito de Hickman” concebe a noção de que um fenômeno pode ter uma miríade de causas distintas, não necessariamente causas mais econômicas.

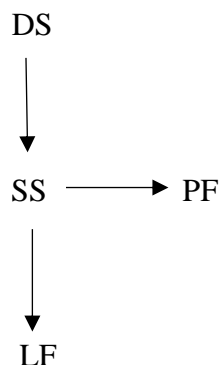
⁹ Convém explicitar que o debate acerca da gênese do conhecimento humano remete à clássica diferenciação entre racionalismo e empirismo. Racionalistas como Descartes assumem que o conhecimento humano é inato e não advém das experiências corpóreas. Em contrapartida, empiristas como Locke entendem que o homem nasce como uma “tábula rasa” e todo seu conhecimento é construído por meio de experiências. Em uma postura racionalista-crítica, como adotada, por exemplo, por Kant, assume-se que há conceitos *a priori*, naturalmente inatos, que descrevem o conhecimento humano, porém há conceitos *a posteriori*, experienciais, que fazem parte da mente humana. Essa terceira proposta é fundamental a uma teoria da linguagem que se diz gerativa.

específicos a distintas cognições, não apenas por princípios gerais. Assume-se, outrossim, a existência da faculdade da linguagem, uma cognição especificamente linguística, dotada de princípios combinatoriais inatos, interfaceada por outras cognições, como, por exemplo, a memória. Entende-se, ainda, que há uma diferença entre o conhecimento linguístico internalizado de um falante, construído pela interação entre os princípios inatos da faculdade da linguagem com os dados do meio, ou seja, sua competência, e a implementação de tal conhecimento em situações comunicativas, ou seja, seu desempenho. Por fim, considera-se que o desenvolvimento das cognições humanas, como, por exemplo, a cognição linguística, dá-se pela combinação da atuação de princípios inatos (*nature*) com experiências que disparam a aquisição de tais cognições (*nurture*).

Desde sua formulação, a teoria gerativa já assumiu diferentes abordagens, a saber: *Kernel and Tags* (CHOMSKY, 1957), Teoria Padrão¹⁰ (CHOMSKY, 1965), Teoria Padrão Estendida¹¹ (CHOMSKY, 1975, 1980), Teoria da Regência e Ligação (CHOMSKY, 1981), Modelo de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981, 1982, 1986) e o Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995). Em sua abordagem mais difundida, a Teoria da Regência e Ligação (doravante GB), um modelo de gramática tripartido foi proposto. Neste modelo, os itens lexicais relevantes à derivação de uma sentença alimentariam a estrutura profunda (doravante DS) e seriam submetidos aos imperativos do processo de atribuição de papéis temáticos pelo predicador, como, por exemplo, o Critério Theta. Tais itens se moveriam a posições específicas na estrutura superficial (doravante SS) para receberem Caso. Após o processo de atribuição de papel temático e de Caso, a sentença seria enviada à forma fonológica (doravante PF) e à forma lógica (doravante LF). Na passagem para a LF, alguns movimentos cobertos poderiam ser disparados (HUANG, 1982; POLLOCK, 1989; LONGOBARDI, 1992). Essa proposta ficou conhecida como modelo T e pode ser observada abaixo:

¹⁰ Para a Teoria Padrão, a gramática contém uma base e um léxico. A base possui um conjunto de regras de reescritura. O léxico consiste em um conjunto de entradas lexicais especificadas por determinados traços. A base gera marcadores sintagmáticos com símbolos que são substituídos por itens lexicais em uma etapa da derivação, gerando a estrutura profunda com relevância semântica. Aponta-se, ainda, que uma gramática possuiria um sistema de transformações. A aplicação de uma sequência de transformações gera uma estrutura superficial com relevância fonológica.

¹¹ Para a Teoria Padrão Estendida, assume-se uma arquitetura de gramática baseada no modelo da Teoria Padrão. Postula-se, contudo, que a estrutura superficial teria relevância semântica e fonológica.



(Figura 1 – Modelo T da Teoria de Regência e Ligação – Adaptado de Hornstein, Nunes, Grohmann (2005, p.23))

Na abordagem mais recente da teoria gerativa, o Programa Minimalista (doravante PM), assume-se um modelo de gramática dotado de um componente lexical, um componente transformacional, um componente fonológico e um componente lógico. Chomsky (1995), ao propor o PM, salienta a importância de imperativos de economia derivacional na descrição do conhecimento humano de linguagem. Sendo assim, tal autor, ao contrastar este programa com a teoria GB, propõe algumas modificações que visam também a atender esses imperativos.

Uma primeira modificação foi o refinamento da concepção de estrutura profunda e superficial presente no modelo T da GB. Nesse caso, propôs-se a dissolução dessas estruturas e a postulação de duas operações básicas da faculdade da linguagem: *merge* (concatenar ou soldar) e *move* (mover). Três problemas pareceram se impor a essa tentativa de dissolução: a) como descrever o processo de atribuição de papéis temáticos sem a DS?, b) como descrever o processo de atribuição de caso sem a SS? e c) como explicar a variação interlinguística sem recorrer a um nível representacional como a SS?

Em relação a a), formulou-se o *Theta-role Assignment Principle* (TRAP), que prevê a checagem de papéis temáticos por meio da operação básica de *merge*. Em relação a b), apontou-se que, ao invés de se postular um processo de atribuição de caso, seria mais econômico à faculdade de linguagem postular um processo de checagem de caso. Nesse caso, um item lexical já entraria na derivação especificado para um traço como [nominativo] ou [acusativo]. Na derivação, haveria apenas o processo de checagem de tal traço em posições específicas por meio de movimento. Em relação a c), Chomsky (1995) diferencia traços fortes e traços fracos, que

influenciariam o processo de variação interlinguística. Segundo o autor, traços fortes seriam aqueles que devem ser lidos antes de *spell out*, provocando movimento antes do envio de uma sentença às formas lógica e fonológica, ao passo que traços fracos seriam aqueles que devem ser lidos após-*Spell out*, disparando movimentos cobertos, por exemplo, na passagem à forma lógica.

Sendo assim, as línguas variariam em relação à força dos traços funcionais que possuiriam e aos tipos de movimento engendrados. No âmbito de tal programa, propôs-se a existência de um módulo lexical¹², no qual haveria um conjunto de traços que subjazeriam os itens lexicais de uma determinada língua¹³. Apontou-se que uma operação de numeração¹⁴ selecionaria os traços relevantes do léxico e que uma outra operação de seleção¹⁵ retiraria da numeração traços que formariam o objeto gramatical no curso da derivação. Finalmente, uma operação de concatenação¹⁶ (ou *merge*) promoveria a junção desses conjuntos de traços especificados nos itens lexicais, formando, como produto, a união entre os itens lexicais selecionados na numeração e na seleção. Convém apontar que uma operação de movimento¹⁷ de certos itens lexicais estaria disponível para descrever casos em que esses são interpretados em lugares distintos dos quais seriam soldados.

¹² Chomsky (1995) compromete-se com um modelo lexicalista (CHOMSKY, 1970), isto é, assume um módulo lexical não acessível diretamente pela sintaxe. De fato, desde Chomsky (1970), há a compreensão de que o componente derivacional de uma sentença não acessa diretamente um item lexical. Assumiram-se, nesse trabalho, diferentes entradas lexicais especificadas para um conjunto de regras de reescritura que, posteriormente, seriam concatenadas entre si na sintaxe. Em contrapartida, em modelos construcionistas (HALLE & MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997), compreende-se que a sintaxe tem acesso ao léxico. Autores que adotam esses modelos se comprometem com três princípios: a) *Late Insertion* (Inserção tardia), b) *Underspecification of Vocabulary Items* (Subespecificação de itens vocabulares) e c) *Syntax all the way down* (sintaxe até embaixo). Esses princípios referem-se, respectivamente, às seguintes suposições: a) as categorias sintáticas são abstratas, ou seja, não possuem uma expressão fonológica antes da sintaxe, b) para que as realizações fonológicas fornecidas pelo vocabulário traduzam um nó terminal, é necessário que sua especificação, definida por uma regra de inserção, seja um subconjunto da especificação do nó terminal associado e c) elementos sintáticos e morfológicos entram nas mesmas estruturas constituintes binárias (KAYNE, 1984) e são afetados pelos mesmos princípios concatenativos.

¹³ Para essa abordagem lexicalista, o léxico é descrito como um repositório de exceções ao que não é uma consequência de princípios sintáticos. Entende-se que a entrada lexical de um item “x” possuiria três tipos de traços: fonológicos, semânticos e formais. Por exemplo, um traço fonológico de uma entrada como “mesa” seria de que esse item começa por uma consoante, um traço semântico seria de que se trata de um artefato e um traço formal seria de que se trata de um nome. Subdividem-se, ainda, os traços formais em dois subtipos: traços formais intrínsecos (categorias, gênero, causatividade) e traços formais opcionais (número, pessoa verbal, tempo, caso). Enquanto estes são especificados na numeração, aqueles são determinados arbitrariamente pelo léxico.

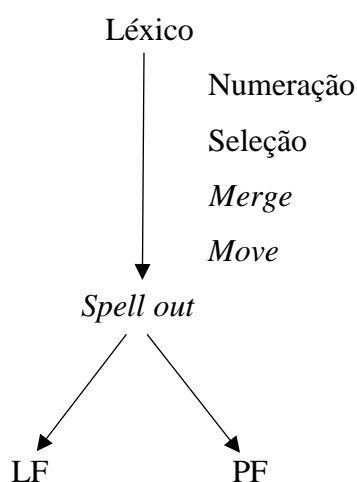
¹⁴ De acordo com Raposo (1999, p. 314), a numeração descreve “um conjunto de pares (IL, I), em que IL é um item do léxico e I é seu índice, compreendido como número de vezes que IL é selecionado”.

¹⁵ Segundo Raposo (1999, p. 314), tal processo “seleciona um item léxico IL da numeração, reduzindo seu índice de 1 e o introduz na derivação (...) Uma derivação converge se esta operação se aplicar tantas vezes quantas necessárias para ficarmos com um só objeto sintático, esgotando a numeração inicial”.

¹⁶ Como aponta Raposo (1999, p. 314), “forma unidades maiores a partir daquelas já construídas (...) Aplicada sobre dois objetos α e β , compor forma o novo objeto K, eliminando α e β ”.

¹⁷ De acordo com Raposo (1999, p. 318), “consiste na verificação de traços, a operação que determina o movimento na condição de último recurso”.

Imediatamente após a numeração, seleção, concatenação e movimentos de constituintes, haveria uma fase em que traços fortes, ou seja, traços que não poderiam ser enviados aos componentes que interfaceiam os sistemas de desempenho, seriam lidos. Tal fase da derivação é chamada de *spell out*. Finalmente, após *spell out*, haveria o envio da derivação a PF e a LF. Entre *spell out* e a LF, certos movimentos cobertos¹⁸, isto é, sem realização fonológica dos termos movidos, poderiam ocorrer. O modelo de gramática proposto no PM pode ser observado abaixo:



(Figura 2 – Modelo do PM – Adaptado de Hornstein, Nunes, Grohmann (2005, p.73))

Sendo assim, de forma genérica, em uma sentença como “Maria comeu o bolo”, o predicador verbal “comeu” seria selecionado do léxico já formado morfologicamente e com certos traços especificados, como, por exemplo, os traços [+passado], [+delimitado], [+volitivo], entre outros. Tal item seria soldado na posição de núcleo V e selecionaria como seu argumento interno um sintagma determinante (doravante DP) necessariamente [+concreto], como “o bolo”, já previamente especificado para o traço [acusativo]. Uma vez que se assume no minimalismo a “atribuição” de papéis temáticos por *merge*, o DP “o bolo” receberá seu papel [+tema] quando se concatenar ao predicador verbal “comeu”. Posteriormente, o DP “Maria”, especificado para o caso [nominativo], seria soldado em posição de especificador de vP,

¹⁸ Além do estudo de Longobardi (1992), convém apontar o estudo de Pollock (1989), que, ao analisar o posicionamento do verbo em relação ao advérbio em inglês e francês, sugere que, no inglês, há movimento coberto em verbos temáticos para AgrP (*agreement phrase* – sintagma de concordância) e TP (*tense phrase* – sintagma temporal), ao passo que, em francês, há movimento aberto, antes de *spell out* de verbos temáticos a essas projeções. Sendo assim, se Agr for forte, como em francês, haverá movimento aberto. Se Agr for fraco, como em inglês, haverá movimento coberto, respeitando a condição minimalista de Procrastinar, que conjectura uma diminuição no número de operações na sintaxe visível.

recebendo seu papel temático [+agente]. Movimentos específicos de checagem de caso seriam disparados. Finalmente, após movimento verbal de checagem, por exemplo, de traços no núcleo de TP, a sentença seria enviada a sua PF, onde é atribuída a uma forma, e a sua LF onde é atribuída a um significado. Assumindo uma representação neodavidsoniana (PARSONS, 1990) da forma lógica¹⁹, pode-se assumir que essa sentença seria descrita como: $(\exists e)[\text{comer}(e) \& \text{Agente}(e, \text{Maria}) \& \text{Tema}(e, \text{o bolo}) \& (\exists t)[t < \text{agora} \& \text{Culm}(e, t)]]$ ²⁰.

Convém apontar que, no PM, é adotado o Princípio da Interpretação Plena, segundo o qual as formas lógica e fonológica não possuem elementos diferentes aos sistemas de desempenho a que se referem, respectivamente, sistema conceitual-intencional e sistema articulatorio-perceptual. Assume-se que computações menos econômicas são bloqueadas mesmo se convergirem e gerarem símbolos não interpretáveis nos níveis de interface. Além disso, entende-se que a operação *Merge* é mais econômica do que a operação *Move*, a ser empregada como último recurso. Apresenta-se como relevante a diferenciação entre traços interpretáveis, que possuem relevância para os sistemas de interface, e traços não interpretáveis, que não possuem relevância para esses sistemas. Sendo assim, em uma sentença como “João comeu o bolo”, seus três constituintes principais possuem a seguinte especificação de traços:

Traços	Maria	Comeu	o bolo
Interpretáveis	[Nome], [3 ^a pessoa], [contável].	[V], [passado], [delimitado].	[Nome], [3 ^a pessoa], [contável].
Não Interpretáveis	[Nominativo]	[3 ^a pessoa], [singular] e [Acusativo]	[Acusativo]

(Quadro 1 – Traços interpretáveis e não interpretáveis – Fonte: elaboração própria)

Traços não interpretáveis são comumente rotulados de traços ϕ (leia-se *phi*). Entende-se que caso é um traço não interpretável pelo fato de que este é, apenas, um componente sintático, cuja função primordial é identificar se determinados DPs, por exemplo, podem desempenhar uma função sintática específica. Nesse contexto, pelo princípio anteriormente

¹⁹ É importante salientar que, de acordo com Kratzer (1996), a proposta de Parsons (1990) é uma teoria da estrutura conceptual que não se compromete diretamente e categoricamente com afirmações particulares sobre a sintaxe. Embora se concorde com a autora, considera-se, ainda, que o modelo de Parsons (1990) possa ser utilizado, mesmo que parcialmente, para se compreender a representação na forma lógica de certas sentenças. Especificamente para os objetivos desta pesquisa, que envolvem noções de tempo e aspecto verbais, a proposta de Parsons (1990) apresenta-se como uma efetiva maneira de representar a interface conceptual dessas categorias linguísticas.

²⁰ Existe um evento de comer, tal que “Maria” é seu agente, “o bolo” é seu tema. Existe um instante “t” anterior ao presente, no qual o evento de comer culmina.

apresentado, este traço deve ser apagado antes de *spell out*, uma vez que não pode ser enviado a LF.

No que concerne à concordância verbal de número e pessoa, entende-se que esta contém traços não interpretáveis por se tratar de um fenômeno redundante de marcação verbal do número e da pessoa de um DP já especificado para esses traços. Tal fenômeno é consequência direta da presença de um determinante no sintagma a que o predicador se refere. Assume-se que a LF não demandaria uma redundância de marcação de dois conjuntos dos mesmos traços (pessoa e número) para atribuir uma interpretação à estrutura.

Uma abordagem recente, baseada no PM, é a derivação por fases (CHOMSKY, 2001). No âmbito dessa proposta, assume-se que a convergência não é uma propriedade necessariamente do objeto final da derivação que atinge as interfaces. Aponta-se como possível inspecionar a derivação de uma sentença em fases, isto é, em objetos sintáticos cuja derivação seja “encapsulada em si”. Chomsky (2001) argumenta que: a) quando a projeção vP, nucleada por um verbo leve que checa caso, é soldada, *spell out* se aplica ao complemento de seu núcleo, isto é, a VP, inspecionando essa parte da derivação quanto à convergência e b) quando a projeção CP é concatenada, *spell out* se aplica ao complemento de seu núcleo (TP), inspecionando essa parte da derivação quanto à convergência. Entende-se que vP e CP seriam fases e que o sistema computacional poderia inspecionar a convergência da derivação dos complementos dessas fases, respectivamente, VP e TP, em um modelo minimalista. À luz desse raciocínio, é proposta a Condição da Impenetrabilidade de Fase (doravante PIC) por meio da qual se salienta que, em uma fase HP nucleada por H, o domínio de H não seria acessível para operações fora de H; apenas sua borda (especificador e adjuntos) seria acessível para essas operações.

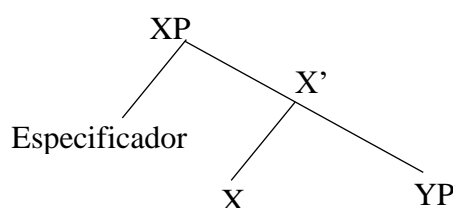
Chomsky (2001) considera, ainda, que, na numeração, haveria subarranjos, nos quais haveria, em cada um, um item lexical que poderia nuclear uma fase. Se apenas vP e CP seriam fases, então, a numeração de uma sentença por essa abordagem seria a seguinte: $\{\{C1, \dots\}, \{v1, \dots\} \dots\}$. Uma derivação procederia, então, da seguinte forma, à luz desta abordagem: a) um subarranjo σ_1 seria ativado e o sistema construiria a fase 1, utilizando os itens da numeração listados em σ_1 e aplicando *spell out* a seu complemento e b) a computação procede e um novo subarranjo σ_2 é ativado. Uma derivação se completa apenas quando todos os subarranjos são exauridos.

O objetivo desta seção foi apresentar um breve histórico da teoria gerativa e detalhar algumas concepções desenvolvidas no escopo do PM relevantes a este trabalho. De maneira

alguma, pode-se afirmar que se esgotam, nesta seção, os pressupostos teóricos do Minimalismo, posto que este é um frutífero programa de pesquisa que se inova constantemente. Na próxima seção, a consequência da adoção desses pressupostos minimalistas à sintaxe das categorias funcionais nas línguas será pormenorizada, por meio de uma revisão dos principais estudos referentes a esse tema.

1.2 MODELOS DE REPRESENTAÇÃO DO *MIDDLEFIELD*

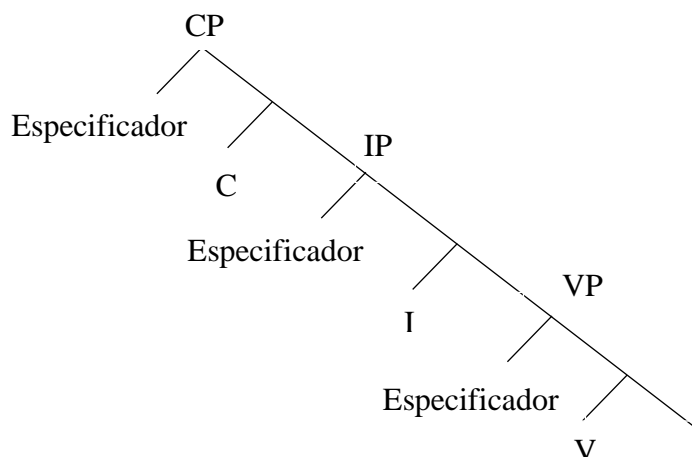
Nesta seção, um breve histórico referente às distintas propostas de representação do *Middlefield* (ou espaço do IP) será apresentado. Em Chomsky (1970), ainda sob a vigência da Teoria Padrão, a Teoria X-Barra foi inicialmente proposta. Tal autor postulou que se inflem as regras de reescritura de base, uma vez que os itens lexicais parecem trazer traços fixos de seleção e subcategorização. Sendo assim, para nominalizações derivadas, por exemplo, argumentou-se que o aumento das regras de reescritura de base poderia explicar esse fenômeno. Para nominalizações gerundivas, contudo, entendeu-se que o componente transformacional da gramática, ou seja, sua sintaxe, poderia explicar tal fenômeno. Finalmente, a partir dessa diferenciação de mecanismos de formação de nominalizações, Chomsky (1970) propõe que um núcleo lexical X seja especificado como possuidor de um conjunto Y de complementos, projetando uma estrutura intermediária X' e, posteriormente, uma estrutura máxima XP. A Teoria X-Barra fora inicialmente proposta a núcleos de natureza lexical apenas.



(Figura 3 – Teoria X-Barra – Chomsky (1970). Fonte: elaboração própria)

Em Chomsky (1986), há a expansão da Teoria X-Barra a projeções de natureza funcional. Nesse trabalho, assumiu-se a existência de domínios básicos a serem descritos pelos princípios da Teoria X-Barra: uma camada lexical, instanciada por uma projeção VP (*verbal phrase* – sintagma verbal), uma camada flexional, instanciada por uma projeção IP (*inflectional phrase* – sintagma flexional), e uma camada complementizadora, instanciada por uma projeção CP (*complementizer phrase* – sintagma complementizador). No domínio do VP, haveria, por

exemplo, a atribuição de papéis temáticos e a postulação de relações argumentais para saturar um predicador. No domínio do IP, haveria, por exemplo, a atribuição do caso nominativo e a especificação de traços de tempo e de concordância. No domínio do CP, haveria, por exemplo, a alocação de sintagmas Wh- extraídos da camada lexical (ROSS, 1967; CHOMSKY, 1973; BRESNAN, 1970; RIZZI, 1980; HUANG, 1982) e a disponibilização de relações de complementação sintática. O modelo de Chomsky (1986) pode ser observado abaixo:

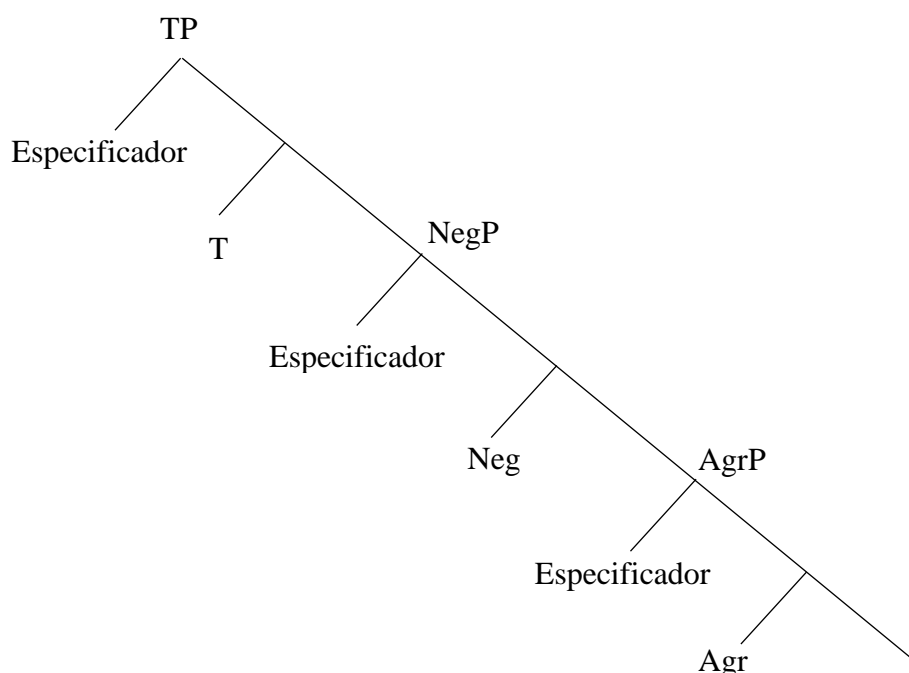


(Figura 4 – Modelo de Chomsky (1986). Fonte: elaboração própria)

A partir de tal modelo, uma sentença como “Quem que comeu o bolo?” poderia ser derivada da seguinte forma. O predicador verbal “comer” seria gerado no núcleo V e selecionaria o DP tema “o bolo” como seu argumento interno, em posição de complemento de V, e o DP agente “quem” como seu argumento externo, em posição de especificador de VP. Haveria movimento do predicador do núcleo V ao núcleo I disparado pela necessidade de incorporação²¹ do afixo (-u) de tempo e concordância, apenas gerado no núcleo de IP. Posteriormente, o DP agente “quem” se moveria à posição de especificador de IP, pela necessidade de receber caso nominativo, e à posição de especificador de CP, posição disponibilizada para extração de constituintes Wh- da camada lexical. Afirma-se que, para os movimentos apresentados, tanto o predicador quanto o argumento externo deixariam um vestígio por onde passassem. Finalmente, a partícula complementizadora “que” seria gerada no núcleo C, linearizando [CP Quem_k[C que [IP t_k[I comeu_i VP[t_k[V t_i o bolo]]]]].

²¹ Convém apontar que essa proposta é pré-minimalista, ou seja, adota um modelo de incorporação de afixos e não de checagem de traços por movimento verbal.

Baseando-se em Chomsky (1986), Pollock (1989), ao analisar as diferenças de posicionamento do verbo em relação a advérbios intrassentenciais e à partícula de negação em inglês e francês, aponta que se fazem necessárias duas projeções no *Middlefield* (ou espaço do IP) para alocarem os traços de tempo e de concordância, a saber: TP e AgrP. Enquanto esta alocaria o traço de quantificação de concordância nas línguas, aquela alocaria o traço de tempo passado, a ser especificado positivamente ou negativamente a depender da sentença. Considerou-se que a projeção TP necessariamente dominaria a projeção AgrP nas línguas naturais. A proposta de Pollock (1989) para o *Middlefield* pode ser observada abaixo:



(Figura 5 – Modelo de Pollock (1989). Fonte: elaboração própria)

Por meio desse modelo, em uma sentença, em francês, como *Jean embrasse souvent Marie* (João beija frequentemente Maria), haveria movimento aberto do predicador verbal *embrasse*, gerado no núcleo V da camada lexical, ao núcleo Agr, para receber traços de concordância, e, posteriormente, ao núcleo T, para receber o traço [-passado]. Haveria movimento aberto cíclico do DP agente *Jean*, gerado em posição de especificador de VP, ao especificador de AgrP e ao especificador de TP. *Souvent*, considerado nessa proposta como um advérbio adjungido à esquerda da projeção VP, permaneceria *in situ*. O DP tema *Marie*, gerado em posição de complemento de V, permaneceria em *in situ*.

Além disso, na versão de polaridade negativa dessa sentença, como se observa em *Jean n'embrasse pas souvent Marie* (João não beija frequentemente Maria), os mesmos movimentos

ocorreriam. Salienta-se, contudo, que *pas* (não), partícula de negação do francês, seria gerada no núcleo Neg de NegP, projeção por onde o predicador verbal passaria e se adjungiria à partícula *ne*. Como NegP está no meio do *Middlefield*, o predicador verbal, adjungido a essa partícula, mover-se-ia ao núcleo de TP, para receber o traço de tempo, linearizando [TP *Jean*_K [T *n'embrasse*_i [NegP [Neg *ti pas* [AgrP [*t_k* [Agr *ti* [VP *t_k* [V *ti souvent Marie*]]]]]]]]].

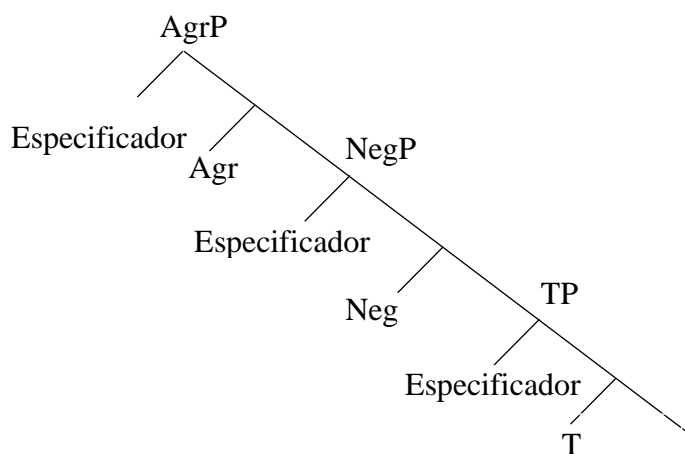
De acordo com Pollock (1989), esses movimentos seriam abertos em francês pelo fato de que tal língua possuiria um paradigma flexional enriquecido e traços mais fortes de tempo e de concordância estariam disponíveis a essa língua. Por conta da força dos traços, esses movimentos ocorreriam antes de *spell out*, ou seja, ocorreriam na concatenação sintática e teriam realidade fonológica. Tal constatação pode ser justificada pela permanência do advérbio *souvent* à direita do predicador verbal na linearização.

Contudo, em uma sentença, em inglês, como *John always kisses Mary* (João sempre beija Maria), não haveria movimento aberto do predicador verbal *kisses* ao núcleo das projeções apresentadas. O verbo permaneceria *in situ* na posição em que foi gerado, núcleo V, e receberia os traços de tempo e concordância por meio de movimento coberto, sem realidade fonológica, na passagem para a forma lógica. Em sua versão de polaridade negativa, como em *John does not always kiss Mary* (João não beija sempre Maria), o predicador verbal *kiss* permaneceria *in situ* juntamente com o advérbio adjungido à esquerda *always*. Contudo, a partícula de negação *not* seria gerada no núcleo de NegP e a partícula *does* seria gerada no núcleo Agr, movendo-se, depois, ao núcleo T, para receber o traço [-passado] (POLLOCK, 1989, p. 399).

Convém ressaltar que a análise de Pollock (1989) sobre a derivação de sentenças em inglês não se esgota, apenas, no escrutínio de contextos em que há emprego de verbos temáticos. Por exemplo, em estruturas com predicadores nominais, em que há, geralmente, emprego de um verbo atemático, como o *to be* (ser ou estar), parece haver movimento verbal aberto no estilo dos movimentos atribuídos a sentenças francesas. Sendo assim, em uma sentença como *John is happy* (João está feliz), o predicador nominal *happy* seleciona como argumento o DP *John*, formando uma estrutura *John happy*. Posteriormente, um núcleo verbal *is* é inserido, tomando essa estrutura como complemento. Há movimento do DP à posição de especificador de VP, linearizando *John is happy*. Posteriormente, o núcleo verbal *is* se move ao núcleo de AgrP, para receber o traço de concordância, e ao núcleo de TP, para receber o traço [-passado]. O DP *John* mover-se-ia para o especificador de AgrP e ao especificador de TP, linearizando [TP *John*_K [T *is*_i [AgrP *t_k* [Agr *ti* [VP *t_k* [V *ti* [SC *t_k happy*]]]]]]]]].

De acordo com Pollock (1989), com exceção de contexto de emprego de verbos como *to be* (ser ou estar) e *to have* (ter), quando há emprego de verbos temáticos em inglês, há movimento coberto para receber os traços de tempo e de concordância após-Spell out, ou seja, após o envio da sentença às formas lógica e fonológica, que interfaceiam os sistemas de desempenho. Tal assunção pode ser justificada pela permanência do advérbio *always* à esquerda do verbo temático. Assume-se que, uma vez que o inglês passou por um empobrecimento no paradigma flexional no curso de sua evolução (LIMA, 2016), os traços de tempo e de concordância seriam fracos nessa língua e, assim, só poderiam desencadear movimento na passagem à forma lógica, pós-Spell out.

Em contrapartida, Belletti (1990), adotando o Princípio do Espelho²², de Baker (1985, 1988), argumenta que a projeção funcional AgrP dominaria, necessariamente, a projeção TP, nas línguas naturais. Em uma sentença como “Eles gostavam de maçãs”, o predicador verbal “gosta”, ao se mover ao *Middlefield*, deveria, inicialmente, passar pelo núcleo de TP, para incorporar o morfema temporo-aspectual “-va” e pelo núcleo de AgrP, para incorporar o morfema de concordância “-m”. O modelo de Belletti (1990) pode ser observado abaixo:

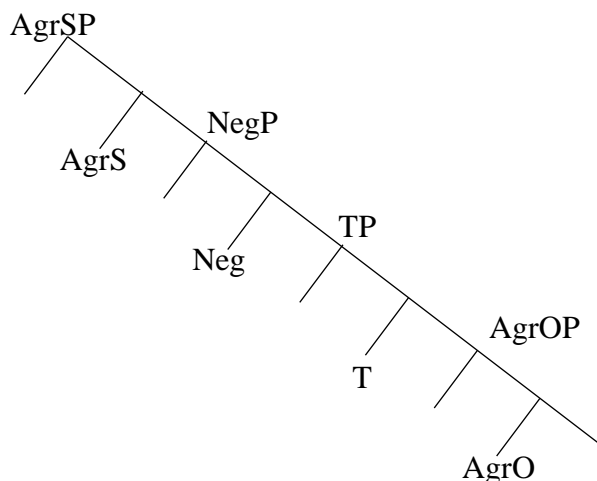


(Figura 6 – Modelo de Belletti (1990). Fonte: elaboração própria)

Chomsky (1991), baseando-se no trabalho de Belletti (1990), considera que a projeção AgrP deve ser subdividida em pelo menos duas: AgrSP e AgrOP. Enquanto esta traduz a relação

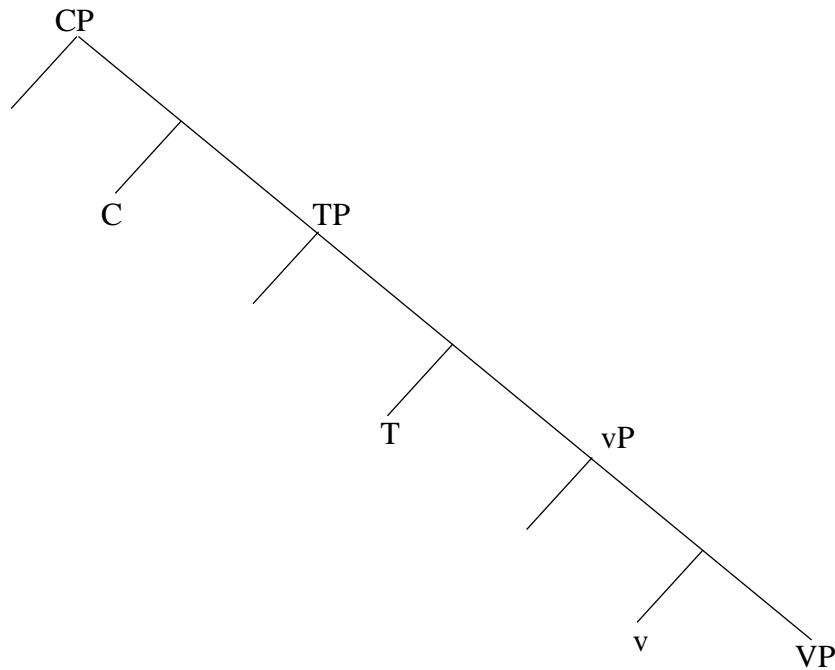
²² De acordo com Baker (1985, 1988), a derivação morfológica é um espelho da derivação sintática. Em um predicador verbal como “amavam”, formado pelo tema “ama”, a desinência temporo-aspectual “-va” e a desinência de concordância “-m”, o radical inicialmente se incorpora à desinência de tempo e, posteriormente, à desinência de concordância. Sendo assim, assumindo que a derivação sintática seja espelhada à derivação morfológica, um verbo inicialmente deve receber traços de tempo e posteriormente traços de concordância. A partir de tal ideia, Belletti (1990), diferentemente de Pollock (1989), considera que a projeção AgrP dominaria a projeção TP.

de concordância entre verbo e objeto em algumas línguas, aquela traduz a relação de concordância entre verbo e sujeito em algumas línguas. Por razões semelhantes às de Belletti (1990), Chomsky (1991) considera a projeção de AgrP, especificamente AgrSP, como a mais alta do *Middlefield*, dominando NegP, TP e AgrOP.



(Figura 7 – Modelo de Chomsky (1991). Fonte: elaboração própria)

No entanto, Chomsky (1995), comprometendo-se com o Princípio da Interpretação Plena, considera que a postulação de uma projeção funcional deve obedecer às condições de interpretação dos sistemas de desempenho. Nesse caso, uma projeção funcional poderá ser postulada se essa possui alguma relevância aos sistemas conceitual-intencional e articulatório-perceptual. Como apontado, a concordância, no minimalismo, é descrita como um traço ϕ , que não possui relevância ao sistema conceitual-intencional na atribuição de significado a uma sentença. Assim, para que a derivação prossiga, é necessário que esse traço seja apagado em *spell out*. Esse foi um dos motivos para a retirada do nóculo AgrP e suas permutações (AgrSP e AgrOP) da representação sintática de uma sentença. Chomsky (1995), baseado em Larson (1988), em sua proposta de um duplo VP para contemplar verbos triargumentais em inglês, propõe um nóculo vP, que aloca, por exemplo, argumentos de papel temático de agente, díspar de um nóculo VP, que aloca, por exemplo, argumentos de papel temático de tema. Assim, na literatura minimalista, faz-se menção às seguintes projeções funcionais: CP, TP, vP e VP.



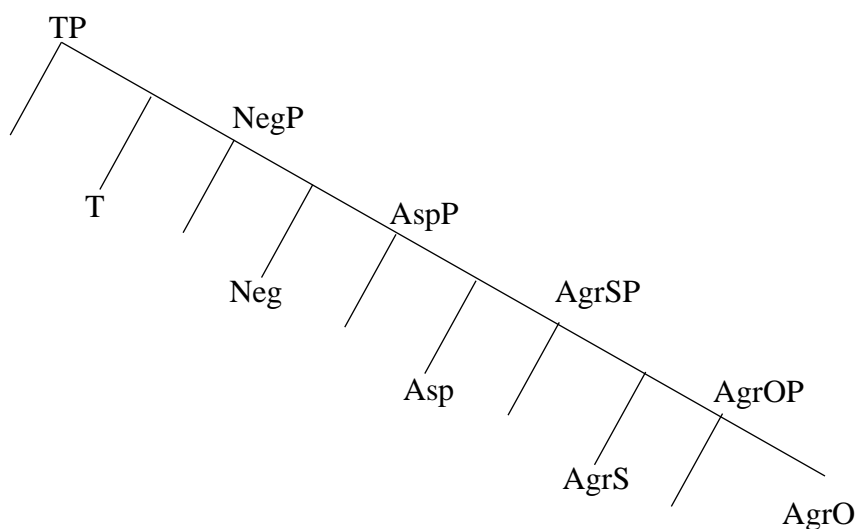
(Figura 8 – Modelo de Chomsky (1995). Fonte: elaboração própria)

Convém mencionar o trabalho de Cardinaletti & Roberts (2002), no qual se assume a existência de uma divisão do nóculo AgrP na camada funcional em dois: Agr1P e Agr2P. Enquanto este se referiria à gramaticalização das relações de concordância entre verbo e sujeito, por exemplo, aquele seria o responsável pela atribuição de caso nominativo ao sujeito e seria um local de pouso para determinados clíticos nas línguas.

Guasti & Rizzi (2002), por meio da análise do processo de aquisição de linguagem, consideram que traços temporais e de concordância são licenciados em duas posições distintas em inglês. Assumem, ainda, que o traço de uma projeção AgrSP é checado em uma camada acima de TP. Os autores apontam que adquirentes de inglês como língua materna de três anos de idade conseguem realizar a forma flexionada (*does*) e não flexionada (*do*) da partícula *do* na forma negativa. Na forma interrogativa, a forma flexionada (*does*) é corretamente empregada. Sendo assim, os autores postulam que o *do* interrogativo, no inglês, é movido para AgrSP e checa o traço de concordância de forma aberta, antes de ser movido para a camada complementizadora. Em contrapartida, o *do* negativo permanece no Agr mais baixo, não checando, necessariamente de forma aberta, os traços de concordância no AgrSP. Finalmente, para explicar essa assimetria, os autores propõem o seguinte princípio: se um traço não é

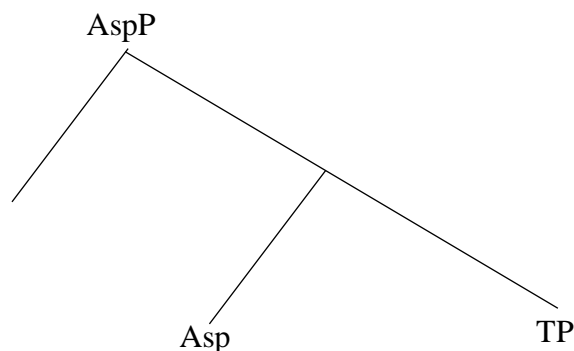
checado de forma aberta na sintaxe, a gramática universal não oferece qualquer coerção para sua realização morfológica.

Neidle & MacLaughlin (2002), ao analisarem a distribuição das projeções funcionais na Língua Americana de Sinais, uma língua SVO, afirmam que há evidência nessa língua para se defender a postulação de projeções de concordância de sujeito e de objeto, de tempo verbal e de aspecto verbal. A projeção TP dominaria NegP, que dominaria AspP, especificado positivamente como perfectivo e negativamente como imperfectivo, e esta dominaria AgrSP e AgrOP.



(Figura 9 – Modelo de Neidle & MacLaughlin (2002). Fonte: elaboração própria)

Novaes & Braga (2005), ao analisarem o comprometimento linguístico de um paciente portador de afasia agramática, apontam que há evidências para uma dissociação psiconeurológica entre noções de tempo e de aspecto. O paciente estudado parecia deter um comprometimento especificamente relacionado à veiculação de informações aspectuais. Tal paciente, contudo, não possuía qualquer comprometimento no reconhecimento e na produção de informações temporais das sentenças. A partir de tal estudo de caso, Novaes & Braga (2005) consideram que o nódulo AspP é dissociado do nódulo TP. Pelo fato de o comprometimento ter sido aspectual e não temporal, à luz de tal hipótese, os autores ainda consideram que o nódulo aspectual dominaria necessariamente o nódulo temporal, como se pode observar abaixo:



(Figura 10 – Modelo de Novaes & Braga (2005). Fonte: elaboração própria)

Nesta seção, discutiu-se acerca dos principais modelos de organização do *Middlefield*. Na próxima seção, o programa cartográfico será introduzido e serão apresentados modelos para a reestruturação do VP e do CP à luz de tal paradigma. Na próxima seção, a contribuição dos estudos cartográficos à análise da estrutura do *Middlefield* nas línguas naturais será pormenorizada.

1.3 O PROJETO CARTOGRÁFICO

Na segunda metade da década de 1990, uma nova proposta para se analisarem as categorias funcionais das línguas naturais foi aventada: o projeto cartográfico (RIZZI, 1997, 2001, 2004; CINQUE, 1999, 2004, 2006, 2010, 2017; BELLETTI, 2004). De acordo com Cinque (2006, p.3, tradução nossa), tal projeto teve como objetivo “desenhar mapas tão detalhados quanto possíveis da estrutura funcional da sentença e de seus sintagmas”. No âmbito de tal projeto, a partir do Princípio da Universalidade, de Chomsky (2001), assume-se que todas as línguas compartilham o mesmo conjunto de projeções funcionais rigidamente ordenadas entre si. Entende-se, contudo, que a variação interlinguística na expressão de tais projeções relaciona-se, mesmo que parcialmente, ao fato de que movimentos específicos²³ podem ser parametrizados nas línguas.

²³ A partir dos estudos de Ross (1967), considera-se que haveria, nas línguas naturais, a possibilidade de realização de algumas operações de movimento: movimento sem *pied-piping*, ausência de movimento, movimento com *pied-piping* do tipo *whose-picture* (expressão Wh- + DP) e movimento com *pied-piping* do tipo *pictures-of-whom* (DP + expressão Wh-). Tais movimentos podem ser, respectivamente, observados abaixo:

- a) [O que]_i você comeu t_i?
- b) Você comeu [o quê]_i?

De forma genérica, o projeto cartográfico, ao se apresentar como um empreendimento de pesquisa da Teoria de Princípios e Parâmetros²⁴, assume um conjunto de axiomas: o *Binary Branching* (“ramo binário”) (KAYNE, 1984), o *Linear Correspondence Axiom* (“axioma da correspondência linear”) (KAYNE, 1994), o Princípio da Interpretação Plena (CHOMSKY, 1995), o Princípio da Uniformidade (CHOMSKY, 2001) e o Princípio *One feature, one head* (“um traço, um núcleo”) (KAYNE, 2005). Tais axiomas são brevemente resenhados abaixo.

Kayne (1984), ao propor o *Binary Branching*, postula que qualquer nóculo não terminal possa dominar, no máximo, dois nóculos filhos. Aponta-se, ainda, que tal princípio é necessário para que não haja, por exemplo, ambigüização na retomada de um referente ou mesmo de uma anáfora. Justifica-se, assim, o *Binary Branching* por imperativos da própria Teoria da Ligação. Dessa forma, diferentemente de Culicover & Jackendoff (2005), trabalho expoente da proposta da *Simpler Syntax* (“sintaxe mais simple”), adota-se o seguinte modelo:

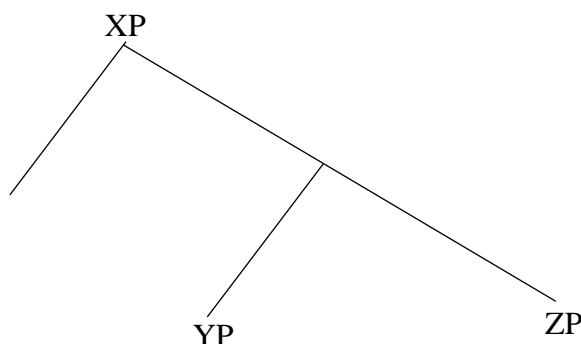
c) [Qual bolo]_i você comeu t_i?

d) [O bolo de quem] você comeu t_i?

Em a), o DP “o que” foi gerado em posição de complemento do verbo “comer”. Contudo, houve movimento desse DP para a posição de especificador de CP. Perceba, contudo, que esse DP ainda só pode ser interpretado como complemento de “comer”. Em b), o DP “o quê” foi gerado em posição de complemento do verbo “comer” e permanece *in situ* nessa posição. Em c), o DP “qual bolo” foi gerado em posição de complemento do verbo “comer” e se move à posição de especificador de CP. Perceba que tal DP, encabeçado por uma expressão Wh-, ao se mover, carrega consigo, outro DP, no caso “bolo”. A esse tipo de movimento, atribui-se o rótulo *pied-piping* do tipo *whose-pictures*, uma vez que uma expressão Wh-, ao se mover, traz consigo um outro constituinte. Em d), o DP “o bolo de quem” foi gerado, igualmente, em posição de complemento de “comer” e se moveu à posição de especificador de CP. Note que, nesse caso, o DP “o bolo”, ao se mover, leva consigo uma expressão Wh-. A esse tipo de movimento, atribui-se o rótulo *pied-piping* do tipo *pictures-of-whom*, em que um constituinte, ao se mover, leva consigo um outro elemento.

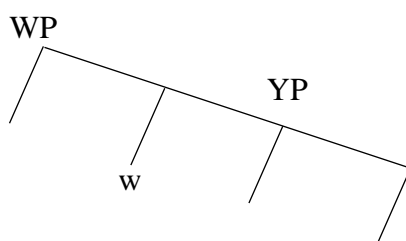
A variação interlingüística poderia ser explicada, parcialmente, pelos tipos de movimentos autorizados em cada língua. De acordo com Huang (1982), o chinês é uma língua que não admite movimento aberto de constituintes Wh- na sintaxe aberta. No caso, para formar uma sentença gramatical, o constituinte deve permanecer necessariamente *in situ*. Contudo, há movimento coberto do constituinte à posição de especificador de CP, após *spell out*, na passagem à forma lógica.

²⁴ Na tradição gerativista, assume-se que princípios especificamente linguísticos contribuem para a aquisição de uma língua. Nesse caso, diferentemente das teorias de construcionistas como a de Piaget, entende-se que o processo de aquisição de linguagem se dá pelo engatilhamento de dados do meio a princípios especificamente linguísticos presentes na Gramática Universal, ou seja, na faculdade da linguagem em seu estado inicial, e pela valoração de certos parâmetros, que podem variar interlingüisticamente. Sendo assim, todas as línguas humanas compartilhariam os mesmos princípios combinatoriais, mas se difeririam por meio do valor atribuído a certos parâmetros. Para fins de exemplificação, o Princípio da Projeção Estendido preconiza, em uma de suas versões, a noção de que toda sentença de qualquer língua teria um sujeito. Contudo, como explicar, por exemplo, a diferença entre sentenças da língua inglesa, em que há um sujeito fonologicamente marcado, como *I am fine* (eu estou bem), e sentenças da língua portuguesa, como “Estou bem”, em que não há sujeito fonologicamente marcado? Entende-se, assim, que tais línguas compartilham o mesmo princípio, mas se diferenciam em relação ao valor paramétrico desse sujeito, de forma que, em inglês, haja uma valoração negativa do parâmetro do sujeito nulo e, em português, haja uma valoração positiva de tal parâmetro. No empreendimento cartográfico, assume-se que movimentos possam ser igualmente parametrizáveis interlingüisticamente, bem como soldagem externa de categorias funcionais, o que explica, em parte, diferentes linearizações sintáticas nas línguas naturais.



(Figura 11 – Modelo de Kayne (1984). Fonte: elaboração própria)

Kayne (1994), a partir de uma análise contrastiva entre línguas, postula a Hipótese Assimétrica. No âmbito dessa proposta, apenas estruturas binárias inseridas à direita de um constituinte poderiam ser mapeadas de forma linear, ou seja, possuiriam ordenamento simétrico. Sendo assim, caso haja linearização de constituintes à esquerda de um núcleo, ter-se-ia um ordenamento assimétrico de constituintes, ou seja, um espelho do ordenamento simétrico. Como consequência de tal hipótese, assume-se que todas as línguas inicialmente possuam o mesmo ordenamento de estruturas sintagmáticas como as do inglês, uma língua SVO. Por meio da parametrização de certos movimentos, sentenças de línguas de núcleo final poderiam ser derivadas. Uma outra consequência dessa hipótese é a assunção de que especificadores e estruturas adjungidas estariam à esquerda de um núcleo, ao passo que seus complementos estariam à direita²⁵. Entende-se, ainda, que uma projeção deve conter, apenas, um único especificador. No modelo assimétrico, de Kayne (1994), preconiza-se o *Linear Correspondence Axiom*. De acordo com tal axioma, há uma relação entre ordem linear e derivação sintática. Nesse caso, sejam W e Y nós não terminais, de forma que W domina w e Y domina y, se w c-comanda assimetricamente y, então W antecede Y, como se pode observar abaixo:



²⁵ Um refinamento dessa proposta adotado pelo projeto cartográfico será apresentado no próximo capítulo.

(Figura 12 – Modelo de Kayne (1994) – C-comando assimétrico. Fonte: elaboração própria)

Como apresentado na seção 1.1, em Chomsky (1995), há a proposição do Princípio da Interpretação Plena. Nesse princípio, assume-se que, na derivação, não possa ocorrer, por exemplo, elementos estranhos às formas lógica e fonológica, que interfaceiam, respectivamente, o sistema conceitual-intencional e o articulatório-perceptual. Dessa feita, a proposição de uma categoria funcional deve ser justificada, necessariamente, por motivos internos à teoria e por imperativos dos sistemas referenciados. No empreendimento cartográfico, todas as projeções funcionais propostas possuem relevância a esses sistemas, o que justifica sua proposição à luz, inclusive, do próprio programa minimalista.

Chomsky (2001) assume explicitamente o Princípio da Uniformidade. No âmbito de tal princípio, considera-se que todas as línguas compartilhariam o mesmo conjunto de projeções funcionais de mesmo tipo e ordem. Dessa forma, não haveria parametrização de tipo nem de ordem de projeções funcionais nas línguas. A presença dessas projeções nas línguas não está condicionada, por exemplo, à especificidade morfológica. Sendo assim, mesmo que não haja uma morfologia específica para gramaticalizar determinada projeção em uma língua X, assume-se sua existência e disponibilidade a essa língua. Tal princípio subjaz o que se convencionou chamar, na cartografia sintática, de hipótese forte. Nessa hipótese, entende-se que as línguas podem parametrizar os tipos de movimento que realizam, mas não podem parametrizar o tipo e a ordem das projeções funcionais das quais a faculdade da linguagem dispõe²⁶.

²⁶ Diferentemente de tal ideia, em trabalhos como Laka (1990), Ouhalla (1991) e Campbell (1991), há a assunção de uma hipótese mais fraca. No âmbito dessa hipótese, as projeções funcionais podem ser parametrizadas quanto ao tipo e ordem nas línguas naturais. A argumentação desses autores baseia-se, de forma genérica, respectivamente no posicionamento do nóculo de negação em relação a outras projeções funcionais, como as de tempo (LAKA, 1990), na variação do posicionamento do nóculo AgrSP e TP nas línguas naturais (OUHALLA, 1991) e na variação do posicionamento do nóculo AgrSP e TP em uma mesma língua, por meio da valoração de um microparámetro (CAMPBELL, 1991). Uma terceira proposta, adotada, por exemplo, em Giorgi & Pianesi (1996), é a de que a gramática universal disponibilizaria o mesmo conjunto de projeções para as línguas naturais. Contudo, por conta do *Feature Scattering Principle*, apenas as projeções nas quais haveria uma realização morfológica específica nas línguas seriam projetadas. Nesta dissertação, a hipótese forte da cartografia sintática, baseada no Princípio da Uniformidade, será adotada. A justificativa de tal adoção é a seguinte: em uma perspectiva científica popperiana (POPPER, 2004), uma hipótese válida deve necessariamente ser falseável ou refutável, o que pode facilmente ser observado na hipótese forte. Nesse caso, por ser a mais seletiva, tal hipótese é a mais refutável de

Finalmente, em Kayne (2005), há a proposição do princípio *One feature, one head*. Além de prever a mononuclearidade de um núcleo, ou seja, a existência de apenas um traço por núcleo a ser checado por movimento, assume-se, em tal princípio, que propriedades semânticas possam ser sintatizadas, ou seja, podem ter realidade no processo de concatenação de uma sentença antes de *spell out*. De certa forma, esse princípio parece ser um refinamento do próprio Princípio da Interpretação Plena minimalista, uma vez que ambos versam sobre a relação entre categorias sintáticas e semânticas. Contudo, nesse princípio kayneano, se há evidências de determinada categoria funcional em uma língua e se tal categoria funcional tem realidade semântica, assume-se que essa será, necessariamente, sintatizada, por meio, por exemplo, de determinadas morfologias ou de realizações sintáticas, como, por exemplo, o emprego de certos advérbios²⁷.

Embora seja possível considerar que Pollock (1989) e Belletti (1990) sejam trabalhos de cartografia, atribui-se, geralmente, a Rizzi (1997) a inauguração desse projeto de pesquisa. Baseado na proposta de Pollock (1989) e de Chomsky (1986, 1993), Rizzi (1997) propõe que o domínio do CP possa, da mesma forma que o domínio de IP para Pollock (1989), ser dividido. Rizzi (1997) se baseia em uma distinção entre traço de força e traço de finitude. O traço de força especificaria o tipo de uma oração (afirmativa, interrogativa), ao passo que o traço de finitude se referiria ao sistema flexional da sentença encaixada. Rizzi (1997) assume que tais traços envolveriam núcleos funcionais distintos, uma vez que traduziriam diferentes informações de uma sentença.

Rizzi (1997), ao considerar o comportamento de complementizadores em italiano e em inglês, apresenta, ainda, uma distinção entre foco e tópico. Enquanto este expressa, em uma sentença, uma informação já dada contextualmente, aquele salienta especial ênfase a um termo da sentença que não veicula uma informação dada. Um comentário é um tipo de predicado que se aplica, por exemplo, a um tópico, ao passo que uma pressuposição é um tipo de predicado que se aplica a um foco.

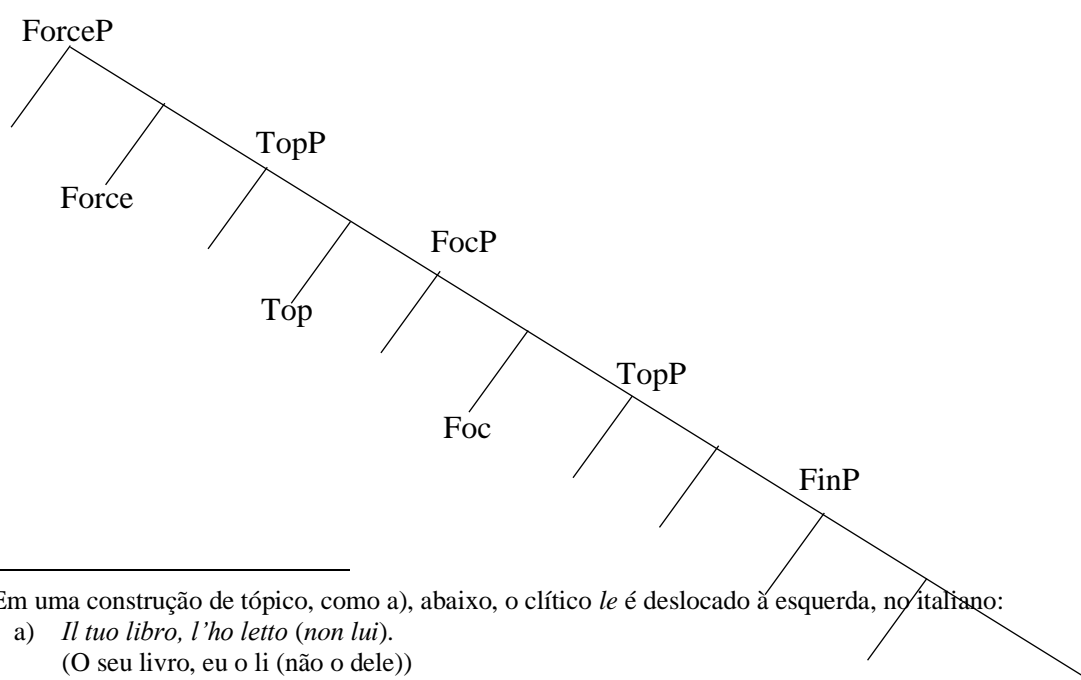
1. (a) Seu livro, você devia dar ele ao Paulo (não ao Marcelo).
- (b) Seu livro eu o li (não o dele).

todas. Isso não significa, contudo, que se objetiva, nesta dissertação, por meio da análise de dados comportamentais, de qualquer forma precipitada, elencar julgamentos acerca da plausibilidade de tal hipótese.

²⁷ Neste trabalho, o vocábulo “advérbio” é empregado como um termo “guarda-chuva”, que faz menção a tradicionais advérbios de molde (-mente) e a expressões adverbiais.

Em (1a), há um exemplo de tópico. “Seu livro” é uma informação disponível contextualmente, bem como o evento de o dar a alguém. No exemplo, “seu livro” é topicalizado e é tomado como referência pelo comentário “dar ele ao Paulo”. Nas línguas românicas, esse tipo de construção é geralmente feito por *Clitic Left Dislocation*²⁸ (Deslocamento do Clítico à Esquerda) (CINQUE, 1990). Contudo, em (1b), “seu livro” não é uma informação disponível contextualmente. Nesse caso, tal constituinte é focalizado e é tomado como referência pela pressuposição “eu li”.

À vista de tal diferença, Rizzi (1997) postula que, no domínio do CP, haja projeções dissociadas de força sentencial, tópico, foco²⁹ e finitude, referenciadas, respectivamente, como: ForceP³⁰, TopP, FocP³¹ e FinP. De acordo com Rizzi (1997), uma sentença poderia possuir múltiplos tópicos, porém um único foco³². O modelo de tal autor para a camada de CP pode ser observado abaixo:



²⁸ Em uma construção de tópico, como a), abaixo, o clítico *le* é deslocado à esquerda, no italiano:

a) *Il tuo libro, l'ho letto (non lui).*
(O seu livro, eu o li (não o dele))

²⁹ Em literaturas mais recentes (ROISENBERG & MENUZI, 2008; BIANCHI, 2015), três tipos de foco são assumidos: foco informacional, foco contrastivo, foco identificacional. O foco informacional é aquele que fornece uma informação não pressuposta (O João jantou [FOCO uma lasanha]). O foco contrastivo pode ser de dois tipos: foco contrastivo corretivo e foco contrastivo admirativo. Enquanto esse denota uma informação surpreendente (Você não vai acreditar, [FOCO uma casa], o João comprou), aquele rejeita uma proposição afirmada anteriormente ([FOCO Uma lasanha], o João comeu, não uma pizza). O foco identificacional denota uma informação não pressuposta dotada de exaustividade comum a sentenças clivadas ([FOCO Foi um casaco] que a Maria pegou. Uma vez que esta dissertação versa sobre a estrutura das projeções aspectuais imperfectivas no inglês, optou-se, neste capítulo, por resenhar trabalhos da periferia esquerda que diretamente possam contribuir para o posicionamento de advérbios imperfectivos no inglês.

³⁰ Operadores relativos do CP encaixado ocupariam a posição de especificador de ForceP, por exemplo.

³¹ Em interrogativas matriciais, o operador *Wh* se moveria à posição de especificador de FocP. De certa forma, sintagmas focalizados e operadores argumentativos parecem competir pela mesma posição e não poderia coocorrer.

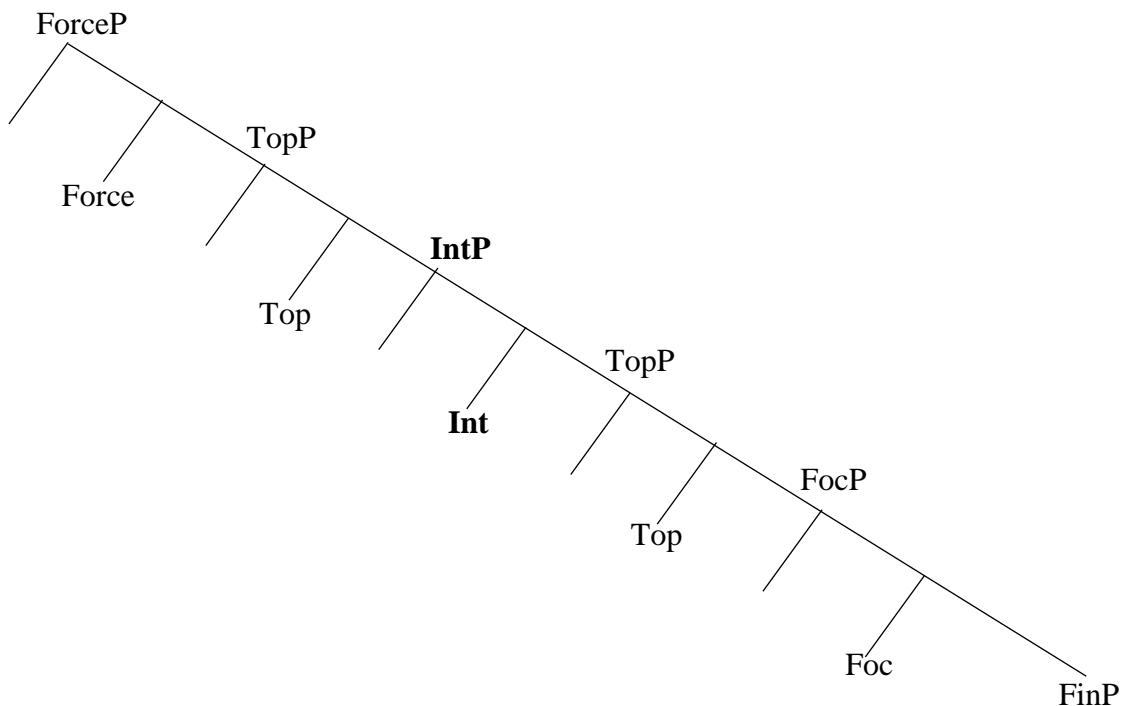
³² Tal assimetria se deve ao fato de que TopP é recursivo, enquanto FocP não o é. A não recursividade do foco decorre de uma particularidade interpretativa do próprio núcleo Foc.

Top

Fin

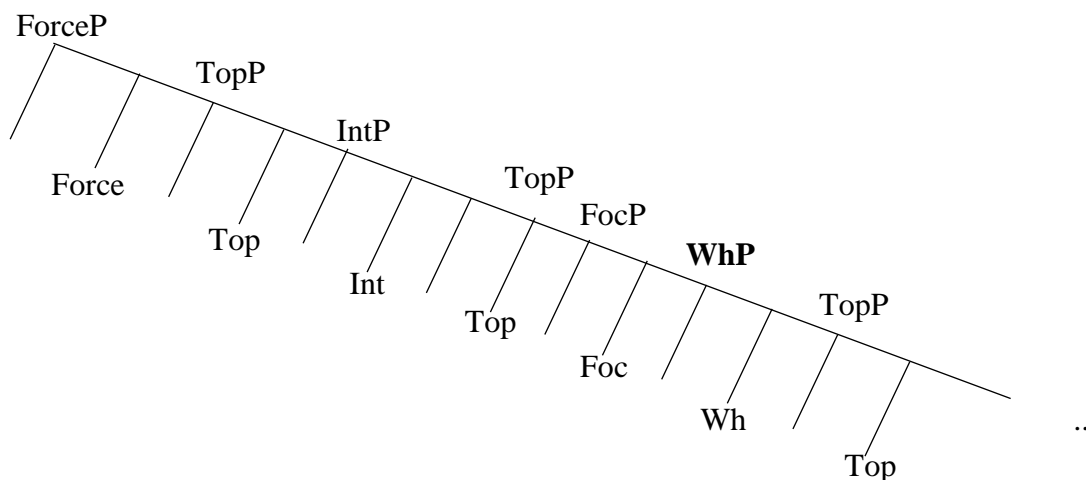
(Figura 13 – Modelo de Rizzi (1997). Fonte: elaboração própria)

Rizzi (2001), em sua análise dos complementizadores interrogativos *che* e *se* em italiano, aponta que este pode ser precedido ou seguido por um tópico, ao passo que aquele pode, apenas, ser seguido por um tópico. Para explicar esse comportamento, Rizzi (2001) propõe um refinamento maior da camada do CP, por meio da adição de uma projeção IntP, a ser alocada abaixo da projeção TopP, que é dominada por ForceP e acima da projeção extra TopP, que domina FocP. Por mais que os complementizadores interrogativos *che* e *se*, em italiano, ocorram em sentenças encaixadas, isto é, em um CP não matriz, Rizzi (2001) assume que IntP esteja presente, também, em CPs matrizes, embora, como apontado, só o seja realizado fonologicamente em contexto de CP encaixado. O modelo de Rizzi (2001) pode ser observado abaixo:



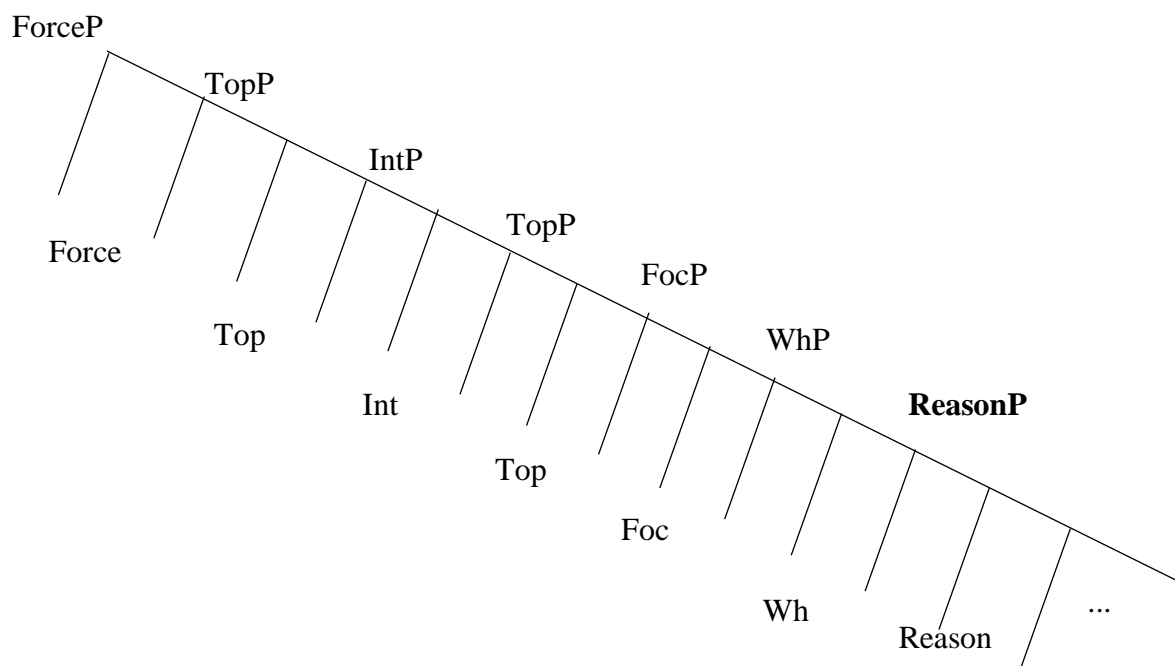
(Figura 14 – Modelo de Rizzi (2001) – CP Matriz. Fonte: elaboração própria)

No que concerne às projeções do CP encaixado, Rizzi (2001), constatando a incompatibilidade de coocorrência do foco com expressões Wh- em um CP matriz, propõe que, em sentenças encaixadas, haja uma projeção WhP, dominada diretamente pela projeção FocP, para alocar tais projeções. O modelo proposto por Rizzi (2001) para o CP encaixado pode ser observado abaixo:



(Figura 15 – Modelo de Rizzi (2001) – CP encaixado. Fonte: elaboração própria)

Shlonsky & Soare (2011), em sua análise do comportamento sintático *why* (por que), consideram que essa expressão Wh- seria soldada em posição de especificador de uma projeção ReasonP. Em línguas que admitem apenas uma única expressão Wh- na periferia esquerda e demandam movimento aberto dessa expressão, como o inglês, *why* mover-se-ia à posição de especificador de IntP, uma posição categorial Wh- de natureza distinta de WhP. Os autores apontam, ainda, que *why*, em inglês, diferencia-se de *how come* (como assim) em relação ao local em que é soldado. Enquanto *why* seria soldado em especificador de ReasonP e acessaria IntP por meio de movimento aberto, *how come* já seria soldado em especificador de IntP e, por meio do princípio de *Criterion Freezing* (Congelamento Criterial) (RIZZI, 2006), não poderia se mover, permanecendo congelado em determinada posição na derivação.



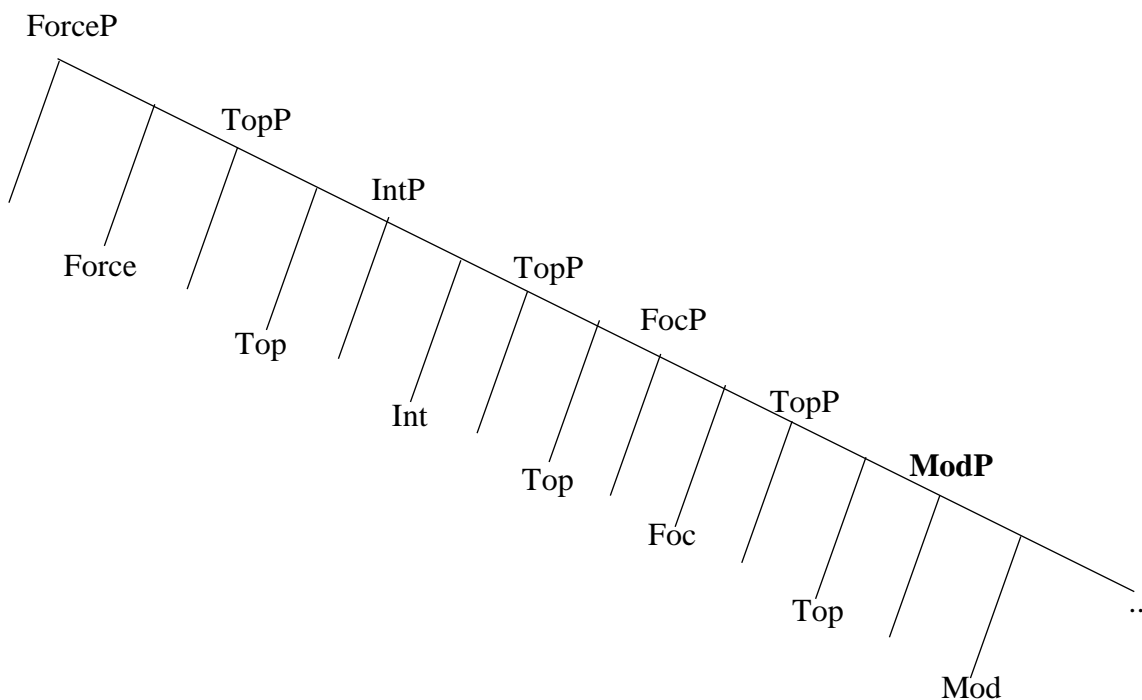
(Figura 16 – Modelo de Shlonsky & Soare (2011). Fonte: elaboração própria)

Rizzi & Bocci (2017) assumem que advérbios possam ser topicalizados ou focalizados. Contudo, tais autores apontam que há casos de fronteamento adverbial em que um advérbio é apenas colocado em evidência, sem, necessariamente, receber o *status* de tópico ou foco. No que se refere ao local em que há esse fronteamento, afirmou-se que esse deve ocorrer acima da posição mais baixa de tópico. Abaixo, pode-se observar uma sentença em que há fronteamento adverbial sem, necessariamente, haver, um tópico ou foco.

2. (a) João encontrou rapidamente a solução.
- (b) Rapidamente, João encontrou a solução.

Como se pode observar, em (2b), o advérbio “rapidamente” é fronteado. Contudo, não há um comentário ou pressuposição que justifique, por exemplo, a atribuição de um *status* de tópico ou foco à sentença sob análise. Com fins de atingir uma adequação teórica explicativa desse fenômeno, Rizzi & Bocci (2017) assumem a existência de uma projeção ModP, que

alocaria tais advérbios fronteados e não topicalizados ou focalizados. O modelo de Rizzi & Bocci (2017) é observado abaixo:



(Figura 17 – Modelo de Rizzi & Bocci (2017). Fonte: elaboração própria)

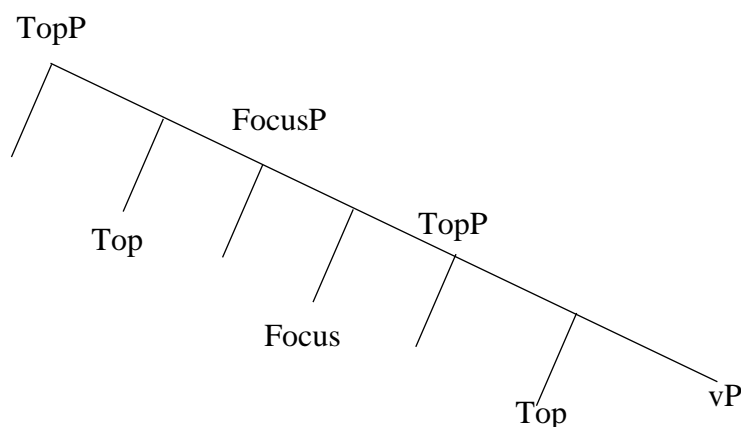
No que concerne à camada lexical, Belletti (2004), a partir do modelo de Rizzi (1997), propõe que na “área baixa do IP”, haveria uma estrutura paralela à estrutura do CP, constituindo uma periferia direita. Os argumentos da autora para postulação de uma estrutura articulada ao sintagma verbal no espírito da proposta de Rizzi (1997) são: a) a possibilidade de inversão do sujeito em línguas com parâmetro do sujeito nulo positivamente marcado³³, b) o fato de sujeitos pós-verbais seguirem advérbios baixos³⁴, c) a impossibilidade de extração de sujeitos pós-

³³ Segundo a autora, o francês possui inversão estilística do sujeito ocasionada pelo emprego do modo subjuntivo e de expressões Wh-. Além disso, o italiano teria inversão livre, o que possibilitaria a inversão do sujeito em qualquer contexto sintático.

³⁴ Como se apontará, advérbios baixos são descritos como aqueles pelos quais o núcleo V obrigatoriamente passa para gerar uma sentença gramatical. Em contrapartida, advérbios altos não podem aparecer no final de sentenças sem haver prosódia de vírgula. Assume-se, ainda, que advérbios altos podem ser encontrados entre V e seu complemento em português do Brasil, italiano e francês. Para ilustrar a argumentação da autora, observe os exemplos abaixo:

- a. Capirà completamente Maria.
“Entenderá completamente Maria”
- b. *Capirà Maria completamente.
“Entenderá Maria completamente”

verbais em inversão livre e d) a interpretação de sujeitos pós-verbais como foco³⁵. O modelo de Belletti (2004) pode ser observado abaixo:



(Figura 18 – Modelo de Belletti (2004) – Periferia Direita. Fonte: elaboração própria)

O projeto cartográfico tem como objetivo apontar a complexidade das estruturas sintáticas, por meio de uma descrição realista dos dados linguísticos analisados. Embora inicialmente esse objetivo possa ser tomado como díspar ao objetivo do próprio programa minimalista, em seus princípios de economia, tal oposição é, apenas, aparente. Chomsky (2001) assume que, embora o minimalismo lide com categorias mais gerais, como C, T, v e V, há possibilidade de tais categorias, na verdade, serem mais articuladas. Dessa forma, enquanto o minimalismo objetiva descrever o conhecimento linguístico humano por meio dessas categorias mais gerais, a cartografia objetiva refinar tal descrição, por meio de um enriquecimento das estruturas sintáticas. Não há, portanto, uma relação de oposição. Há, na verdade, uma relação de complementariedade.

Os objetivos desta seção foram: a) introduzir o projeto cartográfico, b) apresentar seus princípios, c) revisar alguns trabalhos cartográficos acerca da camada do CP e do vP e d)

Em a), o sujeito *Maria* necessariamente segue o advérbio baixo *completamente*. Caso o sujeito preceda o advérbio baixo sob análise, haverá, necessariamente, uma sentença agramatical, como se pode observar em b).

³⁵ Segundo a autora, sujeitos pós-verbais podem, em italiano, ser interpretados como foco de informação nova. Contudo, aponta-se que, com as condições pragmáticas e a entoação corretas, uma interpretação de tópico também seria possível.

- a. È partito/ há parlato Gianni.
“Partiu/falou o João”
- b. Há parlato Gianni.
“Falou o João”

Uma sentença como a) poderia ser resposta da seguinte pergunta: *Chi è partito/ ha parlato?* (Quem partiu/ que falou?). Nesse caso, há necessariamente um contexto de foco, de forma que *Gianni* é apresentado como uma informação nova. Com as condições corretas, uma sentença como b) poderia ser resposta da seguinte pergunta: *Che cosa ha poi fatto Gianni?* (Que coisa o João fez?). Nesse caso, há um contexto de tópico, de forma que *Gianni* é apresentado como uma informação dada.

apresentar a relação entre cartografia e minimalismo. No próximo capítulo, trabalhos cartográficos acerca da estrutura do IP, especialmente no que concerne às projeções aspectuais do *Middlefield*, serão pormenorizados.

2 A REPRESENTAÇÃO MENTAL DA IMPERFECTIVIDADE

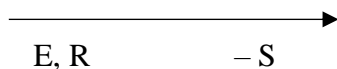
Neste capítulo, considerações acerca do conhecimento linguístico de tempo e de aspecto, bem como de sua representação mental, serão tecidas. Sendo assim, inicialmente, diferencia-se o conhecimento linguístico de tempo do conhecimento linguístico de aspecto na mente humana, por meio de estudos teóricos e experimentais. Posteriormente, apontam-se características referentes à teoria adotada neste estudo acerca da representação mental da imperfectividade na faculdade da linguagem.

2.1 O CONHECIMENTO LINGUÍSTICO DE TEMPO

O conhecimento linguístico de tempo pode ser analisado por meio de diferentes perspectivas. Neste trabalho, as propostas de Reichenbach (1948), Comrie (1985), Declerck (1986) e Parsons (1990) serão especialmente pormenorizadas. Antes de detalhar as propostas acerca da organização do conhecimento de tempo na faculdade da linguagem, faz-se relevante diferenciar a noção físico-filosófica de tempo da categoria linguística de tempo. Enquanto a primeira pode se referir, por exemplo, à sobreposição contínua de instantes em determinada realidade, a segunda se refere à codificação, nas línguas naturais, de tal sobreposição de instantes. De certa forma, algumas línguas germânicas, como o inglês, parecem diferenciar mais categoricamente esses conceitos, por meio de terminologias distintas. Enquanto o tempo não linguístico é chamado de *time*, a categoria linguística de tempo é chamada de *tense* (COMRIE, 1986).

Reichenbach (1948), ao analisar os tempos verbais em língua inglesa, propõe uma classificação que leva em consideração três pontos distintos que descreveriam uma eventualidade: o ponto de fala (doravante S – *speech*), o ponto do evento (doravante E – *event*) e o ponto de referência (doravante R – *reference*). O ponto de fala (S) referencia o momento em que se fala sobre a eventualidade, ao passo que o ponto do evento (E) referencia o momento em que o evento começa. O ponto de referência (R) referencia o momento que possibilita o estabelecimento de uma relação entre E e S. Sendo assim, para fins de exemplificação, em uma sentença como “João comeu bolo ontem”, há um evento E simultâneo a R que antecede S. Para representar noções como simultaneidade e anterioridade, empregam-se, respectivamente, vírgulas e traços, como se pode observar abaixo:

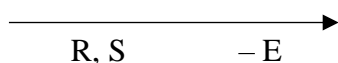
(3) João comeu bolo ontem.



(4) João come o bolo.



(5) João comerá o bolo.



Em (3), descreve-se um evento de “comer”, do qual João é agente e “bolo” é tema. O evento de comer é referenciado como simultâneo ao seu ponto de referência, antecedendo o momento da fala. Em (4), o evento de comer é simultâneo ao seu ponto de referência e a seu momento de fala. Em (5), o evento de comer é posterior ao momento de referência e ao momento de fala. Embora pareça desnecessária a postulação de um momento de referência R, tal postulação é relevante para explicar, efetivamente, o comportamento de tempos verbais como o *present perfect* (presente perfeito), o *past perfect* (passado perfeito) e o *future perfect* (futuro perfeito), em que o momento de referência se diferencia do momento do evento. Abaixo, podem ser observadas algumas codificações de tempos verbais tradicionalmente atribuídos à língua inglesa na teoria de Reichenbach.

Estrutura	Teoria de Reichenbach
E – R – S	Passado Anterior
E, R – S	Passado Simples
R – E – S	Passado Posterior
R – S, E	
R – S – E	
E – S, R	Presente Anterior
S, R, E	Presente Simples
S, R – E	Presente Posterior
S – E – R	Presente Anterior

S, E – R	
E – S – R	Futuro Simples
S – R – E	Futuro Posterior

(Quadro 2 - Estrutura de tempos verbais na teoria de Reichenbach– Adaptado de Reichenbach (1948, p.297))

Comrie (1985), Declerck (1986) e Abraçado (2020) apresentam algumas críticas à proposta de Reichenbach (1948). Comrie (1985) afirma que a noção de momento de referência não é necessária para a caracterização dos três tempos absolutos (presente, passado e futuro). Declerck (1986) considera que tal teoria carece de adequação descritiva e explicativa pelos seguintes fatores: a) há uma geração em excesso de possibilidades de tempos verbais (vide quadro), que, muitas das vezes, não são encontrados em línguas naturais, b) o sistema de Reichenbach (1948), embora gere em excesso tempos verbais, é, paradoxalmente, muito simples, uma vez que considera a existência de apenas um ponto de referência, quando seriam necessários, no mínimo, dois pontos de referência para descrever sentenças como *I shall have been going to see John* (Eu teria ido ver João) e c) há um problema no sistema de Reichenbach (1948) na descrição de sentenças como *When I arrived, Peter had tried to phone me twice during the preceding week* (Quando eu cheguei, Pedro tinha tentado me telefonar duas vezes durante a semana anterior), uma vez que não haveria qualquer categoria, nesse sistema, que descreveria a função de “durante a semana anterior”. Abraçado (2020) aponta que, na teoria de Reichenbach (1948), não há como diferenciar, no inglês, o condicional perfeito (*I would have sung* – Eu teria cantado) do futuro perfeito (*I will have sung* – Eu terei cantado), posto que, em ambos, o momento do evento é posterior ao momento de fala. Tal autora considera, ainda, que tal teoria parece ser inadequada para a sistematização de outras línguas além do inglês, uma vez que gera em excesso tempos verbais que não são encontrados em línguas naturais.

No que concerne à proposta de Comrie (1985), aponta-se que tal autor considera o tempo linguístico como uma categoria dêitica, isto é, uma categoria linguística que denota a localização de eventualidades em relação a um momento no tempo. No âmbito dessa definição, diferencia-se tempo primitivo de tempo derivado. Enquanto tempos primitivos localizam uma eventualidade em relação ao momento de fala (presente, passado e futuro simples), tempos derivados localizam uma eventualidade em relação a um momento que não seja de fala (pretérito perfeito composto, pretérito mais-que-perfeito, futuro perfeito, entre outros). Comrie (1985) adota as noções de simultaneidade, anterioridade e posterioridade para descrever os

tempos verbais. Segundo esse autor, por exemplo, a diferença entre o passado simples e o pretérito perfeito composto poderia ser entendida, mesmo que parcialmente, como aspectual, uma vez que não haveria qualquer distinção nas relações de simultaneidade, anterioridade e posterioridade estabelecidas entre esses tempos. Tal sistema apresenta-se como econômico e altamente descritivo, remediando alguns problemas da análise de Reichenbach (1948). Declerck (1986) considera, contudo, que há problemas na análise de Comrie (1985). Especificamente persistem os problemas b) e c), descritos no parágrafo anterior, atribuídos à proposta de Reichenbach (1948).

Em relação à proposta de Declerck (1986), salienta-se que esse autor adota a perspectiva de existência de múltiplos momentos de referência. Segundo esse autor, o momento de referência pode ser de quatro tipos: TR (*time referred to* – tempo referido a, em que a eventualidade é referida), TO (*time of orientation* – tempo de orientação, em que a eventualidade é relatada), TS (*time of the situation* – tempo da situação, em que a eventualidade se prolonga) e TU (*time of speech* – tempo de fala). Sendo assim, para descrever uma sentença como *John left at 5 o'clock after the others had left at 4* (João saiu às cinco depois dos outros terem saído às 4), considera-se que: a) haveria um TR inicial veiculado pelo adjunto *at 4*, b) esse TR é simultâneo a um TS inicial instanciado por *the other had left*, c) a relação entre o TR e o TS iniciais é anterior a um TO, que pode ser entendido como um segundo TR instanciado por *at 5 o'clock*, d) esse TR2 é simultâneo a um TS2, gramaticalizado por *John left*, e) a relação entre TR2 e TS2 é anterior a um TU, que descreve o momento de fala. Embora o sistema de Declerck (1986) pareça remediar alguns dos problemas apresentados em Reichenbach (1948) e Comrie (1985), tal proposta carece de dados que a substanciem. De certa forma, a proposta de Declerck (1986) parece ser pouco econômica e custosa do ponto de vista cognitivo.

De forma genérica, neodavidsonianos, como Parsons (1990) especificamente, apresentam um interessante tratamento acerca da categoria linguística de tempo. Esse autor acrescenta à análise de Davidson (1969) a noção de culminância e prolongamento, bem como operadores lógicos temporais de presente, passado e futuro. Sendo assim, para descrever, por exemplo, a forma lógica de uma sentença como “Brutus feriu César com uma faca”, tem-se que: PAST ($\exists e$) [ferir (e) & Agente (e, Brutus) & Paciente (e, César) & Com (e, uma faca) & Culm (e, antes de agora)]³⁶. Em contrapartida, para descrever a forma conceptual de uma

³⁶ Leia da seguinte forma: existe um evento passado, esse evento é ferir, o agente do evento de ferir é Brutus, o paciente do evento de ferir é César, o evento de ferir se deu por uma faca e o evento de ferir culmina (ou seja, atinge seu fim) antes de agora.

sentença estativa como “Maria amará João”, tem-se que: FUT ($\exists e$) [amar (e) & Experienciador (e, Maria) & Paciente (e, João) & Hold (e, depois de agora)]³⁷.

Observa-se, assim, que, enquanto a noção de culminância é empregada para descrever eventualidades não estativas, a noção de prolongamento é utilizada para descrever uma eventualidade estativa necessariamente. Parsons (1990) considera ainda que alguns advérbios parecem ser modificadores de evento, ao passo que outros advérbios não o são, como, por exemplo, os focalizadores (só, ainda, apenas). Por conta dos objetivos deste trabalho, adota-se a proposta de Parsons (1990) para designar a forma lógica de sentenças temporais.

Portanto, nesta seção, foram apresentadas algumas teorias acerca da organização do conhecimento de tempo na cognição linguística humana. Embora o objetivo geral deste trabalho seja investigar a imperfectividade, uma noção aspectual, entende-se que o contraste entre diferentes teorias de organização do conhecimento de tempo seja relevante para se justificarem questões de *design* experimental neste trabalho. Na próxima seção, considerações acerca do conhecimento linguístico de aspecto serão tecidas.

2.2 O CONHECIMENTO LINGUÍSTICO DE ASPECTO

A categoria linguística de aspecto é tradicionalmente compreendida como as diferentes maneiras de conceber a estrutura temporal interna de um evento (COMRIE, 1976)³⁸. No âmbito de tal definição, faz-se relevante diferenciar as informações aspectuais que podem ser gramaticalizadas nas línguas por meio de morfologia, advérbios e partículas específicas das informações aspectuais que são inerentes aos constituintes lexicais de um enunciado. Enquanto para este se emprega o termo *aktionsart* (ou aspecto inerente/lexical), para aquele se emprega aspecto gramatical (ou de ponto de vista).

No que concerne ao aspecto gramatical, faz-se referência a uma diferenciação entre eventualidades atômicas, concebidas como um todo indivisível, e eventualidades não atômicas, que enfatizam as fases internas de uma situação. Comrie (1976) emprega o termo “aspecto perfectivo” para descrever eventualidades atômicas, ao passo que utiliza o termo “aspecto

³⁷ Leia da seguinte forma: existe um estado futuro, esse estado é amar, o experienciador desse estado é Maria, o paciente desse estado é João e esse estado se prolonga até o momento depois de agora.

³⁸ Embora haja outras teorias em relação à categoria de aspecto (TRAUGOTT, 1975; LAMIROY, 1987; entre outras), optou-se pela proposta de Comrie (1976) por se encaixar mais plenamente aos objetivos deste trabalho. Como se poderá observar, há uma relação entre o que Comrie (1976) chama de aspecto imperfectivo e o conjunto de projeções aspectuais estudadas neste trabalho.

imperfectivo” para denotar eventualidades não atômicas. Em “Maria comeu o lanche”, há a referência a uma eventualidade passada de “comer”, da qual “Maria” é agente e “lanche” tema, que não é descrita com ênfase em suas múltiplas fases internas, isto é, que é apresentada como não divisível, instanciando o que se convencionou chamar de aspecto perfectivo. Entretanto, em “Maria comia o lanche”, há a referência a uma eventualidade igualmente passada de “comer”, da qual “Maria” ainda é agente e “lanche” tema, que é descrita com ênfase em suas múltiplas fases internas, de forma que faça sentido pensar no início, no meio e/ou nas etapas finais da eventualidade denotada, instanciando o que se convencionou chamar de aspecto imperfectivo.

Ainda no que se refere ao aspecto gramatical imperfectivo³⁹, para Comrie (1976), há uma diferenciação entre imperfectividade habitual e imperfectividade contínua⁴⁰. O aspecto imperfectivo habitual instanciará uma eventualidade descrita como rotineira a determinado momento de referência. Em contrapartida, o aspecto imperfectivo contínuo instanciará uma eventualidade descrita como simultânea a determinado momento de referência, isto é, que ocorrerá em um mesmo intervalo “I” em que ocorrerá o momento denotado. Dessa forma, em uma sentença como “Maria (geralmente) comia o bolo”, há a referência a uma eventualidade passada de “comer”, da qual “Maria” é agente e “bolo” é tema, descrita como dotada de fases internas e constituída por múltiplas ocorrências ordenadas da comilança do bolo, apresentadas de forma rotineira ao momento de referência, instanciando, assim, o que se convencionou chamar de aspecto imperfectivo habitual. Nesse caso, faz sentido pensar, por exemplo, que, em todo final de semana, Maria comia um bolo “X”, mas não o comia nos dias da semana, tampouco comia um bolo “Y” nos finais de semana. Em uma sentença como “Maria estava comendo o bolo”, há a referência a uma mesma eventualidade passada de “comer”, da qual “Maria” é agente e “bolo” é tema, descrita como dotada de fases internas e que ocorre em um intervalo I’ semelhante a um intervalo I referenciado, instanciando, assim, o que Comrie (1976)

³⁹ De acordo com Jakobson (1971 *apud* CANÇADO E AMARAL, 2016, p. 143), “o imperfectivo é considerado uma forma não marcada semanticamente, pois apresenta distinções na marcação de determinada língua e apresenta grande variação entre as línguas”. Essa concepção é dialógica com a de Haspelmath (2016 *apud* CANÇADO & AMARAL, 2016, p. 143), que salienta que formas semanticamente marcadas são mais específicas, ou seja, de uso mais restrito, do que formas não marcadas.

⁴⁰ Para fins de elucidação, cabe ressaltar que o que Comrie (1976) chama de aspecto contínuo não deve se confundir com o que Cinque (1999) classifica como aspecto contínuo. Para Cinque (1999), o aspecto contínuo alocaria, em seu especificador, o advérbio *Always* (sempre) e descreveria uma eventualidade que ocorre de forma não interrompida em um intervalo, prolongando-se sem remissão até o fim. Para Comrie (1976), o aspecto imperfectivo contínuo descreveria uma eventualidade que ocorre de forma simultânea a um momento de referência.

chama de aspecto imperfectivo contínuo. Nesse caso, entende-se que, para todo instante X, tal que X pertença ao intervalo I', estende-se a eventualidade de “comer o bolo”.

Comrie (1976) considera, ainda, que o aspecto imperfectivo contínuo poderia ser dividido em dois subtipos: aspecto imperfectivo contínuo progressivo e aspecto imperfectivo contínuo não progressivo. Embora Comrie (1976:25-26;102-103) atribua ora essa assimetria a uma questão morfológica ora a uma questão semântica, adota-se, neste trabalho, a interpretação de que o aspecto progressivo ocorra quando há emprego categórico da morfologia progressiva, compreendida, no inglês, por exemplo, como a locução “*be* + verbo principal + *-ing*”, ao passo que o aspecto não progressivo ocorra quando não há emprego categórico de tal morfologia⁴¹. Isso não significa afirmar, contudo, que se descarte a assunção de que progressividade se oponha ao que tradicionalmente se chama de genericidade ou aspecto genérico (CINQUE, 1999), como se observa no par de sentenças “Mamíferos são seres vivos” x “*Mamíferos estão sendo seres vivos”, ou então “Esse carro corre 60 km por hora” x “Esse carro está correndo 60 km por hora”.

Em relação à categoria de progressividade, faz-se menção, ainda, às considerações de Montague (1973), Bennett e Partee (1972/1978/2004) e Dowty (1977). Montague (1973) considera que uma sentença progressiva é verdadeira em um determinado momento “*t*” se e apenas se a sentença correspondente não progressiva é verdadeira em todos os momentos de um intervalo aberto em “*t*”. Bennett e Partee (1972) apontam a existência de um operador semântico PROG. Para esses autores, [PROG, Ø] é verdadeiro em um intervalo I, se e somente: a) exista um intervalo I', de forma que I esteja contido em I', b) I não seja um subintervalo final de I' e c) a eventualidade instanciada seja verdadeira em I'. Contudo, Dowty (1977) aponta que, além de estabelecer relações temporo-aspectuais, PROG é um tipo de operador temporo-aspectual-modal. Em um refinamento da proposta anterior, para Dowty (1977), [PROG, Ø] é verdadeiro em um intervalo I e W, se e somente se: a) exista um intervalo I', de forma que I esteja contido em I', b) exista um mundo W' para o qual a eventualidade denotada seja verdadeira em I' e W' e c) W seja exatamente semelhante a W' em todos os instantes que precedem e seguem I. Sendo assim, em uma sentença como “Ana está atravessando a rua”, há uma eventualidade presente de “atravessar”, da qual “Ana” é agente e a “rua” tema, descrita

⁴¹ De acordo com Garcia (2010, p.150 *apud* CANÇADO E AMARAL, 2016, p.143), “nem mesmo Comrie chegou a dar uma definição das circunstâncias em que o aspecto contínuo não progressivo ocorreria, nem fornece exemplos”. À vista disso, Cançado e Amaral (2016) assumem, apenas, a divisão conceitual entre imperfectivo habitual e imperfectivo contínuo.

como verdadeira em um mundo W' em um intervalo I' . Esse intervalo I' contém um subintervalo I , em que ocorre a mudança de *status* da rua (atravessada x não atravessada).

Em relação à categoria de *aktionsart*, faz-se referência, inicialmente, ao trabalho seminal de Vendler⁴² (1957) sobre os diferentes predicados verbais de língua inglesa. Embora Vendler (1957) não atribua diretamente e categoricamente sua proposta a um fenômeno de natureza aspectual, esse trabalho é considerado como um marco na descrição dos tipos de eventualidades que podem se fazer presentes nas línguas humanas. Empregando critérios sintáticos e semânticos, como a felicidade de emprego de certos predicados verbais com a morfologia progressiva em inglês, Vendler (1957) apresenta quatro tipos de predicados: atividades, estados, *achievements* e *accomplishments*.

De acordo com o autor, verbos de atividade poderiam ser empregados com a morfologia progressiva, descrevem eventos que demandam gasto de energia para serem realizados e são homogêneos. Verbos de estado não poderiam ser empregados com a morfologia progressiva, não descreveriam processos que demandam gasto de energia para serem realizados e denotam necessariamente um processo homogêneo, ou seja, com partes internas de mesma natureza. Verbos de *accomplishment* poderiam ser empregados com a morfologia progressiva, descreveriam eventos que preconizam gasto de energia para serem realizados e que são de natureza contínua e delimitado, apontando para um ponto final inerente. Finalmente, verbos de *achievement* não poderiam ser empregados com a morfologia progressiva e descreveriam eventos que igualmente preconizam gasto de energia para serem realizados, mas são instantâneos e delimitados. Abaixo podem ser encontrados exemplos de sentenças com *aktionsart* distintos, respectivamente atividade, estado, *accomplishment* e *achievement*:

(6) *John runs.*

“João corre”

(7) *John loves Mary.*

“João ama Maria”

(8) *John runs a Marathon.*

“João corre uma maratona”

(9) *John reaches the summit.*

“João atinge o cume”

⁴² Malgrado Vendler (1957) seja amplamente citado na literatura de *aktionsart*, cabe salientar que outras teorias (MOURELATOS, 1978; BACH, 1986) também se destacam nessa literatura. Em virtude do objetivo deste trabalho, optou-se por contemplar mais diretamente as considerações propostas por Vendler (1957).

Em (6), há a descrição de um evento presente de “correr” do qual “João” é agente. O evento apresentado é continuativo, com partes internas, que demandam gasto de energia por seu agente para ser realizado. Em (7), há a descrição de um processo de “amar” do qual “João” é experienciador e “Maria” tema. O processo apresentado é homogêneo, ou seja, possui partes internas de natureza semelhante. Além disso, não se preconiza um dispêndio de energia por parte de “João” para experienciar o amor que se tem por “Maria”. Em (8), há a descrição de um evento de “correr” do qual “João” é agente e “maratona” tema. O evento apresentado é continuativo e delimitado, ou seja, aponta para o final do evento de correr desempenhado por João: a maratona⁴³. Em (9), há a descrição de um evento presente de “atingir”, do qual “João” é agente e “o cume” tema. O evento apresentado é delimitado e instantâneo, ou seja, não possui duração interna⁴⁴. Portanto, os eventos apresentados possuem respectivamente *aktionsart* do tipo: atividade, estado, *accomplishment* e *achievement*.

Comrie (1976), ao analisar os *aktionsarten* de língua inglesa, diferencia-os por meio de três pares de propriedades: pontualidade e duratividade, estatividade e dinamicidade e, finalmente, telicidade e atelicidade. De forma genérica, enquanto o traço de pontualidade faz referência a eventos que não perduram no tempo, ou seja, não possuem duração interna, o traço de duratividade se refere a eventos que perduram no tempo, possuindo duração interna. O traço de estatividade descreve processos em que não há gasto de energia por conta de seu agente ou experienciador, ao passo que o traço de dinamicidade descreve eventos em que há dispêndio de energia por conta de seu agente. O traço de telicidade⁴⁵, genericamente, concerne à demarcação linguística de um ponto final do evento considerado, ao passo que o traço de atelicidade se refere à ausência de demarcação linguística de um ponto final do evento considerado. A partir de tais oposições de traços, infere-se que, em (6), há a descrição de um evento durativo, dinâmico e atélico. Em (7), há a descrição de um processo durativo e estativo⁴⁶. Em (8), há a descrição de um evento durativo, dinâmico e atélico. Em (9), há a descrição de um evento pontual, dinâmico e atélico.

À vista disso, Smith (1997) propõe uma classificação de *aktionsart* que leva em consideração as oposições de traços apresentadas anteriormente e suas possíveis especificações

⁴³ João só correrá até o fim da maratona. Depois da maratona, João não desempenhará o evento de “correr”.

⁴⁴ Em uma sentença como essa, faz-se referência apenas ao instante em que “João” alcança de fato o cume.

⁴⁵ Segundo Basso (2011, p. 116), “atélico é todo e qualquer evento sobre o qual é possível falar de um de seus télos ou ponto final ou ainda culminação”.

⁴⁶ Como se observará, o traço de telicidade é descrito em algumas análises, como a de Smith (1991), como não relevante para definição do *aktionsart* de estado.

para cada predicado verbal vendleriano. A autora ainda adiciona um quinto *aktionsart*, que faz referência a eventos pontuais e atélcos, como se pode observar no quadro abaixo:

<i>Aktionsart</i>	Pontualidade	Estatividade	Telicidade
Atividade	[-]	[-]	[-]
Estado	[-]	[+]	- ⁴⁷
<i>Accomplishment</i>	[-]	[-]	[+]
<i>Achievement</i>	[+]	[-]	[+]
Semelfactivo	[+]	[-]	[-]

(Quadro 3 – Classificação de *aktionsart* nas línguas naturais – Adaptado de Smith (1997, p. 20))

Sendo assim, o *aktionsart* atividade seria classificado pela especificação negativa dos traços de pontualidade, estatividade e telicidade. O *aktionsart* estado seria classificado pela especificação negativa do traço de pontualidade e a especificação positiva do traço de estatividade. O *aktionsart accomplishment* seria classificado pela especificação negativa dos traços de pontualidade e estatividade e pela positiva do traço de telicidade. O *aktionsart achievement* seria classificado pela especificação negativa do traço de estatividade e pela positiva dos traços de pontualidade e telicidade. Finalmente, o *aktionsart* semelfactivo seria classificado pela especificação positiva do traço de pontualidade e pela negativa dos traços de estatividade e telicidade. Sendo assim, em uma sentença como *John coughs* (“João tosse”), haveria a descrição de um evento inerentemente pontual, mas dinâmico e atélco, diferenciando-se, portanto, de uma sentença como *John dies* (“João morre”), em que há um evento do tipo *achievement*, pontual, dinâmico e télco.

Dowty (1979) apresenta alguns testes para diferenciar *aktionsarten* de atividades, de estados e de *achievements*. Segundo Dowty (1979, p. 54, tradução nossa), “atividades e performances podem ocorrer em tempos progressivos”. Contudo, estados, desde Vendler (1957), são descritos como incompatíveis com tempos progressivos. *Achievements*, segundo Dowty (1979), podem ocorrer com sintagmas adverbiais de molde “em x tempo” (*John noticed the painting in a few minutes* – João notou a pintura em alguns minutos), porém não podem ocorrer com sintagmas adverbiais durativos de molde “por x tempo” (**John noticed the painting for a few minutes* – *João notou a pintura por alguns minutos). *Achievements* são inaceitáveis como complementos de verbos como *to finish* (terminar) e *to stop* (parar), como se

⁴⁷ Considerado por Smith (1997) como não relevante para definição de estados.

pode observar em **John finished noticing the painting* (*João terminou de notar a pintura) e **John stopped noticing the painting* (*João parou de notar a pintura). Dowty (1979) diferencia verbos de *achievement* agentivos de verbos de *achievement* não agentivos, utilizando como diagnóstico dessa diferença a possibilidade daqueles verbos ocorrerem no modo imperativo. Sendo assim, verbos de *achievement* agentivos em inglês, como *to kill* (matar) e *to point out* (apontar), podem ocorrer em sentenças imperativas, ao passo que verbos de *achievement* não agentivos, como *to notice* (notar), *to realize* (perceber) e *to ignite* (acender), não poderiam ocorrer em sentenças imperativas.

Rothstein (2004), ao analisar contextos de emprego de certos sintagmas de molde “em x tempo” e “por x tempo”, considera que eventos descritos como atélicos só poderiam ser combináveis com sintagmas deste molde, ao passo que eventos descritos como télicos só poderiam ser combináveis com sintagmas daquele molde. Sendo assim, infere-se que *aktionsarten* especificados positivamente para o traço de telicidade, como os *accomplishments* e os *achievements*, ocorram prototipicamente com sintagmas preposicionados com função adverbial de molde “em x tempo”. Contudo, *aktionsarten* especificados negativamente para o traço de telicidade, como as atividades e os estados, ocorrem prototipicamente com sintagmas adverbiais de molde “por x tempo”.

Kiss Katalin (2011) apresenta alguns testes para diferenciar verbos de *achievement* (pontuais télicos) de verbos semelfactivos (pontuais atélicos) em inglês. Segundo essa autora, por conta da natureza télica de verbos de *achievement*, estes podem ser empregados em contextos de motivação adjetival deverbal em sintagmas nominais, ao passo que verbos semelfactivos não o podem, por conta de sua natureza atélica. Sendo assim, em inglês, sintagmas nominais como *the shattered window* (a janela despedaçada) são possíveis pelo fato de o adjetivo *shattered* ser oriundo do verbo de *achievement* *to shatter* (despedaçar), de natureza télica. Contudo, em inglês, sintagmas nominais como **the flashed light* (?a luz piscada) não seriam possíveis, pois o modificador *flashed* é oriundo do verbo semelfactivo *to flash* (piscar), de natureza atélica. Portanto, em construções adjetivais deverbais de verbos de *achievement*, há implicação de mudança de estado resultativa, ao passo que, em construções deverbais de verbos semelfactivos, não haveria ideia de mudança de estado resultativa em inglês.

Convém apontar as considerações de Kratzer (1996) sobre os diferentes *aktionsarten*. Segundo a autora, há uma relação entre os distintos *aktionsarten* e o papel temático do argumento externo, que é construída por meio de uma operação lógica de *Event Identification* (Identificação do Evento – doravante EI). Sobre a natureza dessa operação, aponta-se que essa

“toma uma função F e uma função G como *input* e constrói uma função H como *output*” (KRATZER, 1996, p. 122, tradução nossa). Adotando “s” para representar o tipo de evento, “e” o tipo de indivíduo e “t” como o tipo de valores de verdade atribuído à proposição, tem-se: $f(\langle e, \langle s, t \rangle \rangle)$ e $g(\langle s, t \rangle)$ que constroem $h(\langle e, \langle s, t \rangle \rangle)$. Isso significa, por exemplo, que proposições como $\langle s, t \rangle$ são funções que relacionam eventos a valores de verdade e as funções como $\langle e, \langle s, t \rangle \rangle$ seriam aquelas que relacionariam indivíduos a eventos e a valores de verdade. A compreensão dessa operação é necessária para se entender a relação entre *aktionsarten* e argumento externo. Por isso, será analisado o seguinte exemplo: “Ana come o bolo”. Neste exemplo, têm-se duas partes importantes da proposição: seu agente (Ana) e o predicado (come o bolo). Adotando os pressupostos de Kratzer (1996), haveria, assim, a seguinte operação de EI: $f(\lambda_x \lambda_s [\text{Agente}(x)(e)])$ e $g(\lambda_{es} [\text{comer}(\text{o bolo})(e)])$ formaria $h(\lambda_{ex} \lambda_{es} [\text{Agente}(x)(e) \ \& \ \text{comer}(\text{o bolo})(e)])$.

Kratzer (1996) argumenta que *aktionsarten* são derivados por princípios de seleção para o argumento do evento. Esses argumentos do evento podem ser restritos a atividades, estados etc. Sendo assim, considera-se que um predicado de atividade, como “lavar as roupas”⁴⁸, denotaria uma função parcial que seria ordinária a eventos de atividade. Por meio dessa operação de EI, haveria um tipo de “inspeção de compatibilidade” entre os constituintes que compõem uma sentença. Dessa forma, verbos de atividade selecionariam argumento externo agentivo, ao passo que verbos de estado selecionariam argumento externo do tipo *Holder* e os outros tipos de verbo começariam com uma marcação de voz não ativa⁴⁹, sem um argumento externo em si. Para se exemplificar o que se intenciona dizer, será analisada a seguinte sentença: “Maria tem uma casa”. Nesta sentença, há Maria, que é o *Holder* do estado de “possuir algo”, e “tem uma casa”, que indica o termo “possuído” por Maria. Para que a sentença faça sentido, é necessário haver uma compatibilidade entre os traços que descrevem esses dois constituintes, a saber: $\lambda_{xe} \lambda_{ss} [\text{Holder}(x)(e)]$ e $\lambda_{ss} [\text{ter}(\text{uma casa})(s)]$ geram $(\lambda_{xe} \lambda_{se} [\text{Holder}(x)(e) \ \& \ \text{ter}(\text{uma casa})(s)])$. Há, assim, uma compatibilidade entre o “s”, que designa estados no predicado “tem uma casa”, e o papel de *Holder* desempenhado pelo argumento externo Maria.

Finalmente, aponta-se um conjunto de estudos experimentais em relação à organização do conhecimento linguístico de tempo e aspecto na mente/cérebro, a saber: Morrow (1990), Magliano & Schleich (2000), Ferreti, Ruas & McRae (2007), Baggio (2008), Zhang & Zhang

⁴⁸ Exemplo de Kratzer (1996:122).

⁴⁹ Kratzer (1996) afirma que núcleos de voz ativa são capazes de introduzir argumentos externos e checar caso acusativo, ao passo que núcleos de voz não ativa não introduziriam argumentos externos e não checariam caso acusativo.

(2008), Ferreti et al. (2009), Dragoy et al. (2012), Collart & Chan (2021). Optou-se por contemplar estudos experimentais nesta revisão de leitura de aspecto, pela necessidade de triangularizar, empiricamente, construtos teóricos que venham a ser referência na análise a ser empreendida neste estudo.

Morrow (1990) considera que há uma relação entre aspecto gramatical e a localização atribuída a certos argumentos verbais. Tal autor desenvolveu um teste em que participantes memorizaram os cômodos (cozinha, banheiro, sala de estar e corredor) de uma casa e depois foram convidados a ler sentenças perfectivas e imperfectivas descrevendo deslocamento entre esses cômodos, com o objetivo de se adivinhar a localização de determinadas imagens. Quando o aspecto imperfectivo foi empregado, os participantes foram mais propensos a localizar a imagem, por exemplo, entre a cozinha e o quarto, ou seja, nos cômodos que seriam fonte ou alvo respectivamente. Quanto o aspecto perfectivo foi empregado, os participantes foram mais propensos a localizar a imagem, por exemplo, no alvo, no caso, no quarto descrito.

Magliano & Schleich (2000), por meio de dados comportamentais extraídos de quatro experimentos, apontam que situações descritas com o aspecto imperfectivo são prototipicamente compreendidas como simultâneas a um momento de referência, ao passo que situações descritas com o aspecto perfectivo são prototipicamente compreendidas como atômicas. Aponta-se, assim, para uma primazia da interpretação de sentenças imperfectivas evocando o valor de continuidade.

Ferreti, Kutas & McRae (2007), por meio de dados comportamentais (testes *off-line* de completar sentenças) e neurobiológicos (metodologia de ERP⁵⁰), consideram que o aspecto verbal influencia a ativação de conhecimento de mundo em relação a eventos. Especificamente, aponta-se que há uma relação entre a localização de eventos e o aspecto verbal empregado em uma sentença. Por exemplo, determinada localização de um evento, como uma quadra, seria “primada” ao ser seguida por verbos empregados no aspecto imperfectivo (jogando futebol), não por verbos empregados no aspecto perfectivo (jogou futebol). Além disso, em um teste de preenchimento de lacuna, chegou-se à conclusão de que pessoas tendem a gerar sintagmas preposicionais locativos mais frequentemente em sentenças no aspecto imperfectivo, comparativamente a sentenças no aspecto perfectivo. Finalmente, controlando as variáveis independentes de dois níveis Aspecto (perfectivo/imperfectivo) e Expectativa (alta/baixa) e medindo a amplitude dos potenciais N400 e *Mismatch Negativity*, tais autoras obtiveram

⁵⁰ *Event related potentials* (potenciais evocados por eventos).

interessantes resultados por meio da metodologia de ERP. Os participantes do teste de EEG⁵¹ obtiveram expectativas mais altas em sentenças com o aspecto imperfectivo contínuo no que concerne à integração de sintagmas locativos aos verbos considerados. A amplitude do potencial N400, que está relacionada a efeitos de quebra de expectativa semântica e ao acesso lexical, foi mais baixa em sentenças imperfectivas com sintagmas locativos semanticamente compatíveis à eventualidade descrita nas sentenças, comparativamente a sentenças perfectivas e imperfectivas com sintagmas locativos semanticamente não compatíveis à eventualidade descrita. Sendo assim, a amplitude do potencial N400 em relação a substantivos locativos varia em função do aspecto verbal e de protipicidade. A amplitude também da *Mismatch Negativity* no lobo frontal, relacionada igualmente a efeitos de imprevisibilidade semântica, foi maior, ou seja, com maior estranhamento, em sentenças perfectivas com sintagmas preposicionais locativos, comparativamente a sentenças imperfectivas com os mesmos sintagmas. Tal estudo apresenta evidências para uma real dissociação mental, com implementação neurofisiológica, entre o conhecimento linguístico de aspecto perfectivo e o de aspecto imperfectivo.

Baggio (2008), em sua investigação acerca do processamento de morfologia e advérbios temporais no holandês, aponta que, no processamento de sentenças cujos verbos possuam morfologia verbal díspar ao tempo elicitado por seus adjuntos (*No domingo passado, Vicente pintará a janela), o potencial LAN⁵² e o P600 (de 400 a 700 milissegundos após o estímulo) emergiram. Esses potenciais estão relacionados, de certa forma, a incongruências na formulação composicional do significado de uma proposição e a incongruências no processo de concatenação sintática. Compreende-se que tal estudo apresenta evidências para uma dissociação entre as noções temporais de presente, passado e futuro e para uma sensibilidade na identificação das restrições de certos adjuntos temporais na concatenação sintática.

Zhang & Zhang (2008), ao investigarem o sistema aspectual do chinês, consideram que há violações de concordância temporal em sentenças com aplicação do morfema perfectivo (-le) ao marcador de imperfectividade (*zhengizai*) nessa língua. Por meio de dados extraídos de testes da metodologia de ERP, os autores apontam que o morfema perfectivo, empregado em um contexto em que já há morfologia imperfectiva, induz o estabelecimento de uma negatividade centro-esquerda e posterior, de 200 a 400 milissegundos após o estímulo apresentado, e de um P600. Os autores interpretam que tal negatividade é um produto da falha de combinação entre um marcador de perfectividade e um marcador de imperfectividade.

⁵¹ Eletroencefalograma.

⁵² *Left Anterior Negativity* – Negatividade Anterior Esquerda de 200 a 400 milissegundos após o estímulo.

Consideram, ainda, que o P600 evocado indexa uma tentativa de resolução de uma incongruência sintática, causada pela ausência de “concordância” aspectual. Além de propiciar evidências à assunção de que perfectividade e imperfectividade são categorias linguísticas distintas na mente, tal estudo salienta o caráter sintático do conhecimento linguístico de aspecto.

Ferreti et al. (2009), ao investigarem a relação entre aspecto gramatical e papéis temáticos por meio de testes de produção elicitada e de ERP, apontam que o emprego do aspecto perfectivo influencia no processamento mais otimizado do papel temático de *Goal* (ou alvo), em relação ao processamento do de *Source* (ou fonte). Em última instância, evidenciou-se que o aspecto verbal influencia na construção de modelos situacionais durante a compreensão linguística. Esse estudo teve como objetivo primordial compreender como descrever situações como simultâneas ou completas influencia na expectativa de pessoas acerca de quem (alvo ou fonte) será mencionado posteriormente no discurso. Obtiveram-se os seguintes resultados: a) pessoas tiveram mais dificuldade em integrar pronomes quando esses se referiam à fonte, diferentemente do alvo, em sentenças perfectivas e imperfectivas de verbos de transferência, b) uma grande negatividade anterior foi observada no processamento da integração da fonte, em comparação ao alvo, independentemente do aspecto, c) em sentenças perfectivas, tal negatividade teve uma latência menor, comparativamente à latência da negatividade evocada em sentenças imperfectivas e d) seguindo apenas sentenças perfectivas, essa negatividade foi seguida pelo potencial P600, na referência à fonte.

Dragoy et al. (2012) identificaram que o potencial P600 foi observado quando um advérbio de tempo passado coocorria com um verbo flexionado no presente, ao passo que esse não foi observado quando um verbo flexionado no passado foi empregado com um advérbio de tempo presente. Os autores atribuem essa assimetria à assunção de que o processamento de verbos no passado preconiza a combinação a um antecedente discursivo, ao passo que o processamento de verbos no presente preconiza apenas a combinação a um antecedente local, no nível da própria sentença.

Finalmente, Collart & Chan (2021), em sua investigação do processamento do tempo passado em sentenças sem morfologia de passado, como o mandarim, propõem que não há um mecanismo unitário subjacente à perfectividade do mandarim e que o aspecto verbal modula a relação entre um evento e seu tempo em línguas sem morfologia temporal, da mesma forma que o tempo linguístico intermedeia a relação entre evento e tempo de forma geral em outras línguas. Por meio da manipulação da relação entre advérbios temporais e marcadores perfectivos, os resultados revelaram que, quando tais marcadores perfectivos (*-le*) coocorrem

com advérbios temporais incongruentes (como o futuro), há o engatilhamento de uma resposta negativa anterior. Contudo, quando o marcador perfectivo (*-guo*) coocorre com esses advérbios incongruentes, há o desparamento do P600.

Por fim, nesta seção, foram tecidas algumas considerações referentes ao conhecimento linguístico de aspecto e a sua organização na mente/cérebro, por meio de uma revisão de estudos teóricos e experimentais. O objetivo de apontar, também, detalhes de estudos experimentais foi evidenciar a realidade neuropsicológica da categoria de tempo e de aspecto, bem como justificar a adoção de construtos teóricos modularistas que explicitem a hierarquia de diferentes noções temporais e aspectuais na mente. Na próxima seção, serão apresentados detalhes acerca da relação entre o programa cartográfico, especificamente a Hierarquia Linear Universal, e a representação mental de aspecto.

2.3 HIERARQUIA LINEAR UNIVERSAL E A REPRESENTAÇÃO MENTAL DE ASPECTO

De forma genérica, pode-se considerar que o programa cartográfico tem como objetivo compreender detalhes da arquitetura da faculdade da linguagem, por meio do contraste das realizações linguísticas relacionadas às categorias funcionais nas diferentes línguas humanas. No âmbito de tal proposta, Cinque (1999) compromete-se com a hipótese “forte” de que todas as línguas possuam o mesmo tipo e ordem de categorias funcionais, diferenciando-se nos tipos de movimentos instaurados. Tal hipótese, no entanto, como se observou na seção 1.3, concorre com hipóteses mais “fracas” de que: a) a ordem de certas projeções funcionais possa ser parametrizável nas diferentes línguas (LAKA, 1990) e b) apenas as categorias que possuam uma realização morfológica específica na numeração seriam projetadas na camada funcional das línguas naturais (GIORGI & PIANESI, 1996). Contudo, cabe salientar que se optou pela adoção, neste trabalho, da proposta cinqueniana por se considerar que esta, a partir de um ponto de vista popperiano, é a mais passível de refutação, uma vez que adota, em sua descrição, uma proposta de ordenamento que se faria presente, teoricamente, na linearização de sentenças de todas as línguas naturais. Entende-se, assim, que, embora as propostas de Laka (1990) e Giorgi e Pianesi (1996) alcancem o nível de adequação observacional e descritiva do objeto sob escrutínio, a proposta de Cinque (1999) e seus refinamentos alcançam o nível de adequação explicativa do objeto sob análise, ao postular que a Hierarquia Linear Universal estaria

codificada na Gramática Universal por meio de princípios mais sintáticos do que propriamente semânticos.

Baseando-se em um conjunto substancial de evidências translinguísticas, Cinque (1999) considera que, nessa hierarquia, haveria projeção que seriam nucleadas por diversos traços de tempo, aspecto, modo, modalidade e voz, por meio de movimento do verbo ao núcleo de cada projeção. Abaixo, podem ser observadas as diferentes projeções funcionais que constituem a Hierarquia Linear Universal no *Middlefield*, em conjunto com seus respectivos advérbios especificadores, estando em negrito as projeções sob escrutínio neste estudo:

(10) Hierarquia Linear Universal

francamente Modo Ato de fala > [surpreendentemente Modo Mirativo > [felizmente Modo Avaliativo > [evidentemente Modo Evidencial > [provavelmente Modalidade Epistêmica > [uma vez T Passado > [então T Futuro > [talvez Modo Irrealis > [necessariamente Modalidade Necessidade > [possivelmente Modalidade Possibilidade > [**normalmente Asp Habitual** > [finalmente Asp Tardivo > [tendencialmente Asp Predisposicional > [novamente Asp Repetitivo(I) > [frequentemente Asp Frequentativo(I) > [de/com gosto Modalidade Volitiva > [rapidamente Asp Acelerativo(I) > [já T Anterior > [não ... mais Asp Terminativo > [**ainda Asp Continuativo** > [sempre Asp Contínuo > [apenas Asp Retrospectivo > [(dentro) em breve Asp Aproximativo > [**brevemente Asp Durativo** > [(?) Asp Genérico/Progressivo > [**quase Asp Prospectivo** > [**repentinamente Asp Incoativo(I)** > [obrigatoriamente Modo Obrigação > [à toa Asp Frustrativo > [(?) Asp Conativo > [completamente Asp SingCompleto(I) > [tudo Asp PlurCompleto > [bem Voz > [cedo Asp Acelerativo(II) > [do nada Asp Incoativo(II) > [de novo Asp Repetitivo(II) > [frequentemente Asp Frequentativo(II) > ...

(CINQUE, 1999, 2006)⁵³

No âmbito dessa hierarquia, comumente se faz referência a advérbios altos, médios e baixos. Em Cinque (1999), considera-se que cada projeção seja mononucleada necessariamente por um traço a ser checado na derivação da sentença por meio do movimento do verbo e que certos advérbios sejam soldados em posição de especificador das projeções. Nesse contexto, espera-se que a linearização desses advérbios em sentenças das línguas naturais corresponda ao ordenamento das projeções que os abrigam estabelecido na Hierarquia Linear Universal. Em

⁵³ Versão em português extraído de Forero Pataquiva (2020, p.30).

casos de disparidade entre o aparente ordenamento da sentença e a proposta da hierarquia, Cinque (1999:3-4) reconhece as seguintes exceções: a) modificação⁵⁴, b) valoração de traços da periferia esquerda⁵⁵, c) movimento Wh-⁵⁶, d) coocorrência deceptiva⁵⁷, e) foco não inerente⁵⁸ a AdvPs e f) uso parentético⁵⁹.

No que concerne aos traços que nucleiam tais projeções, Cinque (1999), influenciado por estudos estruturalistas, desenvolveu uma teoria de marcação de traços. De forma genérica, tal teoria é baseada em princípios de restrição de aplicação de certos traços, tendência de expressão do traço por morfologia específica e complexidade básica do traço. De acordo com Cinque (1999), cada projeção funcional relacionada a um advérbio pode ser nucleada por um traço com dois valores: um não-marcado (ou *default*) e outro marcado (ou não-*default*). Um traço marcado seria aquele: a) com aplicação mais restrita, b) menos frequente, c) conceptualmente mais complexo e d) expresso por morfologia aberta. Para descrever os traços que nucleiam projeções temporais, Cinque (1999) emprega a noção de simultaneidade e anterioridade de pontos (R1, S; R2, R1; E, R2). Abaixo, pode ser observada parte do quadro proposto por Cinque (1999:130) para designar os traços nucleados por projeções funcionais de natureza temporal e aspectual.

Projeção	Traço Não Marcado	Traço Marcado
T _{passado} P	R1, S	R1_S
T _{futuro} P	R1, R2	R1_R2
Asp _{habitual} P	- [+ habitual]	+ habitual
Asp _{repetitivo (I)} P	- [+ repetitivo]	+ repetitivo
Asp _{frequentativo (I)} P	- [+ frequentativo]	+ frequentativo
Asp _{celerativo (I)} P	- [+ celerativo]	+ celebrativo

⁵⁴ Um advérbio, ao modificar outro advérbio, pode aparentemente preconizar um ordenamento distinto ao previsto na HLU.

⁵⁵ Quando se é atribuído foco a algum advérbio “baixo”, este pode ascender por posições distintas, com fins de checar tal traço na periferia esquerda da oração, passando até advérbios canonicamente tidos como altos.

⁵⁶ Um sintagma adverbial Wh- que se move através de um outro sintagma adverbial pode, aparentemente, preconizar um ordenamento distinto ao previsto na HLU.

⁵⁷ Quando um advérbio é gerado em duas posições distintas com diferentes significados e relações de escopo, pode haver um ordenamento aparentemente distinto ao previsto na HLU.

⁵⁸ Alguns advérbios, como “apenas”, “apropriadamente” entre outros, podem ser licenciados em um uso focalizador, modificando, diretamente, um constituinte. Tal uso pode fazer com que haja, aparentemente, um ordenamento distinto ao previsto na HLU.

⁵⁹ Quando um advérbio passou por um processo parentético, pode haver, aparentemente, o licenciamento de um ordenamento não previsto na HLU.

T _{anterior} P	E, R2	E_R2
Asp _{terminativo} P	- [+ terminativo]	+ terminativo
Asp _{continuativo} P	- [+ continuativo]	+ continuativo
Asp _{perfeito} P	Imperfeito	Perfeito
Asp _{retrospectivo} P	- [+ retrospectivo]	+ retrospectivo
Asp _{proximativo} P	- [+ proximativo]	+ proximativo
Asp _{durativo} P	- [+ durativo]	+ durativo
Asp _{progressivo} P	Genérico	Progressivo
Asp _{prospectivo} P	- [+ prospectivo]	+ prospectivo
Asp _{completivo singular} P	- [+ completivo]	+ completivo
Asp _{completivo plural} P	- [+ completivo]	+ completivo
Asp _{celerativo (II)} P	- [+ celerativo]	+ celebrativo
Asp _{repetitivo (II)} P	- [+ repetitivo]	+ repetitivo
Asp _{frequentativo (II)} P	- [+ frequentativo]	+ frequentativo
Asp _{completivo (II)} P	- [+ completivo]	+ completivo

(Quadro 4 – Projeções Temporais e Aspectuais do *Middlefield* e seus traços – Adaptado de Cinque (1990, p.130))

Cinque (1999) considera ainda que auxiliares seriam soldados no núcleo das projeções funcionais a que se relacionariam. Sendo assim, considera-se que auxiliares não possuiriam uma posição fixa de soldagem⁶⁰. Nesse contexto, em uma sentença como “Mário está comendo o bolo”, o auxiliar “está” poderia ser gerado no núcleo de Asp_{progressivo}P, checando o traço de progressivo. Posteriormente, esse auxiliar se movimentaria até projeções mais altas, como as de tempo, para checar seus respectivos traços temporais relevantes (presente).

Em relação ao modelo de derivação adotado neste trabalho, faz-se referência às considerações de Cinque (2006, 2010) e Tescari Neto (2013), que se apresentam como um refinamento de proposta de Cinque (1999). Além de assumirem a assimetria direito-esquerda⁶¹,

⁶⁰ Uma discussão interessante acerca dessa assunção é apresentada em Cinque (1999). Segundo o autor, incrivelmente, o auxiliar de futuro *will*, em inglês, parece ser gerado em posições mais baixas do que T_{futuro}P, talvez entre Asp_{completivo singular (I)}P e VozP.

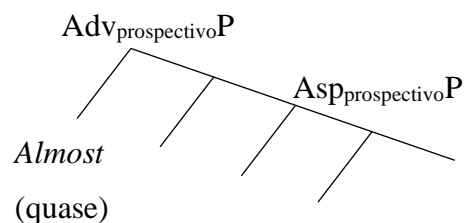
⁶¹ Tal assimetria é dialógica com as considerações de Greenberg (1963, p. 87, tradução nossa), referentes à assunção de que “quando qualquer item (demonstrativo, numeral ou adjetivo) precede um substantivo, eles são sempre encontrados em uma ordem, ao passo que, se eles o seguirem, a ordem é a mesma ou o exato oposto”. Entende-se, assim, como consequência de tal assimetria, uma ordem básica de soldagem de certos constituintes (sintagmas determinantes, sintagmas adverbiais, entre outros). A aparente subversão dessa ordem é um produto direto dos diferentes movimentos (sem movimento, movimento sem *pied-piping*, movimento com *pied-piping* do tipo *whose-pictures*, movimento com *pied-piping* do tipo *pictures-of-whose*) disponibilizados nas línguas, como

tais autores consideram que: a) toda vez que um argumento é soldado, este é seguido pela soldagem de um outro núcleo (CINQUE, 2006), b) o sintagma determinante de Tema (doravante DP_{tema}) é o primeiro argumento a entrar na derivação em posição de especificador de ThemeP (CINQUE, 2006, 2010) e c) todo argumento é soldado à esquerda do núcleo V. Sendo assim, assume-se que, em uma sentença como *John usually almost wins the race* (João geralmente quase ganha a corrida), inicialmente, o núcleo V *wins*, já plenamente formado morfológicamente, é soldado. Após, o DP_{tema} argumental é soldado na projeção ThemeP, à esquerda de V, formando *the race wins*. Um novo núcleo é inserido e recebe *wins* em seu Spec⁶². Posteriormente, o DP_{agente} argumental *John* é soldado em Spec da projeção AgentP, que comanda diretamente WP, formando *John wins the race*. Uma outra projeção XP é inserida e recebe o predicador verbal *wins* em seu Spec, formando *wins John the race*. Posteriormente, duas projeções de Caso são inseridas. Salienta-se que, por razões advindas da Minimalidade Relativizada (RIZZI, 1990), o Caso acusativo seria o primeiro a ser atribuído ou checado. Assim, uma projeção Caso AcusativoP é inserida e recebe o DP_{tema} *the race* em seu Spec, checando caso acusativo. Uma outra projeção P1P é inserida e há movimento da projeção XP a seu Spec, formando *wins John the race*. Em seguida, há a inserção de uma projeção Caso NominativoP, que recebe o DP_{agente} em seu Spec. Insere-se uma outra projeção P2P, que recebe P1P em seu Spec, formando *wins the race John*.

Em Cinque (2014), considera-se que cada projeção cinqueniana seja dividida, pelo menos, em duas: uma projeção em que haja o traço criterial do advérbio e outra em que o haja o próprio advérbio. Sendo assim, para fins de exemplificação, a projeção Asp_{prospectivo}P, descrita em Cinque (1999), seria dividida, no modelo de Cinque (2014), em duas: Adv_{prospectivo}P e Asp_{prospectivo}P. Esta seria diretamente dominada por aquela, como observado abaixo:

sustentado em Cinque (2005). Para fins de exemplificação de tal assimetria, faz-se menção às considerações de Cinque (2014) referentes à assunção “forte” de que todos os constituintes presentes na numeração (advérbios, DPs circunstanciais e argumentos verbais) devam ser soldados à esquerda de V. Sendo assim, Cinque (2014) argumenta pela existência da seguinte ordem de soldagem de DPs: DP tempo > DP localização > ... > DP instrumento > ... > DP maneira > ... > DP agente > ... > DP objetivo > DP tema > Núcleo V.

⁶² Sabe-se, desde Pollock (1989), que inglês não conta com o movimento de V da mesma forma que outras línguas românicas, como o francês. Contudo, salienta-se que movimento de VP ou até mesmo algum tipo de subextração de constituintes no sintagma verbal não parecem ser impossíveis em língua inglesa.



(Figura 19 – Estrutura Binária de Asp_{prospectivo}P. Fonte: elaboração própria)

Sendo assim, como apontado na HLU, para derivar uma sentença como *John usually almost wins the race* (João geralmente quase ganha a corrida), há a seguinte ordem de soldagem: Asp_{prospectivo}P e Asp_{habitual}P. A projeção P1P *wins the race John*, alocada em Spec de P2P, move-se e checa o traço de prospecção de Spec de Asp_{prospectivo}P. Há, ainda, a soldagem do advérbio *almost* em Spec de Adv_{prospectivo}P. Após a checagem do traço de tempo [-passado] em T_{anterior}P por meio de movimento sintagmático com *pied-piping* de *almost wins the race John*, haveria checagem do traço [+habitual] no Spec de Asp_{habitual}P. Posteriormente, haveria a soldagem do advérbio *usually* em Spec de Adv_{habitual}P e extração de SubjP⁶³, linearizando *John usually almost wins the race*. Na linearização, ao se combinarem os advérbios especificadores das projeções Adv_{habitual}P, Adv_{continuativo}P e Adv_{prospectivo}P, é esperado que haja o seguinte ordenamento *default*: *usually* (geralmente) > *still* (ainda) > *almost* (quase).

Cinque (1999), Santos (2010), Sant’Ana (2010) e Tescari Neto (2013) apontam certos contextos de aparente violação da HLU na linearização. Cinque (1999) argumenta que, quando há necessidade de valoração de algum traço de foco, na periferia esquerda, ordenamentos diferentes podem emergir na linearização, como, por exemplo, observa-se em: *Maria <<ainda>>⁶⁴ geralmente corre a maratona*. Santos (2010), a partir das considerações de Cinque (1999), considera que, em contextos de auxiliarização (morfologia progressiva, por exemplo), os verbos auxiliares podem ascender a posições mais altas do que os verbos lexicais, modificando, na linearização, um ordenamento esperado, como: “*Maria está ainda geralmente correndo a maratona*”. Finalmente, Sant’Ana (2010), ao aplicar experimentos de leitura automonitorada e de prosódia a falantes nativos de português do Brasil para checar o ordenamento dos advérbios especificadores propostos na HLU, considera que certas características suprasegmentais, como o peso prosódico, podem influenciar no ordenamento de tais advérbios na linearização.

⁶³ Como apontado em Cinque (1999, p.112), considera-se que, em inglês, a projeção SubjP deva aparecer necessariamente acima da projeção T_{anterior}P, isto é, a projeção mais baixa de tempo na HLU.

⁶⁴ Ênfase prosódica.

Kayne (1998), baseado na Hipótese da Correspondência de Longobardi (1992)⁶⁵, considera que o paralelismo entre movimentos ditos pós-Spell *out* e pré-Spell *out* é uma consequência direta do fato de que não existem, na verdade, movimentos pós-concatenação sintática. Aponta-se, assim, que “não há movimento sintagmático coberto na FL permitido pela GU, tampouco há alçamento de traços para explicar o efeito de movimento sintagmático coberto; escopo⁶⁶ reflete a interação entre o elemento soldado e movimento aberto” (KAYNE, 1998, p.128, tradução nossa). Nesse contexto, a atribuição de escopo ocorre no curso da derivação, por meio de movimentos abertos, em uma configuração Spec-núcleo. Abaixo, podem ser observadas duas sentenças com ambiguidade de escopo:

(11) Ela pediu que eles não lessem um livro de linguística.

(12) Eles nos forçaram a aprender apenas espanhol.

Em (11), duas leituras são possíveis: a) eles não leram absolutamente nenhum livro de linguística, b) eles não leram apenas um livro de linguística. Em a), há uma leitura de escopo estrito, de forma que haja escopo do “não” sob a oração encaixada. Em b), há uma leitura de escopo amplo, de forma que haja escopo do “não” também em parte da sentença matriz, especificamente em “pediu”. Para derivar a sentença em sua leitura de escopo estrito, há a atração de parte dos constituintes da sentença encaixada à posição de núcleo de NegP. Posteriormente, há movimento de Neg^o ao núcleo de uma projeção WP e movimento do restante dos constituintes ao Spec dessa projeção. Para derivar a sentença em sua leitura de escopo amplo, há atração de Neg^o pela sentença matriz. Posteriormente, há movimento do núcleo Neg^o ao núcleo W^o e movimento do restante dos constituintes.

Em (12), duas leituras são possíveis: a) eles nos forçaram a aprender apenas espanhol e não outra língua e b) eles apenas nos forçaram a aprender espanhol, não fizeram mais nada. Em a), há uma leitura de escopo estrito, de forma que “apenas” possua escopo sobre “espanhol”. Em b), há uma leitura de escopo amplo, de forma que “apenas” possua escopo sobre “forçaram”,

⁶⁵ Segundo Longobardi (1992), há uma correspondência entre os movimentos cobertos que ocorrem na forma lógica para atribuição de escopo e os movimentos abertos Wh-, descritos, por exemplo, em Ross (1967).

⁶⁶ É importante salientar que, neste trabalho, compreende-se escopo como a “relação entre posição sintática e a contribuição às condições de verdade de uma sentença” (KROCH, 1974, p. 15). No âmbito de tal definição, tem-se que “o escopo de um operador lógico Δ em uma fórmula \emptyset de L é definido como a fórmula Ψ tal que Ψ esteja incluído em \emptyset e Δ é o elemento mais à esquerda de Ψ . Se dois operadores Δ e Σ são incluídos na mesma fórmula \emptyset , então Δ está dentro do escopo de Σ e, apenas se Δ estiver incluído no componente da sub-fórmula de \emptyset que é o escopo de Σ . Se dois operadores Δ e Σ são incluídos na mesma fórmula \emptyset e se Δ não estiver dentro do escopo de Σ , então Δ está fora do escopo de Σ ” (KROCH, 1974, p. 13).

na sentença matriz. Para derivar a sentença em sua leitura de escopo estrito, Kayne (1998) propõe uma projeção OnlyP, que atrairia “espanhol” ao seu especificador. Posteriormente, o advérbio “apenas”, que nucleia a projeção OnlyP, se movimentaria ao núcleo de uma projeção WP, seguido por movimento do restante dos constituintes. Para derivar a sentença em sua leitura de escopo amplo, o advérbio “apenas” seria soldado em núcleo de OnlyP e atrairia igualmente “espanhol” ao seu Spec a uma projeção na oração principal. Posteriormente, haveria movimento do “apenas” ao núcleo de uma projeção WP, seguido por movimento do restante dos constituintes.

Em sua análise acerca de contextos de aparentes violações da HLU em português, inglês e italiano, Tescari Neto (2013) estende a teoria de atribuição de escopo de Kayne (1998), inicialmente pensada para contextos de emprego de OnlyP e NegP, a todos os advérbios da HLU. Assume-se que advérbios são, igualmente, elementos que atribuem escopo e, portanto, estariam sujeitos aos mesmos princípios. As transformações sugeridas em Kayne (1998) podem, ainda, modificar a ordem de linearização adverbial, dando a impressão de que advérbios seja soldados livremente na sentença (ERNST, 2006). Abaixo, podem ser observados exemplos de Ernst (2007, p. 1017 *apud* TESCARI NETO, 2013, p. 253). Faz-se referência ao exemplo 14, de subversão ao ordenamento assumido na HLU:

(13) *Marie frequently would willingly call her brother.*

Maria frequentemente iria de bom grado chamar seu irmão.

(14) *Marie willingly would frequently call her brother.*

Maria de bom grado iria frequentemente chamar seu irmão.

Ernst (2007) argumenta que o fato de o ordenamento adverbial dessas sentenças ser intercambiável, sem necessariamente preconizar uma agramaticalidade, é um problema para HLU cinqueniana. De acordo com a hierarquia proposta em Cinque (1999, 2006), $Asp_{\text{frequentativo}}P(I)$ necessariamente domina $VolicionalP$, de forma que seja esperado o ordenamento *default frequently > willingly*, disponível em (13), mas não em (14).

Para derivar uma sentença como (13), Tescari Neto (2013) considera que, após o movimento de P1P (*call her brother Marie*) à posição de especificador de P2P, haveria a

soldagem do auxiliar⁶⁷ *would* no núcleo de T_{anterior}P. Depois de movimentos para checagem de traços de tempo, haveria a soldagem de um núcleo criterial associado a *willingly* e a atração de *call her brother* à posição de Spec dessa projeção criterial. Posteriormente, haveria a soldagem de *willingly* em Spec de Adv_{volicional}P e movimento restante dos constituintes. Haveria, ainda, a inserção de uma projeção criterial associada a *frequently* e a atração de *willingly call her brother* à posição de seu Spec. O auxiliar *would* seria extraído e haveria uma operação que colocaria *Marie* à esquerda de *would willingly call her brother*. Considera-se que uma projeção criterial associada a *frequently* seria inserida e receberia em seu Spec a parte *would willingly call her brother*. Posteriormente, o advérbio *frequently* seria soldado em Spec de Adv_{frequentativo}P(I) e haveria movimento do restante dos constituintes a uma projeção ZP, linearizando, após a extração do sujeito, *Marie frequently would willingly call her brother*.

Para derivar uma sentença como (14), Tescari Neto (2013) considera que o *chunk would call her brother* seria atraído à projeção criterial associada a *willingly*. Posteriormente, *willingly* seria soldado em Spec de Adv_{volicional}P e haveria movimento do restante dos constituintes, colocando à esquerda de *willingly*. Finalmente, o *chunk call her brother* seria subextraído (RIZZI, 1990, 2004) do Spec da projeção criterial associada a *willingly* e mover-se-ia ao Spec da projeção criterial associada a *frequently*, seguido por movimento do restante dos constituintes, linearizando o ordenamento não cinqueniano *Marie willingly would frequently call her brother*. Entende-se, assim, que diferentes ordenamentos adverbiais possam ser produto de distintas relações de escopo, estabelecidas na própria concatenação sintática.

É importante salientar que, neste trabalho, os termos “escopo progressivo” e “escopo regressivo” são empregados para tratar das leituras promovidas pelo ordenamento adverbial, respectivamente, aparentemente de acordo ou contra a previsão cinqueniana. Kayne (1998), Cinque (1999) e Tescari Neto (2013) não se comprometem diretamente com o emprego desses termos. Como apresentado, Kayne (1998) e Tescari Neto (2013) utilizam termos como “escopo amplo” e “escopo restrito”. Sendo assim, utilizou-se, nesta dissertação, o termo “escopo progressivo” para designar relações de escopo idênticas ao ordenamento adverbial previsto pela HLU, como em uma linearização *usually still* (geralmente ainda), em que *usually* (geralmente) toma escopo sobre *still* (ainda), estendendo a proposta de Tescari Neto (2013) a esses casos também. Utilizou-se o termo “escopo regressivo” para designar relações de escopo não idênticas ao ordenamento adverbial previsto pela HLU, como em uma linearização *still usually*

⁶⁷ Como assumido em Cinque (1999), auxiliares, de forma genérica, não possuem uma posição fixa de soldagem. Eles são soldados em projeções que descrevam os traços os quais são previamente especificados no léxico estrito.

(ainda geralmente), em que se sabe que *usually* foi soldado posteriormente a *still*, mas é linearizado em outra posição. Nesse caso, assume-se que houve movimento “à la” Kayne (1998) e Tescari Neto (2013), com fins de tomar escopo sobre este último advérbio em uma configuração *Spec-Núcleo*.

Apresenta-se como necessário pormenorizar a aplicação da proposta de Tescari Neto (2013) a advérbios aspectuais no *Middlefield*. Desde Cinque (1999), é possível considerar a existência de duas zonas de geração de advérbios temporais e aspectuais, uma zona que modifica o processo e outra que modifica o evento. Assim, certos advérbios, como *usually*, *still*, *again* (CINQUE, 2004) entre outros, podem ser gerados em posições distintas a depender do que modificam. Sendo assim, se esses advérbios modificam o processo, eles seriam gerados em uma zona mais abaixo no *Middlefield* (ProcessP). Se eles modificam o evento, esses seriam gerados em uma zona mais alta no *Middlefield* (EventP). Como Tescari Neto (2013, p. 245, tradução nossa) argumenta, “ProcessP e EventP devem ser entendidos como uma porção da estrutura (um *chunk*) [do *Middlefield*] que sintaticamente correspondem ao processo e ao evento”. Por exemplo, em “João duas vezes (geralmente/raramente) bateu na porta duas vezes (três vezes/ geralmente)”⁶⁸, a projeção criterial relacionada à parte mais alta da sentença, que modifica o evento de “duas vezes bater na porta”, seria o EventP. Em contrapartida, a projeção criterial relacionada à parte mais baixa da sentença, que modifica o processo de “bater na porta DUAS VEZES”, seria o ProcessP. Tescari Neto (2013) estende a proposta de Kayne (1998) referente à atribuição de escopo por meio de movimento a esses casos também.

Interpreta-se, neste trabalho, que seria possível explicar linearizações aparentemente distintas ao ordenamento previsto pela HLU por meio da postulação de diferentes movimentos relacionados ao processo de atribuição de escopo. Assume-se que linearizações adverbiais aparentemente não cinquenianas, não previstas diretamente e categoricamente pela HLU, seriam, na verdade, derivadas de linearizações adverbiais cinquenianas, previstas diretamente e categoricamente pela HLU.

Faz-se necessário ratificar algumas considerações. Emprega-se, neste trabalho, a nomenclatura “escopo progressivo” para designar as relações de escopo que são relacionadas diretamente e categoricamente ao ordenamento da HLU, como em uma sentença “João geralmente ainda estuda”, em que o advérbio “ainda” é soldado na derivação antes da soldagem do advérbio “geralmente”. Nesta sentença, entende-se, então, que o advérbio “geralmente” atribua escopo progressivo sob a porção “ainda estuda”, contribuindo para a veiculação de uma

⁶⁸ Exemplo retirado de Tescari Neto (2013, p. 246).

interpretação de que existe um evento habitual de “continuamente se estudar” praticado por João. Emprega-se a nomenclatura “escopo regressivo” para designar relações de escopo que não estejam relacionadas diretamente ao ordenamento da HLU, como em uma sentença “João ainda geralmente estuda”, em que, embora “ainda” tenha sido soldado primeiro, seja linearizado à esquerda do advérbio habitual “geralmente”, contribuindo para a veiculação de uma leitura de que existe um evento contínuo de se “estudar com repetições ordenadas” praticado por João. Os termos “escopo progressivo” e “escopo regressivo” devem ser entendidos, assim, como leituras prototipicamente disparadas por cada um dos ordenamentos estudados.

Faz-se mister salientar que, embora se assuma que linearizações cinquenianas veiculariam prototipicamente leituras de escopo progressivo e linearizações não cinquenianas veiculariam prototipicamente leituras de escopo regressivo, não se descarta a ideia de que, talvez, leituras de escopo regressivo sejam marginalmente aceitas em linearizações cinquenianas e leituras de escopo progressivo sejam marginalmente aceitas em linearizações não cinquenianas. Sabe-se que as línguas naturais realizam diferentes operações de movimento e, possivelmente, essas leituras que são aparentemente aceitas para linearizações cinquenianas e não cinquenianas sejam igualmente fruto de operações de movimento para atribuição de escopo. Por exemplo, caso haja disparamento de uma leitura de escopo regressivo (tomando-se o exemplo apresentado no parágrafo anterior, “ainda” com escopo sobre “geralmente estuda”) em uma linearização cinqueniana, como em “João geralmente ainda estuda”, seria intencionado explicar essa aparente disparidade de veiculação de interpretação por meio da operação de movimento.

É relevante considerar, ainda, que a proposta de Cinque (1999) acerca da existência de uma Hierarquia Linear Universal concorre, ainda, com a proposta de Ernst (2004). De acordo com Ernst (2004), a distribuição de advérbios na sentença pode ser explicada por meio das seguintes teses: a) há, na forma lógica, um conjunto de princípios semânticos de composição de eventos, que interage com a sintaxe por meio das noções de irmandade e c-comando, influenciando o ordenamento de advérbios, b) há pré-requisitos lexicais de certos advérbios que influenciam no licenciamento ou não licenciamento do ordenamento de certos advérbios na sentença, c) há, na forma fonológica, princípios de direcionalidade⁶⁹ e de peso⁷⁰ que influenciam no ordenamento de certos advérbios, d) há, no processo de concatenação sintática,

⁶⁹ Conjunto de princípios referentes à direção de certas relações sintáticas, que interage, também, com o parâmetro núcleo inicial e núcleo final.

⁷⁰ Conjunto de princípios referentes ao processo de licenciamento ou não licenciamento de determinado ordenamento adverbial por meio do peso fonológico de determinado item lexical.

pré-spell out, movimentos que podem ser engatilhados por necessidade de checagem de traço ou ainda por imperativos de peso fonológico. Segundo Ernst (2004), somam-se a essas teses, ainda, os seguintes argumentos contra uma teoria *tight fit*, como a de Cinque (1999): a) há múltiplas posições reportadas de advérbios predicacionais na linearização das línguas, bem como de projeções funcionais, b) há certas restrições de ordenamento de advérbios com diferentes níveis de permissividade a depender da classe adverbial sob análise, c) não há evidências para a postulação de movimentos apresentados por Cinque (1999), tampouco parece haver necessidade de os postular em uma teoria que compreende movimento como “último recurso”.

Embora as críticas de Ernst (2004) sejam consistentes, compreende-se que a proposta cinqueniana possua um potencial de adequação explicativa e até neurobiológico mais elevado do que a proposta de adjunção livre baseada semanticamente de Ernst (2004). Cinque (1999) possui um substancial conjunto de evidências translinguísticas a favor de sua proposta, ao passo que Ernst (2004) não parece sustentar sua proposta com esse mesmo conjunto de evidências. Além de tudo isso, embora pareça contraintuitivo, a proposta de Ernst (2004) teria uma realidade mais custosa à faculdade da linguagem, uma vez que, para cada advérbio ou classe adverbial, seriam necessários diferentes princípios lexicais e semânticos de seleção, bem como uma análise do peso fonológico ou prosódico que se preferiria a um advérbio. A proposta de Cinque (1999), por mais que admita a existência de um conjunto substancial de projeções funcionais na arquitetura da faculdade da linguagem – aproximadamente 40 projeções rigidamente ordenadas entre si –, parece ser mais econômica e sensível às demandas do processamento linguístico, uma vez que seria necessário, apenas, um conjunto pequeno de diferentes movimentos a serem disparados a depender de fatores como focalização, escopo, entre outros. Salienta-se, ainda, que, como apresentado neste trabalho, diferentes estudos experimentais conduzidos com dados de diferentes línguas sustentam uma diferenciação semântica e sintática entre imperfectividade e perfectividade. Nesse contexto, a proposta de Ernst (2004) não parece contemplar a existência de tal diferenciação, uma vez que assume a existência de princípios semânticos, fonológicos e lexicais idiossincráticos a cada advérbio ou classe adverbial, não levando em consideração, assim, a distinção mental atestada experimentalmente feita entre as subcategorias de tempo e de aspecto.

Neste capítulo, foram tecidas considerações acerca do conhecimento linguístico de tempo e de aspecto. Também foram apresentados detalhes acerca da maneira como tais conhecimentos se organizam na mente, por meio de uma breve revisão de estudos teóricos e

experimentais. Por fim, apontou-se que, dentre os diferentes contextos de aparente violação à HLU, o contexto de diferentes atribuições de escopo será especialmente interessante para os testes a serem aplicados neste trabalho. No próximo capítulo, serão apresentados detalhes referentes à metodologia considerada, bem como os critérios de refutação ou não refutação das hipóteses e previsões aventadas.

3 METODOLOGIA

O objetivo geral deste trabalho é contribuir para a análise da representação mental da imperfectividade nas línguas naturais. Os objetivos específicos são: a) analisar as realizações morfológicas dos aspectos habitual, continuativo, durativo, prospectivo e incoativo(I) no inglês, associados ao tempo presente, b) analisar a ordem de produção dos advérbios relacionados aos aspectos habitual, continuativo, durativo, prospectivo e incoativo(I) combinados entre si em sentenças no tempo presente no inglês, a fim de investigar a derivação de sentenças veiculando os aspectos estudados e c) analisar as leituras promovidas por diferentes ordens de linearização dos advérbios relacionados aos aspectos habitual, continuativo, durativo, prospectivo e incoativo(I) combinados entre si em sentenças veiculando o tempo presente no inglês, a fim de investigar a derivação de sentenças veiculando os aspectos estudados. A metodologia consiste na análise integral dos *corpora online* gratuitos *WebCorp* e *Santa Barbara Corpus of Spoken American English*, bem como na aplicação remota de dois testes comportamentais a falantes nativos de inglês. As hipóteses deste trabalho são: a) tanto as linearizações cinquenianas *Usually Still*, *Still Almost*, *Briefly Almost* e *Briefly Suddenly* quanto as linearizações não cinquenianas *Still Usually*, *Almost Still*, *Almost Briefly* e *Suddenly Briefly* são identificadas em sentenças da língua inglesa associadas ao tempo presente, b) a morfologia mais comum para gramaticalizar, em conjunto com os advérbios sob análise, no inglês, as projeções sob escrutínio é a morfologia progressiva, c) a linearização cinqueniana dos advérbios sob análise, especificamente *Usually Still*, *Still Almost*, *Briefly Almost* e *Briefly Suddenly*, faz disparar exclusivamente leitura de escopo progressivo⁷¹ e d) a linearização não cinqueniana dos advérbios sob análise, especificamente *Still Usually*, *Almost Still*, *Almost Briefly* e *Suddenly Briefly*, faz disparar exclusivamente leitura de escopo regressivo⁷².

3.1 METODOLOGIA DE ANÁLISE DE *CORPORA*

Foi efetuada uma análise das realizações dos advérbios apresentados nas hipóteses deste estudo no *corpus online* gratuito *WebCorp*, disponível no domínio

⁷¹ Tal termo faz referência a uma relação de escopo de advérbios na linearização diretamente prevista pela HLU. Por exemplo, na HLU, o advérbio “geralmente” antecede o advérbio “ainda” na linearização prevista. Há escopo progressivo, assim, se há uma leitura em que “geralmente” atribui escopo sobre “ainda + V”.

⁷² Tal termo faz referência a uma relação de escopo de advérbios na linearização não prevista pela HLU. Por exemplo, na HLU, o advérbio “geralmente” antecede o advérbio “ainda” na linearização prevista. Há escopo regressivo, assim, se há uma leitura em que “ainda” atribui escopo sobre “geralmente + V”.

<https://www.webcorp.org.uk>, a fim de se investigar o licenciamento de tais advérbios em conjunto (*still* com *usually* e com *almost* e *briefly* com *almost* e com *suddenly*) em sentenças da língua inglesa em suas diferentes ordens de linearização. Nesse *corpus*, são compilados textos da internet, especialmente notícias disponíveis na plataforma de pesquisa *Bing* e no jornal britânico *The Guardian*. Para observar, então, se os ordenamentos “*Usually Still*” e “*Still Usually*”, “*Still Almost*” e “*Almost Still*”, “*Briefly Almost*” e “*Almost Briefly*” e “*Briefly Suddenly*” e “*Suddenly Briefly*” são de fato possíveis em inglês, houve pesquisa nesse *corpus*. Os resultados dessa análise podem ser observados no início do próximo capítulo⁷³.

Posteriormente, analisou-se o *corpus online* gratuito *Santa Barbara Corpus of Spoken American English*⁷⁴, do domínio <https://www.linguistics.ucsb.edu/research/santa-barbara-corpus>. Por meio da análise desse último *corpus*, objetivou-se investigar as realizações morfológicas das projeções sob escrutínio, categorizando os dados encontrados de acordo com o tipo de morfologia utilizada para veicular tais noções aspectuais associadas ao tempo presente. Para efetuar integralmente a análise de *corpus*, utilizou-se o *software* AntConc 3.5.8 (ANTHONY, 2019), para Windows 64 bits. Em relação aos procedimentos analíticos, inicialmente, buscaram-se as realizações adverbiais de tais aspectos por meio de uma consulta geral a sentenças com os advérbios sob escrutínio neste trabalho (*usually*, *still*, *briefly*, *almost* e *suddenly*). Posteriormente, separaram-se as realizações dessas projeções em virtude da morfologia empregada (morfologia de presente simples x morfologia progressiva no presente). Salienta-se, contudo, que o *Santa Barbara Corpus of Spoken American English* carece de metadados detalhados acerca da faixa etária, gênero e até procedência dos falantes participantes de sua confecção. Tal *corpus* possui, ao todo, 249.000 palavras. A previsão é de que a morfologia mais comum para gramaticalizar as projeções funcionais relacionadas aos advérbios sob análise é a morfologia progressiva.

3.2 TESTES COMPORTAMENTAIS

⁷³ É importante salientar que tais ordenamentos não foram encontrados no *Santa Barbara Corpus of Spoken American English*. Por isso, optou-se pela análise conjunta do *WebCorp*. Empregaram-se os resultados extraídos do *Santa Barbara Corpus of Spoken American English* para a análise do tipo de morfologia empregada em conjunto com os advérbios encontrados.

⁷⁴ Ressalta-se que se recorreu a uma análise de frequência nos ordenamentos no *WebCorp* pelo fato de, no *Santa Barbara Corpus*, não se encontrarem exemplos de combinação entre os advérbios estudados. Além disso, na efetiva confecção deste trabalho, a análise do *Santa Barbara Corpus* precedeu a análise do *WebCorp*. É importante afirmar que, neste trabalho, microvariações na anglofonia não são consideradas.

Foram postulados dois testes linguísticos comportamentais a serem aplicados remotamente a vinte falantes nativos de língua inglesa. Para viabilizar a aplicação remota desses testes, empregou-se a plataforma *Google Forms*. Essa plataforma permite a feitura de formulários estruturados a serem aplicados de forma remota a informantes que tenham acesso aos seus respectivos *links*. Garantiu-se o anonimato de informante e a viabilidade da pesquisa. Ao todo, dois testes foram aplicados por essa plataforma: um Teste de Escolha Forçada (STADTHAGEN-GOZÁLEZ et al., 2017; SANTOS, GARCIA & MAIA, 2019) e um Teste de Ordenamento Sintático (CHAUDRON, 2003). Antes de pormenorizar os detalhes de cada teste, faz-se mister salientar que, em ambos os testes, os participantes, inicialmente, foram expostos a um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido⁷⁵, em que havia o seguinte excerto: *“If you were born and raised in an English speaking country you are invited to take part in this linguistic study, conducted by me, Matheus Gomes Alves, a post-graduate student from Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ), Brazil, and Adriana Leitão Martins, my advisor and a full-time professor from the Department of Linguistics and Philology, also from UFRJ. This study is aimed to investigate the interpretation of imperfectivity in English. This test will not take more than 20 minutes to be completed. Your participation in this study is voluntary and you will not be paid for it. You have the right to interrupt the test at any given moment, if that is your wish. The results of this study will be synthetically presented and you will not be identified in any way”*⁷⁶.

Após a leitura desse breve texto, os participantes foram informados dos detalhes de cada teste e, para prosseguir, teriam de concordar com a seguinte opção: *“I hereby declare for the proper purposes that I am aware of the conditions and rules of the test, of my voluntary participation in it and of my rights concerning the interruption of the test at any moment”*⁷⁷. Salienta-se, ainda, que ambos os testes foram separados nas seguintes etapas: 1) Informes e declaração de consentimento livre e esclarecido, 2) Questionário, 3) Treinamento, 4) Sentenças alvo e distratoras randomizadas e 4) Comentários.

⁷⁵ Seguem os dados da aprovação pelo Comitê de Ética: 53659021.3.0000.5286 (CAAE) e 137135/2021 (número do comprovante).

⁷⁶ Se você nasceu ou foi criado em um país anglófono, você está convidado a participar deste estudo linguístico, conduzido por mim, Matheus Gomes Alves, um estudante de pós-graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e Adriana Leitão Martins, minha orientadora e professora integral do Departamento de Linguística e Filologia, também da UFRJ. Este estudo objetiva investigar a interpretação da imperfectividade em língua inglesa. O teste não vai demorar mais do que 20 minutos para ser feito. Sua participação neste teste é voluntária e você não será pago por isso. Você tem o direito de interromper o teste a qualquer momento, caso assim o deseje. Os resultados deste teste serão sinteticamente apresentados e você não será identificado.

⁷⁷ Eu declaro para os objetivos concernentes que estou ciente das condições e regras do teste, da minha participação voluntária no teste e dos meus direitos referentes à interrupção do teste a qualquer momento.

Na etapa Questionário, em cada um dos testes, os informantes foram convidados a informarem sua idade, seu país de origem e o local em que passaram a maior parte da infância. O objetivo desta etapa foi garantir que os informantes dos testes tenham adquirido a língua inglesa como nativa, em um processo natural de aquisição de linguagem. Em seguida, na etapa de treinamento, em cada um dos testes, os informantes foram expostos novamente às orientações do respectivo teste e foram apresentados a um *trial*, por meio do qual se objetivava garantir que os informantes tinham compreendido a tarefa experimental de cada um dos testes. Finalmente, os informantes, em cada um dos testes, foram expostos a oito sentenças-alvo e dezesseis sentenças distratoras, totalizando 24 sentenças, de maneira randomizada. Posteriormente a cada um dos testes, havia, ainda, uma seção de sugestões ou de comentários, caso os participantes quisessem tecer considerações acerca do experimento realizado.

3.2.1 Teste de Escolha Forçada

Em relação ao Teste de Escolha Forçada, adotou-se a seguinte variável independente: Linearização (cinqueniana/não cinqueniana). As variáveis dependentes foram: i) índice de escolha da leitura de escopo progressivo e ii) índice de escolha da leitura de escopo regressivo. A tarefa experimental foi a seguinte: o participante é exposto a sentenças no tempo presente, com ordenamento adverbial ora cinqueniano ora não cinqueniano. Em seguida, é exposto a duas possíveis leituras/interpretações para cada sentença, uma de escopo progressivo e outra de escopo regressivo. O participante escolhe a única leitura possível para cada uma das sentenças a que foi exposto. Adotaram-se as seguintes previsões experimentais: i) a alternativa B, que designa leitura de escopo progressivo, será a única escolhida para designar o significado de sentenças com ordenamento adverbial cinqueniano, ii) a alternativa A, que designa escopo regressivo, será a única escolhida para designar o significado de sentenças com ordenamento adverbial não cinqueniano. Após serem informados acerca da tarefa experimental deste teste, ratifica-se que os participantes foram expostos a uma seção de *trial*, que pode ser observada abaixo:

Trial

This section is aimed at providing a short training exercise in order to clarify what you will be asked to do. You need to identify the option that most precisely describes the sentence below. You can only choose one option per sentence.

John finally again runs the marathon *

- This year John runs the marathon one more time, after waiting for it for a long period of time. .
- After waiting for the marathon, John at last runs the marathon one more time.

(Figura 20 – Seção de *Trial* – Teste de Escolha Forçada. Fonte: elaboração própria)

Na figura, constata-se que os participantes foram expostos ao seguinte texto: “Esta seção objetiva promover um breve exercício de treinamento para informar o que você precisa fazer. Você precisa identificar a opção que mais apropriadamente descreve a sentença abaixo. Você apenas pode escolher uma opção por sentença”. Em seguida, eles foram expostos à seguinte sentença de treinamento: *John finally again runs the marathon* (João finalmente de novo corre a maratona). Os participantes teriam de escolher qual leitura seria a mais apropriada para essa sentença: a) Neste ano, João corre a maratona de novo, depois de esperar a maratona por um longo período ou b) Depois de esperar muito pela maratona, João finalmente corre a maratona mais uma vez. A opção “a”, portanto, oferecia para a sentença uma leitura de escopo regressivo (*again* > *finally*), enquanto a opção “b”, uma leitura de escopo progressivo (*finally* > *again*). Para pormenorizar os procedimentos e assunções analíticas de sentenças alvo, tomar-se-á, como outro exemplo, um molde de sentença⁷⁸, que pode ser observado abaixo:

John still almost runs the marathon *

- John runs the marathon every year. This year John no longer runs the marathon.
- John prepares himself to run the marathon every year. Everytime the marathon is about to start, he is always prevented from running.

(Figura 21 – Exemplo de molde de sentença – Teste de Escolha Forçada. Fonte: elaboração própria)

Nesse exemplo, os participantes seriam expostos à sentença: *John still almost runs the marathon* (João ainda quase corre a maratona). Os participantes teriam de escolher qual leitura seria a mais apropriada para essa sentença: A) João corre a maratona todo ano. Este ano João

⁷⁸ Trata-se apenas de um molde de sentença alvo. Essa sentença não foi utilizada como alvo, tampouco foi utilizada como *trial*. Optou-se por inserir essa sentença nesta seção apenas para mais claramente exemplificar a tarefa.

não corre mais a maratona e B) João se prepara para correr a maratona todo ano. Toda vez que a maratona está prestes a começar ele é sempre impedido de correr. Caso o participante escolha nessa sentença de linearização/ ordenamento cinqueniano a opção A, entender-se-ia que este atribuiu uma leitura de escopo regressivo (*almost > still*) a uma sentença de linearização cinqueniana, caso o participante escolha a opção B, entender-se-ia que este atribuiu uma leitura de escopo progressivo (*still > almost*) a uma sentença de linearização cinqueniana.

Convém reafirmar, assim, as previsões para esse experimento: i) a alternativa B, que designa leitura de escopo progressivo, será a única escolhida para designar o significado de sentenças com ordenamento adverbial cinqueniano, ii) a alternativa A, que designa escopo regressivo, será a única escolhida para designar o significado de sentenças com ordenamento adverbial não cinqueniano. Nesse teste, os participantes foram expostos a oito sentenças alvo e dezesseis sentenças distratoras. Abaixo, podem ser observadas as sentenças alvo de acordo com o nível da variável dependente (escopo progressivo x regressivo) a que se referem:

	Sentença	Leitura de escopo progressivo (alternativa B)	Leitura de escopo regressivo (alternativa A)
Linearização Cinqueniana	<i>Gabriel usually still dances tango.</i> (Gabriel geralmente ainda dança tango)	Regularly, Gabriel keeps dancing tango, even though, for instance, his friends are dancing salsa. ⁷⁹	Gabriel keeps dancing tango on a regular basis. ⁸⁰
	<i>John still almost teaches Math.</i> (João ainda quase ensina matemática)	John is still a Math teacher. Every class, John starts talking about his life and it prevents him from teaching Math. ⁸¹	John no longer teaches Math, because he has just retired. ⁸²
	<i>Francis briefly almost yells at John.</i>	For a short period of time, Francis is about to yell at John. ⁸³	Francis almost yells at John for a short period of time, but it is taking

⁷⁹ Regularmente, Gabriel continua dançando Tango, mesmo que, por exemplo, seus amigos estejam dançando salsa.

⁸⁰ Gabriel continua dançando tango regularmente.

⁸¹ João é ainda um professor de matemática. Toda aula, João começa falando de sua vida e isso o impede de ensinar matemática.

⁸² João não mais ensina matemática, porque ele se aposentou.

⁸³ Por um curto período de tempo, Francis está prestes a gritar com João.

	(Francis brevemente quase grita com João)		quite a long period of time. ⁸⁴
	<i>Anne briefly suddenly talks to John.</i> (Ana brevemente repentinamente fala com João)	Anne for a short period of time talks to John in a sudden way. ⁸⁵	Anne out of the blue talks to John for a short period of time. ⁸⁶
Linearização Não Cinquiana	<i>David still usually goes to the gym.</i> (Davi ainda geralmente vai à academia)	Regularly, David keeps going to the gym, even though, for instance, his friends go somewhere else. ⁸⁷	David keeps going to the gym on a regular basis. ⁸⁸
	<i>Mark almost still passes the exam.</i> (Mark quase ainda passa no exame)	Mark keeps almost passing the exam, because he almost always gets the minimum score. ⁸⁹	Mark almost keeps passing the exam, but this time he is not getting the minimum score. ⁹⁰
	<i>Andrew almost briefly feels lonely.</i> (André quase brevemente se sente só)	Andrew for a short period of time is on the verge of feeling lonely. ⁹¹	Andrew is about to feel lonely for a short period of time. ⁹²
	<i>Joe suddenly briefly kisses Mary.</i> (Joe repentinamente brevemente beija a Maria)	For a short period of time, Joe kisses Mary in a sudden way. ⁹³	Joe out of the blue kisses Mary for a short period of time. ⁹⁴

(Quadro 5 – Sentenças Alvo – Teste de Escolha Forçada. Fonte: elaboração própria)

⁸⁴ Francis quase grita com João em um período curto, mas, na verdade, isso durou um longo período de tempo.

⁸⁵ Anne por um curto período de tempo fala com o João de forma repentina.

⁸⁶ Anne repentinamente fala com João em um curto período de tempo.

⁸⁷ Regularmente, David continua indo à academia, mesmo que, por exemplo, seus amigos estejam indo a outros lugares.

⁸⁸ David continua indo à academia regularmente

⁸⁹ Mark continua quase passando na prova, porque ele quase sempre consegue a média.

⁹⁰ Mark quase continua passando no exame, mas agora ele não está conseguindo alcançar a média.

⁹¹ Andrew por um período curto de tempo está na iminência de se sentir sozinho.

⁹² Andrew está prestes a se sentir sozinho por um período curto de tempo.

⁹³ Por um período curto de tempo, Joe beija Mary de forma repentina.

⁹⁴ Joe repentinamente beija Maria por um período curto de tempo.

No que concerne às distratoras do teste de Escolha Forçada, optou-se pelas seguintes sentenças: *Daniel generally did the dishes* (Daniel geralmente lavava os pratos), *John was eating sandwiches repeatedly* (João estava comendo sanduíches repetidamente), *Mary is coughing now* (Maria está tossindo agora), *John will drink beer soon* (João vai beber cerveja em breve), *The light is always flickering* (A luz está sempre piscando), *Frank showed Anne his books last year* (Frank mostrou seus livros a Ana no ano passado), *Simon was finally talking to his friends* (Simão estava finalmente falando com seus amigos), *John is sneezing again* (João está espirrando agora), *Julianne is going to play video games frequently* (Juliane vai jogar video games frequentemente), *Mary is blinking one more time* (Maria está piscando mais uma vez), *Edward surprisingly realized his mistakes* (Eduardo surpreendentemente percebeu seus erros), *Patrick was finally ironing the clothes* (Patrick estava finalmente passando a roupa), *Daniel is pounding on the table again* (Daniel está batendo na mesa de novo), *Perhaps, Ryan will read the News* (Talvez, Ryan vai ler as notícias), *Daniel is just hammering a nail* (Daniel está apenas martelando um parafuso) e *Anne frequently visited her old friends* (Ana frequentemente visitou seus velhos amigos). Como se pôde constatar, optou-se por dezesseis sentenças distratoras, com seis sentenças com morfologia de presente progressivo, quatro sentenças com morfologia de passado simples, três sentenças com morfologia de passado progressivo e três sentenças com expressão morfológica de futuro (*will* e *going to*).

O Teste de Escolha Forçada foi aplicado remotamente, via *Google Forms*, a vinte falantes nativos de língua inglesa. Todos consentiram livre e esclarecidamente acerca de seus direitos na feitura do teste, do caráter anônimo e voluntário de participação do teste, da ausência de remuneração na participação do teste, dos objetivos pormenorizados, bem como dos riscos e ganhos da feitura do teste. Abaixo, pode ser observado um quadro com os metadados dos participantes.

ID	Nascimento	Infância	Idade
A	EUA	EUA	18 a 30
B	Inglaterra	Inglaterra	18 a 30
C	EUA	EUA	18 a 30
D	Inglaterra	Inglaterra	61 a 70
E	EUA	EUA	Mais de 70
F	Australia	Australia	31 a 40
G	Inglaterra	Inglaterra	18 a 30
H	Índia	EUA	18 a 30
I	Inglaterra	Inglaterra	51 a 60

J	Canadá	Canadá	18 a 30
K	Inglaterra	Inglaterra	18 a 30
L	Inglaterra	Inglaterra	41 a 50
M	EUA	EUA	41 a 50
N	EUA	EUA	61 a 70
O	EUA	EUA	18 a 30
P	EUA	EUA	18 a 30
Q	EUA	Brasil	51 a 60
R	Nigéria	Nigéria	18 a 30
S	EUA	EUA	18 a 30
T	EUA	EUA	61 a 70

(Quadro 6 – Dados dos participantes do Teste de Escolha Forçada. Fonte: elaboração própria)

3.3.2 Teste de Ordenamento Sintático

Em relação ao Teste de Ordenamento Sintático, adotou-se a seguinte variável independente de dois níveis: Escopo (Progressivo/ Regressivo). As variáveis dependentes foram: i) índice de preferência por linearização cinqueniana e ii) índice de preferência por linearização não cinqueniana. A tarefa experimental foi a seguinte: o participante é exposto a um contexto significativo específico que designa a sentença que ele deve formar. Em seguida, o participante é exposto aos constituintes embaralhados de uma sentença a ser formada. Com fins de contemplar o contexto significativo anterior, o participante tem de ordenar os constituintes da melhor maneira possível, sem inserir novos termos ou modificar o que foi dito. Adotaram-se as seguintes previsões experimentais: i) para designar escopo progressivo, apenas o ordenamento adverbial cinqueniano será empregado pelos participantes e ii) para designar escopo regressivo, apenas o ordenamento adverbial não cinqueniano será empregado pelos participantes. Após serem informados acerca da tarefa experimental, os participantes foram expostos a três regras: 1) Use todas as palavras embaralhadas, 2) Não modifique as palavras e 3) A primeira palavra deve necessariamente ser um nome próprio. O objetivo de se estabelecer cada uma dessas regras foi, respectivamente: a) garantir que, nas sentenças alvo, os advérbios sob escrutínio sejam utilizados nas sentenças, b) evitar modificações na morfologia de presente simples, para evitar influência de processos de coerção temporal no emprego dos advérbios sob análise para veicular as projeções aspectuais estudadas e c) evitar casos de fronteamto adverbial. Sendo assim, a seção de *trial* e suas regras podem ser observadas abaixo:

This section is aimed at providing a short training exercise in order to clarify what you will be asked to do. In order to convey what is aimed to be said, you need to order the parts of the sentences. Do not change any of the words given and use all the words. The first word to be used should necessarily be a person's name.

Order the parts of the sentence: sometimes / plays / Tom / the piano *

What I want to say: Tom is
sometimes playing the piano

Sua resposta

One way to order this sentence would be: *

- Tom sometimes plays the piano.
- Sometimes Tom plays the piano.

Attention. The rules are simple: 1) Use all the words, 2) Do not change the words and 3) Use the person's name as the first word. According to the rules the only possible answer is the first one: Tom sometimes plays the piano.

(Figura 22 – Seção de *Trial* – Teste de Ordenamento Sintático. Fonte: elaboração própria)

Na figura, constata-se que os participantes foram inicialmente expostos ao seguinte texto: “Esta seção objetiva promover um breve exercício de treinamento para informar o que você precisará fazer. Para denotar o que se intenciona dizer, você precisa ordenar partes das sentenças. Não mude as palavras e as utilize em sua integridade. A primeira palavra deve ser o nome de uma pessoa”. Em seguida, os participantes foram apresentados aos elementos a serem ordenados, *sometimes / plays / Tom / the piano*, e ao seguinte contexto que se intencionava denotar: *Tom is sometimes playing the piano* (Tom está às vezes tocando o piano). Logo após, ainda na seção de *trial*, para checar se os participantes compreenderam a tarefa, os participantes selecionam uma dentre duas opções de resposta para o ordenamento dos constituintes sentenciais – em que apenas uma opção contém o nome próprio no início da sentença – e são novamente afirmadas as regras. Nos contextos alvo e distratores da seção seguinte, porém, não há opções de resposta: os participantes devem apenas ordenar os constituintes sentenciais dados.

Para ilustrar, com mais detalhes, os procedimentos do Teste de Ordenamento Sintático, bem como os critérios e assunções analíticos, toma-se como exemplo um dos contextos alvo,

estipulado como: *Regularly, Peter keeps astonishing her* (Regularmente, Pedro continua a impressioná-la). Essa sentença denota uma relação de escopo progressivo, em que “regularmente”, gramaticalizando a noção de habitualidade, tomaria escopo sobre “continua”, que gramaticaliza a noção de continuatividade. O informante terá de ordenar os seguintes itens: *Peter / her / astonishes / usually / still*. Sendo assim, entende-se que, caso os informantes ordenem os advérbios como *usually > still*, esses preferiram uma linearização cinqueniana para denotar uma relação de escopo progressivo. Contudo, caso os informantes ordenem os advérbios como *still > usually*, assume-se que esses preferiram uma linearização não cinqueniana para denotar uma relação de escopo regressivo.

Test

In order to convey what is aimed to be said, you need to order the parts of the sentences. Do not change any of the given words and use all the words. The first word to be used should necessarily be a person's name.

Peter / her / astonishes / usually / still *

What I want to say: Regularly,
Peter keeps astonishing her.

(Figura 23 – Contexto Alvo – Teste de Ordenamento Sintático. Fonte: elaboração própria)

Convém reafirmar, assim, nossas previsões: i) para designar escopo progressivo, apenas o ordenamento adverbial cinqueniano será empregado pelos participantes e ii) para designar escopo regressivo, apenas o ordenamento adverbial não cinqueniano será empregado pelos participantes. Nesse teste, os participantes foram expostos a oito contextos alvo e dezesseis distratores. Abaixo, podem ser observadas os contextos alvo de acordo com o nível da variável independente a que se referem, isto é, de acordo com o escopo intencionado (progressivo ou regressivo).

Escopo progressivo	Escopo regressivo
Contexto: <i>Regularly, Peter keeps astonishing her</i>	Contexto: <i>Ana keeps walking on a regular basis</i>

(Regularmente, Pedro continua a impressioná-la) Itens: <i>Peter / her / astonishes / usually / still</i>	(Ana continua a andar de forma rotineira) Itens: <i>Ana / walks / usually / still</i>
Contexto: <i>Jane keeps almost getting the prize, but she never gets it</i> (Jane continua a quase ganhar o prêmio, mas ela nunca o ganha) Itens: <i>Jane / the prize / gets / still / almost</i>	Contexto: <i>Elis almost keeps playing video games, because they are now broken</i> (Elis quase continua a jogar video games, porque eles estão agora quebrados) Itens: <i>Elis / video games / plays / still / almost</i>
Contexto: <i>For a short period of time, Anthony is about to watch the show</i> (Por um breve período, Anthony está prestes a assistir ao show) Itens: <i>Anthony / the show / watches / almost / briefly</i>	Contexto: <i>Peter is about to help the teacher for a short period of time</i> (Pedro está prestes a ajudar o professor por um breve período) Itens: <i>Peter / the teacher / helps / almost / briefly</i>
Contexto: <i>Carl for a short period of time calls his mom in a sudden way</i> (Carl por um breve período liga para/ chama sua mãe de forma repentina) Itens: <i>Carl / his mom / calls / briefly / suddenly</i>	Contexto: <i>In a sudden way, Simon questions his friends for a short period of time</i> (De forma repentina, Simon interroga seu amigo por um breve período) Itens: <i>Simon / his friend / questions / suddenly / briefly</i>

(Quadro 7 – Contextos alvo por ordenamento de itens – Teste de Escolha Forçada. Fonte: elaboração própria)

Além disso, no que concerne aos estímulos distratores do Teste de Ordenamento Sintático, optou-se por introduzir contextos em que a morfologia progressiva fosse utilizada e, na ordenação dos itens, disponibilizar apenas verbos flexionados com morfologia de presente simples. Sendo assim, os dezesseis contextos distratores e os itens a serem ordenados, bem como suas traduções, podem ser observados no quadro abaixo:

Contexto apresentado	Itens
<i>Mary is repeatedly tapping her nails</i> (Mary está repetidamente batendo suas unhas)	<i>Mary / her nails / taps</i>
<i>Zoe is declining her invitation</i> (Zoe está recusando o convite dela)	<i>Zoe / her invitation / declines</i>
<i>Mary is always helping her friends</i> (Mary está sempre ajudando os amigos dela)	<i>her friends / Mary / helps</i>
<i>John is kicking the ball</i> (João está chutando a bola)	<i>the ball / John / kicks</i>
<i>Amanda is dancing salsa</i>	<i>salsa / Amanda / dances</i>

(Amanda está dançando Salsa)	
<i>Anne is visiting her old friends</i> (Anne está visitando seus velhos amigos)	<i>her old friends / Anne / visits</i>
<i>Daniel is hammering a nail</i> (Daniel está martelando um prego)	<i>a nail / hammers / Daniel</i>
<i>Ana is sending an email to Bob</i> (Ana está mandando um e-mail a Bob)	<i>an email / to Bob / she / sends</i>
<i>Ryan is reading the news alone</i> (Ryan está lendo as notícias sozinho)	<i>the news / alone / reads / Ryan</i>
<i>Daniel is pounding his hand on the table</i> (Daniel está batendo sua mão na mesa)	<i>on the table / pounds / Daniel / his hand</i>
<i>Patrick is ironing the clothes</i> (Patrick está passando as roupas)	<i>irons / Patrick / the clothes</i>
<i>Edward is realizing his mistakes</i> (Edward está percebendo seus erros)	<i>his mistakes / realizes / Edward</i>
<i>Sue is blinking her eyes</i> (Sue está piscando seus olhos)	<i>blinks / her eyes / Sue</i>
<i>Taylor is telling jokes to his friend</i> (Taylor está contando anedotas a seus amigos)	<i>to his friend / Taylor / jokes / tells</i>
<i>Juliane is often playing video games</i> (Juliane está frequentemente jogando video games)	<i>Juliane / video games / plays / often</i>
<i>John is sneezing a lot</i> (João está espirrando muito)	<i>sneezes / a lot / John</i>

(Quadro 8 – Contextos distratores e itens – Teste de Ordenamento Sintático. Fonte: elaboração própria)

O Teste de Ordenamento Sintático foi aplicado remotamente, via *Google Forms*, a vinte falantes nativos de língua inglesa. Todos consentiram livre e esclarecidamente acerca de seus direitos na feitura do teste, do caráter anônimo e voluntário de participação do teste, da ausência de remuneração na participação do teste, dos objetivos pormenorizados, bem como dos riscos e ganhos da feitura do teste. Abaixo, pode ser observado um quadro com os metadados dos participantes.

ID	Nascimento	Infância	Idade
A	EUA	EUA	18 a 30
B	Inglaterra	Inglaterra	51 a 60
C	EUA	EUA	18 a 30
D	Inglaterra	Inglaterra	61 a 70
E	EUA	EUA	41 a 50
F	EUA	EUA	18 a 30
G	EUA	EUA	18 a 30
H	EUA	EUA	18 a 30
I	EUA	Brazil	51 a 60
J	Paquistão	EUA	18 a 30
K	Inglaterra	Inglaterra	31 a 40
L	Austrália	Austrália	51 a 60
M	Inglaterra	Inglaterra	31 a 40
N	EUA	EUA	31 a 40
O	Austrália	Australia	31 a 40
P	Inglaterra	Inglaterra	41 a 50
Q	EUA	EUA	41 a 50
R	EUA	EUA	61 a 70
S	Inglaterra	Inglaterra	51 a 60
T	Canadá	Canadá	31 a 40

(Quadro 9 – Dados dos participantes do Teste de Ordenamento Sintático. Fonte: elaboração própria)

Neste capítulo, foram apresentados detalhes concernentes à metodologia adotada neste trabalho. Foram pormenorizados os objetivos gerais, específicos, as hipóteses e as previsões para a análise de *corpora* e para cada um dos experimentos empregados. Os procedimentos analíticos, os estímulos alvo e distratores, bem como o *design* experimental aventado, foram plenamente descritos. No próximo capítulo, os resultados serão apresentados.

4 RESULTADOS

Os resultados dos métodos explorados neste trabalho serão apresentados separadamente. Inicialmente, serão apresentados os resultados da análise de *corpora* (*WebCorp* e *Santa Barbara Corpus of Spoken American English*), o tratamento apresentado a esses dados, bem como alguns exemplos de sentenças encontradas no escrutínio do *Santa Barbara Corpus of Spoken American English*. Serão pormenorizadas também informações referentes às ocorrências que foram excluídas dos resultados e a justificativa para fazê-lo. Em seguida, serão apresentados os resultados do Teste de Julgamento de Escolha Forçada, o tratamento estatístico dado a esses resultados e a significância das variáveis dependentes escolhidas. Por fim, serão apresentados os resultados do Teste de Ordenamento Sintático, com a descrição da análise estatística empregada e a significância das variáveis dependentes aventadas.

4.1 RESULTADOS DA ANÁLISE DOS *CORPORA*

Antes de se apresentarem tais resultados, contudo, faz-se mister apontar que, de acordo com os dados encontrados no *WebCorp* (<https://www.webcorp.org.uk/>), todos os ordenamentos estudados (“*usually still*”, “*still almost*”, “*briefly almost*” e “*briefly suddenly*” e suas permutações aparentemente “não cinquentianas”) são possíveis em língua inglesa. Abaixo, observa-se um quadro em que são representados os ordenamentos estudados e o número de ocorrências⁹⁵ de cada um deles no *corpus*.

Ordenamentos	Número de ocorrências		Total
	Bing	The Guardian	
<i>Usually still</i> ⁹⁶	31	50	81
<i>Still usually</i> ⁹⁷	32	49	81
<i>Still almost</i> ⁹⁸	25	50	75

⁹⁵ Ocorrências repetidas não foram consideradas nesta análise, tampouco ocorrências com vírgulas entre os advérbios. Os procedimentos analíticos foram os seguintes: a) pesquisa na interface do *WebCorp* dos ordenamentos estudados e b) separação dos resultados de acordo com a fonte das ocorrências consideradas.

⁹⁶ Exemplo: *You can usually still join their pension if you want to* (Você pode geralmente ainda participar do esquema pensionário deles, caso queira). Disponível em <https://www.gov.uk/workplace-pensions/joining-a-workplace-pension>. Último acesso em 09/02/2022.

⁹⁷ Exemplo: *An autism diagnosis for young children is still usually based on the ‘triad of impairments’* (Um diagnóstico de autismo em crianças é ainda geralmente baseado em uma tríade de transtornos). Disponível em <https://www.theautismpage.com/girls/>. Último acesso em 09/02/2022.

⁹⁸ Exemplo: *Car Industry Business of Sport Shopper numbers [are] still almost 30% below pre-pandemic levels* (Números da indústria automobilística da *Sport Shopper* estão ainda quase 30% abaixo dos níveis pré-pandêmicos). Disponível em <https://www.bbc.com/news/business-57230017>. Último acesso em 09/02/2022.

<i>Almost still</i> ⁹⁹	26	35	61
<i>Almost briefly</i> ¹⁰⁰	24	0	24
<i>Briefly almost</i> ¹⁰¹	30	8	38
<i>Briefly suddenly</i> ¹⁰²	22	0	22
<i>Suddenly briefly</i> ¹⁰³	21	5	26

(Quadro 10 – Número de ocorrências dos ordenamentos estudados no *WebCorp*. Fonte: elaboração própria)

No quadro, observa-se que todos os ordenamentos são licenciados em língua inglesa de acordo com as ocorrências consideradas. Embora todos os ordenamentos sejam possíveis, há uma diferença discreta, entre cada um desses ordenamentos, referente à prototipicidade. Contudo, ao se levar em consideração o contraste geral entre linearizações cinquenianas¹⁰⁴, isto é, de acordo categoricamente e diretamente com a HLU, e linearizações não cinquenianas, tem-se o seguinte cenário:

Linearizações	Ocorrências
Cinqueniana	216 (53%)
Não Cinqueniana	192 (47%)

(Quadro 11 – Prototipicidade de linearizações dos advérbios considerados. Fonte: elaboração própria)

Neste quadro, constata-se que, em uma análise global, tanto ocorrências de linearizações cinquenianas (216) quanto de linearizações não cinquenianas (192) são possíveis em língua inglesa. No *WebCorp*, observou-se uma diferença de seis por cento entre a frequência de linearizações cinquenianas em relação à frequência de linearizações não cinquenianas. Salienta-se que tal diferença não parece ser suficiente para afirmar que linearizações cinquenianas são

⁹⁹ Exemplo: *You can 'almost still hear children's laughter'* (Você pode quase ainda escutar risadas de crianças). Disponível em <https://www.mirror.co.uk/news/uk-news/inside-eerie-abandoned-play-area-23358762>. Último acesso em 09/02/2022.

¹⁰⁰ Exemplo: *But it almost briefly caused a mutiny in the small colony* (Mas quase brevemente causou um motim na pequena colônia). Disponível em <https://social.shorthand.com/LynleyJoyce/32yxnJUERY/maria-lord-nee-risely>. Último acesso em 09/02/2022.

¹⁰¹ Exemplo: *You're still briefly almost famous* (Você é ainda brevemente quase famoso). Disponível em <https://www.strat-talk.com/threads/i-was-briefly-almost-famous-in-2014.560864/>. Último acesso em 09/02/22.

¹⁰² Exemplo: *Anyone I made friends with even briefly suddenly unavailable* (Quaisquer pessoas com as quais fiz amigos mesmo brevemente repentinamente indisponíveis). Disponível em <https://community.autism.org.uk/f/parents-and-carers/5772/judgement-from-other-parents/31550>. Último acesso em 09/02/2022.

¹⁰³ Exemplo: *It appeared suddenly briefly outshone* (Isso apareceu repentinamente brevemente ofuscado). Disponível em https://www.science20.com/news_releases/top_10_sources_gamma_rays_we_can_see. Último acesso em 09/02/2022.

¹⁰⁴ Diferenciando os ordenamentos entre cinquenianos e não cinquenianos e os agrupando independentemente do advérbio considerado e da fonte da ocorrência (*Bing* ou *The Guardian*).

preferidas em relação a linearizações não cinquenianas. Sendo assim, a partir desses resultados, descartam-se as ideias de que os advérbios estudados não seriam combináveis em inglês por uma questão semântica e de que linearizações não cinquenianas desses advérbios seriam agramaticais no idioma sob análise. Contudo, salienta-se que possivelmente essas linearizações possam refletir diferentes relações de escopo e, assim, não remetam ao mesmo significado. Essa possibilidade será aferida nos resultados dos testes a serem apresentados nas seções 4.2 e 4.3.

Para se inspecionar a frequência desses dados, foi rodado um Teste de Proporção Binomial¹⁰⁵, tomando linearização cinqueniana e não cinqueniana como variáveis dependentes. Afirma-se, categoricamente, que a diferença de frequência entre as linearizações cinquenianas e não cinquenianas estudadas não é relevante. Dessa forma, não se pode afirmar que as linearizações cinquenianas estudadas são ordenamentos preferidos em detrimento das linearizações não cinquenianas estudadas.

Binomial Test

	Nível	Número	Total	Proporção	p	Bayes factor ₁₀
Linearização	Cinqueniana	216	408	0.529	0.255	0.125
	Não Cinqueniana	192	408	0.471	0.255	0.125

(Tabela 1 – Teste de Proporção Binomial – Fonte: elaboração própria)

Sabendo que os advérbios estudados são combináveis em inglês e que não parece haver uma diferença significativa global entre a frequência de linearizações cinquenianas e não cinquenianas, buscou-se observar se alguns desses advérbios individualmente seriam mais comumente utilizados com uma morfologia específica. Em relação aos resultados do *Santa Barbara Corpus of Spoken American English*, convém recordar que um dos objetivos específicos deste trabalho é analisar as realizações morfológicas dos aspectos habitual, continuativo, prospectivo, durativo e incoativo(I) no inglês, associados ao tempo presente. Por meio da análise do *Santa Barbara Corpus of Spoken American English*, objetiva-se testar a hipótese de que a morfologia mais comum para gramaticalizar, em conjunto com os advérbios sob análise, no tempo presente no inglês, as projeções sob escrutínio seria a morfologia progressiva.

Ratifica-se que, em relação aos procedimentos analíticos, inicialmente, buscaram-se, no AntConc 3.5.8 (ANTHONY, 2019), as realizações adverbiais de tais aspectos por meio de uma consulta geral a sentenças com os advérbios sob escrutínio neste trabalho (*usually, still, briefly,*

¹⁰⁵ Emprega-se esse tipo de teste para aferir a proporção de indivíduos com uma certa característica em determinada amostra. Sendo assim, optou-se por esse teste pelo caráter binário da variável dependente considerada na amostra.

almost e *suddenly*). Posteriormente, separaram-se as realizações dessas projeções em virtude da morfologia empregada (morfologia de presente simples (ou não progressiva) x morfologia progressiva no presente).

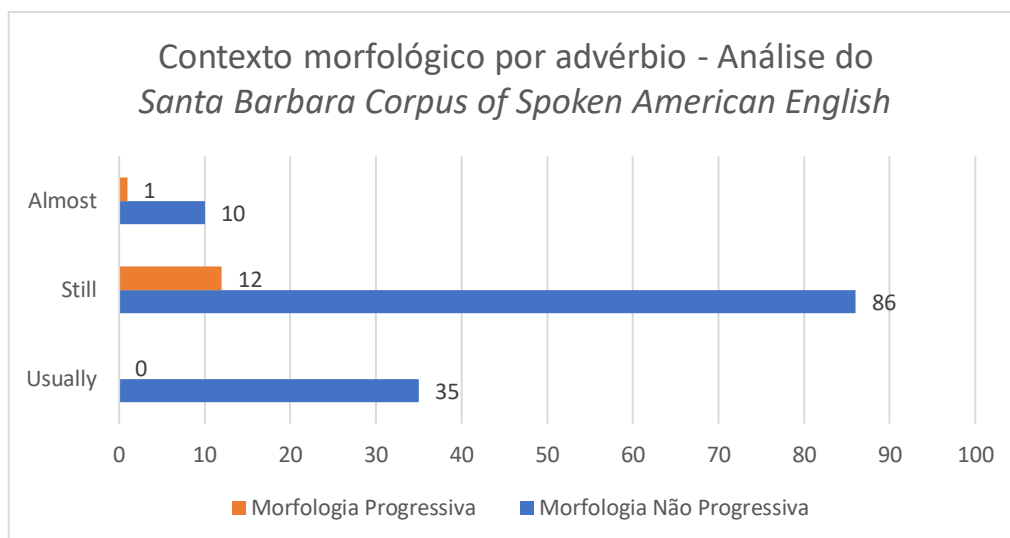
Considerando-se apenas as ocorrências dos advérbios investigados em sentenças em que o tempo presente foi empregado, tem-se o quantitativo de ocorrências descrito neste parágrafo. De forma genérica, foram encontradas trinta e cinco ocorrências de morfologia não progressiva ou, no caso desta análise, morfologia de presente simples, em contextos de emprego de *usually*. Não foram encontradas ocorrências de morfologia progressiva em contexto de emprego deste advérbio. Foram encontradas oitenta e seis ocorrências de morfologia não progressiva em contextos de emprego de *still*. Além disso, houve doze ocorrências de morfologia progressiva em contextos de emprego deste advérbio. Em relação ao advérbio *almost*, foram encontradas dez ocorrências de morfologia não progressiva e apenas uma ocorrência de morfologia progressiva em contexto de emprego deste advérbio. Salienta-se que, antes de chegar a esse número em contextos de emprego do advérbio *almost*, duas ocorrências de morfologia não progressiva e mais uma ocorrência de morfologia progressiva foram excluídas da análise. Justifica-se tal procedimento analítico pelo fato de que se levaram em consideração apenas ocorrências em que *almost* pudesse ter escopo direto ao verbo. Descartaram-se, assim, ocorrências em que o *almost* funcionava como um quantificador¹⁰⁶. Salienta-se, outrossim, que não foram encontradas ocorrências dos outros advérbios (*suddenly* e *briefly*) no *corpus* sob análise. Os resultados podem ser observados no gráfico abaixo¹⁰⁷:

¹⁰⁶ Convém salientar que duas ocorrências foram mantidas pela possibilidade de licenciamento da leitura de escopo do advérbio *almost* sob o predicador verbal. Essas ocorrências podem ser observadas abaixo:

- a. *That feels almost Japanese about it.* (Isso parece quase japonês)
- b. *Really the secretary serves almost no function.* (Realmente, a secretária tem função quase alguma)

Em a), considera-se que *almost* possa ter escopo sobre o verbo *feels*, indicando uma eventualidade em que algo quase se sentia “japonês” sobre alguma coisa. Em b), há a possibilidade de *almost* tomar escopo sobre o verbo *serves*, indicando uma eventualidade em que a secretária quase serve nenhuma função.

¹⁰⁷ Evitou-se a visualização dos dados por meio da apresentação das linhas de concordância extraídas no AntConc por imperativos de Anthony (2018). Anthony (2018) identifica como problemático este método de visualização pelas seguintes razões: 1) supressão arbitrária do contexto circundante da concordância, 2) limitação do contexto circundante, 3) geralmente não pode ser vista em uma tela apenas, 4) as linhas de concordância podem conter padrões discordantes, 5) ordenamento inicial é dependente da posição dos *hits* e 6) o ordenamento dos resultados segue ordem alfabética e não ordem de relevância.



(Gráfico 1 – Uso de contexto morfológico por advérbio na análise de *corpus*. Fonte: elaboração própria)

Ao se fazer uma tabela de frequência simples¹⁰⁸ dos resultados encontrados, observa-se que a morfologia progressiva, comparativamente, teve um emprego com um pouco mais de destaque associada ao advérbio *still* (12%) e com marginalidade associada ao advérbio *almost* (9%). Em contrapartida, em relação à morfologia não progressiva, percebe-se que esta foi mais facilmente encontrada associada a todos os advérbios presentes no *corpus* analisado.

	Morfologia Progressiva	Morfologia Não progressiva
<i>Usually</i>	0 (0%)	35 (100%)
<i>Still</i>	12 (12%)	86 (88%)
<i>Almost</i>	1 (9%)	10 (91%)

(Quadro 12 – Contexto morfológico por frequência de ocorrência de advérbios. Fonte: elaboração própria)

Em seguida, para observar se há relevância estatística nos dados encontrados, foi realizado um teste de Regressão Logística Multinomial¹⁰⁹. Nesse teste, tomaram-se os Advérbios (*usually*, *still* e *almost*) como variáveis dependentes e a Morfologia (progressiva ou não progressiva) como variável independente. Os resultados da análise estatística feita por meio desse teste podem ser observados abaixo:

¹⁰⁸ Os resultados das porcentagens foram aproximados levando em consideração o critério de aproximação de 0,5 décimos.

¹⁰⁹ O teste de Regressão Logística Multinomial é utilizado em contextos em que a variável dependente é nominal e possui mais de dois níveis. Como a variável dependente desta análise tem três níveis, os advérbios *usually*, *still* e *almost*, optou-se por esse teste. Tal regressão é utilizada para explicar a relação entre a variável dependente de natureza nominal e uma ou mais variáveis independentes (EDDINGTON, 2010).

Advérbio	Preditor	Estimativa	SE	Z	p
Almost - Usually	Intercepto	6.65	27.8	0.239	0.811
	Morfologia: Não progressiva – Progressiva	-7.90	27.8	- 0.285	0.776
Still - Usually	Intercepto	9.13	27.7	0.329	0.742
	Morfologia: Não progressiva – Progressiva	-8.23	27.7	- 0.297	0.767

(Tabela 2 – Teste de Regressão Multinomial Logística com o intercepto como a morfologia progressiva no advérbio *Usually*. Fonte: elaboração própria)

De acordo com os resultados do teste resumidos na Tabela 2, não há uma correlação significativa (p-valor = 0,811) entre o emprego da morfologia progressiva no advérbio *Usually* e o emprego desta no advérbio *Almost*. Levando em consideração a distinção entre o emprego da morfologia não progressiva e da progressiva nesses dois advérbios, chega-se à conclusão de que, semelhantemente, não há uma correlação (p-valor = 0,776) entre o tipo de morfologia utilizada e esses advérbios. Dessa forma, o tipo de morfologia não é um preditor dos advérbios referenciados. Por meio do mesmo teste, observa-se que, ainda, não há relação significativa (p-valor = 0,742) entre o emprego de morfologia não progressiva com o advérbio *Usually* e o emprego desta com o advérbio *Still*. Da mesma forma, o contraste morfologia não progressiva e progressiva não se apresenta como relevante (p-valor = 0,767) em relação aos advérbios *Still* e *Usually*. A partir desses resultados, interpreta-se que a escolha da morfologia progressiva não estaria relacionada diretamente com o contexto de emprego do advérbio concatenado.

Advérbio	Preditor	Estimativa	SE	Z	p
Almost - Still	Intercepto	-2.493	1.04	-2.387	0.017 ***
	Morfologia: Não progressiva – Progressiva	0.342	1.10	0.312	0.755
Usually - Still	Intercepto	-9.067	26.87	-0.337	0.736
	Morfologia: Não progressiva – Progressiva	8.167	26.87	0.304	0.761

(Tabela 3 – Teste de Regressão Multinomial Logística com o intercepto como a morfologia progressiva no advérbio *Still*. Fonte: elaboração própria)

Analisando-se os resultados resumidos na Tabela 3, tem-se que, tomando como intercepto o emprego da morfologia progressiva com o advérbio *Still*, parece haver algum tipo de relação (p-valor = 0,017) entre esse contexto morfológico e o advérbio referenciado. Contudo, o contexto morfológico não se apresenta como um fator preditivo suficiente (p-valor = 0,755) para se utilizarem os advérbios *Almost* e *Still*. Similarmente, o contexto morfológico não se sustenta como fator preditivo (p-valor = 0,761) para explicar o emprego dos advérbios *Usually* e *Still*, tampouco para diferenciar o contraste de frequência entre esses dois advérbios (p-valor = 0,736).

Advérbio	Preditor	Estimativa	SE	Z	p
Still - Almost	Intercepto	2.486	1.04	2.387	0.017 ***
	Morfologia: Não progressiva – Progressiva	-0.334	1.09	-0.305	0.760
Usually - Almost	Intercepto	-6.880	31.22	-0.220	0.826
	Morfologia: Não progressiva – Progressiva	8.133	31.22	0.261	0.794

(Tabela 4 – Teste de Regressão Multinomial Logística com o intercepto como a morfologia progressiva no advérbio *Almost*. Fonte: elaboração própria)

Tomando-se os resultados apresentados na Tabela 4, ao se considerar como intercepto a morfologia progressiva empregada com o advérbio *Almost*, observa-se que parece haver uma relação significativa (p-valor = 0,017) estabelecida entre a variável independente e a dependente. Contudo, o contexto morfológico não se apresenta como suficiente para se afirmar como um fator preditivo (p-valor = 0,760) em relação ao emprego dos advérbios *Still* e *Almost*. Similar cenário se observa em relação ao contexto morfológico (p-valor = 0,794) e os advérbios *Usually* e *Almost* (p-valor = 0,826). Sendo assim, embora pareça haver uma relação entre a morfologia progressiva e o advérbio *Still* e marginalmente o *Almost*, essa relação não se apresenta como suficiente para se configurar como fator preditivo de qual advérbio será utilizado. Não se pode descartar, assim, a hipótese nula de que não haveria uma relação direta e categórica entre o tipo de advérbio e o contexto morfológico.

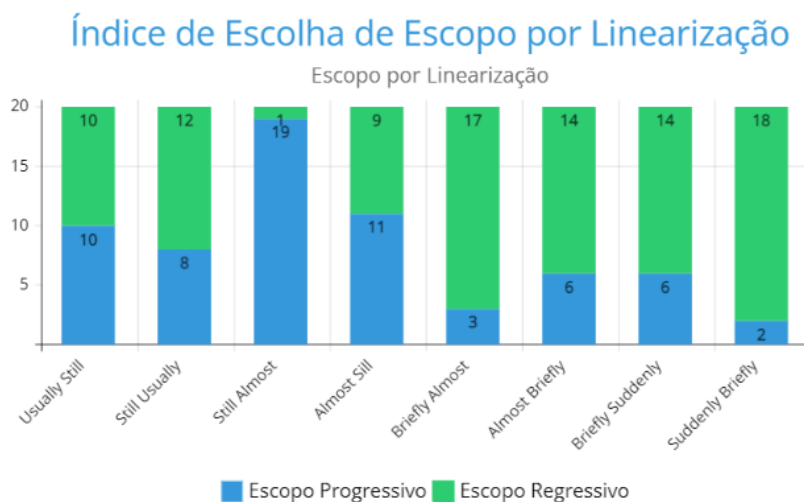
Em última instância, entende-se que: 1) se tais advérbios, de acordo com as ocorrências encontradas e com a própria literatura (CINQUE, 1999; 2006), instanciam projeções que

nucleiam traços de habitualidade, continuidade e prospecção na HLU e 2) se não há uma relação direta entre a escolha da morfologia e o advérbio a ser empregado, então não haveria uma relação direta entre a escolha da morfologia e o traço aspectual a ser checado por meio de movimento na derivação sintática, ao menos para os traços considerados nas ocorrências: habitualidade, continuidade e prospecção.

Sendo assim, a escolha do tipo de morfologia nas ocorrências consideradas não poderia ser explicada, aparentemente, por uma análise que relacionaria tal morfologia diretamente a um dos três advérbios encontrados na amostra de forma mais categórica. De forma mais geral, não parece ser clara, a partir dos dados analisados, a relação entre a morfologia progressiva e uma das três projeções funcionais aspectuais que alocam os advérbios correspondentes como seus respectivos especificadores (CINQUE, 1999). Uma tentativa de explicar, então, a razão de essa morfologia ter obtido um p-valor baixo quando se considerou essa morfologia com os advérbios *still* e *almost* como intercepto, mas não se configurar como um fator preditivo relevante, será apontada na seção 5.1 do próximo capítulo.

4.2 Resultados do Teste de Escolha Forçada

Um Teste de Escolha Forçada foi aplicado remotamente a vinte falantes nativos de língua inglesa. Nesse teste, havia sentenças com linearizações cinquenianas e não cinquenianas dos advérbios estudados e duas possibilidades de leitura: a de escopo progressivo e a de escopo regressivo. Adotaram-se as seguintes previsões experimentais: i) a alternativa B, que designa leitura de escopo progressivo, será a única escolhida para designar o significado de sentenças com ordenamento adverbial cinqueniano, ii) a alternativa A, que designa leitura de escopo regressivo, será a única escolhida para designar o significado de sentenças com ordenamento adverbial não cinqueniano. Abaixo, podem ser observados os resultados globais do índice de escolha de leitura de escopo por linearização dos advérbios estudados:



(Gráfico 2 – Índice de Escolha de Escopo por Linearização. Fonte: elaboração própria)

De forma genérica, pelos dados encontrados, observa-se que as previsões estabelecidas foram refutadas. Nas linearizações cinquenianas *Usually Still*, *Still Almost*, *Briefly Almost* e *Briefly Suddenly*, houve, respectivamente, os seguintes índices de leituras de escopo regressivo: 10, 1, 17 e 14. Em contrapartida, em linearizações não cinquenianas, como *Still Usually*, *Almost Still*, *Almost Briefly* e *Suddenly Briefly*, houve, respectivamente, os seguintes índices de leituras de escopo progressivo: 8, 11, 6 e 2. Não parece ser possível sustentar, então, as previsões anteriormente estabelecidas.

Em uma análise preliminar do gráfico 2, observa-se que, para a maior parte dos ordenamentos, independentemente da linearização (cinqueniana ou não cinqueniana), há o licenciamento de leituras com escopo progressivo e escopo regressivo. Notou-se, contudo, que, com os ordenamentos *Briefly Almost*, *Almost Briefly*, *Briefly Suddenly* e *Suddenly Briefly*, houve uma preferência pela leitura de escopo regressivo. Observa-se, outrossim, que, com o ordenamento *Still Almost*, houve uma esmagadora preferência pela leitura de escopo progressivo. Entretanto, com os ordenamentos *Usually Still*, *Still Usually* e *Almost Still*, não houve uma preferência clara e aparentemente significativa entre a escolha de uma leitura de escopo progressivo e uma leitura de escopo regressivo.

Para investigar se há, de fato, uma relação entre o tipo de escopo e as linearizações estudadas, foi feito um teste de Regressão Logística Binomial. Nesse teste, foram tomadas como variáveis dependentes as relações de escopo (progressivo e regressivo) e, como variáveis independentes, as linearizações cinquenianas (*Usually Still*, *Still Almost*, *Briefly Almost* e *Briefly Suddenly*) e as não cinquenianas (*Still Usually*, *Almost Still*, *Almost Briefly* e *Suddenly Briefly*). Diferentemente do contexto analítico dos *corpora*, descrito na seção 4.1, neste teste, é

analisada uma variável dependente nominal de apenas dois níveis e uma variável independente como oito níveis. Por essa razão, o teste de Regressão Logística Binomial foi empregado para inspecionar a normalidade dos dados.

Na subseção 4.2.1, serão tecidas considerações acerca dos resultados deste teste em linearizações cinquenianas, objetivando, assim, compreender se o escopo progressivo pode ser compreendido como um fator preditivo dessas linearizações. Em contrapartida, na subseção 4.2.2, serão tecidas considerações acerca dos resultados deste teste em linearizações não cinquenianas, objetivando investigar se o escopo regressivo poderia ser concebido como um fator preditivo dessas linearizações.

4.2.1. Resultados do Teste de Escolha Forçada em linearizações cinquenianas

Nesta subseção, serão apresentados os resultados do Teste de Escolha Forçada dos estímulos com linearizações adverbiais cinquenianas, isto é, com os seguintes pares: *Usually Still*, *Still Almost*, *Briefly Almost* e *Briefly Suddenly*. De forma geral, na linearização *Usually Still*, houve atribuição de dez leituras de escopo progressivo e de dez de escopo regressivo. Em relação à linearização *Still Almost*, houve dezenove leituras de escopo progressivo e uma de escopo regressivo. Para a linearização *Briefly Almost*, houve três leituras de escopo progressivo e dezessete de escopo regressivo. Finalmente, em relação à linearização *Briefly Suddenly*, houve, de semelhante forma, seis leituras de escopo progressivo e quatorze de escopo regressivo. Tomando a escolha da leitura de escopo como um nível da variável dependente e o ordenamento adverbial *Usually Still* como um nível da variável independente, tem-se a seguinte tabela:

Preditor	Estimativa ¹¹⁰	Intervalo de Confiança de 95%		SE	Z	p
		Inferior	Superior			
Intercepto	2.83e-15	-0.877	0.877	0.447	6.33e-15	1.000
Linearização:						
Still Usually – Usually Still	0.405	-0.847	1.658	0.639	0.635	0.526

(Tabela 5 – Regressão Logística Binomial com o Intercepto como Escopo Progressivo de *Usually Still*. Fonte: elaboração própria)

¹¹⁰ Estimativa representa a transformação logarítmica do contraste entre "Escopo = Regressivo" e "Escopo = Progressivo".

Na tabela 5, considerou-se o intercepto como a leitura de escopo progressivo no ordenamento cinqueniano *Usually Still*. Observa-se que não parece haver uma correlação (p-valor = 1,000) entre o escopo progressivo e essa linearização. Isso significa que o ordenamento *Usually Still* não é um fator preditivo para a escolha de uma leitura de escopo. Afirma-se, outrossim, que a escolha por uma leitura de escopo progressivo não estaria relacionada (p-valor = 0,526) ao tipo de linearização (*Still Usually* x *Usually Still*). Assim, para esses ordenamentos, de acordo com os dados, o escopo progressivo não se apresenta como um fator preditivo suficiente para diferenciar os dois tipos de linearização. Tomando a escolha da leitura de escopo como um nível da variável dependente e o ordenamento adverbial *Still Almost* como um nível da variável independente, tem-se a seguinte tabela:

Preditor	Estimativa	Intervalo de Confiança de 95%		SE	Z	p
		Inferior	Superior			
Intercepto	-2.94	-4.955	-0.934	1.03	-2.87	0.004****
Linearização:						
Almost Still – Still Almost	2.74	0.548	4.939	1.12	2.45	0.014****

(Tabela 6 – Regressão Logística Binomial com o intercepto como Escopo Progressivo de *Still Almost*. Fonte: elaboração própria)

Na tabela 6, considerou-se como intercepto a leitura de escopo progressivo no ordenamento cinqueniano *Still Almost*. De acordo com os dados, há uma correlação altamente significativa (p-valor = 0,004) entre o tipo de leitura de escopo progressivo e o ordenamento referenciado. Dessa forma, esse ordenamento parece se comportar como um fator preditivo significativo para a leitura de escopo progressivo. Notou-se, ainda, que o contraste entre as linearizações *Almost Still* e *Still Almost* pode ser explicado (p-valor = 0,014) à luz da leitura de escopo progressivo. Tomando a escolha da leitura de escopo como um nível da variável dependente e o ordenamento adverbial *Briefly Almost* como um nível da variável independente, tem-se a seguinte tabela:

Preditor	Estimativa	Intervalo de Confiança de 95%		SE	Z	p
		Inferior	Superior			
Intercepto	1.735	0.507	2.962	0.626	2.770	0.006****

Preditor	Estimativa	Intervalo de Confiança de 95%		SE	Z	p
		Inferior	Superior			
Linearização:						
Almost Briefly – Briefly Almost	-0.887	-2.443	0.669	0.794	-1.118	0.264

(Tabela 7 – Regressão Logística Binomial com o Intercepto como Escopo Progressivo de *Briefly Almost*. Fonte: elaboração própria)

Na tabela 7, tomou-se o intercepto como a leitura de escopo progressivo no ordenamento cinqueniano *Briefly Almost*. Contrastando os resultados dessa tabela com os do gráfico 2, interpreta-se que parece haver uma correlação negativa (p-valor = 0,006) entre a leitura esperada de escopo progressivo e esse ordenamento, posto que só houve três ocorrências dessa leitura diante de tal linearização. Entende-se, assim, que seria até mais difícil haver uma leitura de escopo progressivo em sentenças com ordenamento *Briefly Almost*. Salienta-se, contudo, que o tipo de linearização (*Briefly Almost* x *Almost Briefly*) não parece ser um fator preditivo (p-valor = 0,264) de fato para a leitura de escopo progressivo. Tomando a escolha da leitura de escopo como um nível da variável dependente e o ordenamento adverbial *Briefly Suddenly* como um nível da variável independente, tem-se a seguinte tabela:

Preditor	Estimativa	Intervalo de Confiança de 95%		SE	Z	p
		Inferior	Superior			
Intercepto	0.847	-0.109	1.804	0.488	1.736	0.082
Linearização:						
Suddenly Briefly – Briefly Suddenly	1.350	-0.396	3.096	0.891	1.515	0.130

(Tabela 8 – Regressão Logística Binomial com o intercepto como Escopo Progressivo de *Briefly Suddenly*. Fonte: elaboração própria)

Na tabela 8, tomou-se como intercepto a leitura de escopo progressivo no ordenamento cinqueniano *Briefly Suddenly*. De acordo com os resultados apresentados nessa tabela, não há relação significativa (p-valor = 0,082) entre o ordenamento referenciado e a leitura de escopo progressivo. Além disso, o contraste *Suddenly Briefly* e *Briefly Suddenly* não pode ser entendido

(p-valor = 0,130) à luz da leitura de escopo progressivo. Tais resultados significam que a leitura de escopo progressivo não está relacionada ao ordenamento cinqueniano *Briefly Suddenly*, tampouco ao contraste entre as respectivas linearizações cinqueniana e não cinqueniana *Briefly Suddenly* e *Suddenly Briefly*.

Nesta subseção, foram apresentados os resultados do Teste de Regressão Logística Binomial nos estímulos com linearizações cinquenianas. Observou-se que só houve correlação significativa nos seguintes contextos: 1) ordenamento *Still Almost* como preditor de leitura de escopo progressivo (p-valor = 0,004), 2) contraste *Still Almost* e *Almost Still* relacionado à leitura de escopo progressivo (p-valor = 0,014) e 3) ordenamento *Briefly Almost* como relacionado negativamente à leitura de escopo progressivo (p-valor = 0,006). Nas outras combinações adverbiais com linearizações cinquenianas, o tipo de ordenamento não se apresentou como um fator preditivo à leitura de escopo progressivo. Na próxima subseção, serão apresentados os resultados da aplicação desse teste aos estímulos com linearizações não cinquenianas.

4.2.2 Resultados do Teste de Escolha Forçada em linearizações não cinquenianas

Nesta subseção, serão apresentados os resultados do Teste de Escolha Forçada em linearizações não cinquenianas, isto é, com os seguintes ordenamentos: *Still Usually*, *Almost Still*, *Almost Briefly* e *Suddenly Briefly*. Em relação ao ordenamento *Still Usually*, houve oito leituras de escopo progressivo e doze leituras de escopo regressivo. Para o ordenamento *Almost Still*, houve onze leituras de escopo progressivo e nove de escopo regressivo. Para o ordenamento *Almost Briefly*, houve seis leituras de escopo progressivo e quatorze de escopo regressivo. Finalmente, no que concerne ao ordenamento *Suddenly Briefly*, houve duas de escopo progressivo e dezoito leituras de escopo regressivo. Investigando a normalidade dos dados referentes ao ordenamento *Still Usually*, tem-se a seguinte tabela:

Preditor	Estimativa	Intervalo de Confiança de 95%		SE	Z	p
		Inferior	Superior			
Intercepto	-0.405	-1.300	0.4891	0.456	-0.888	0.374
Linearização:						
Usually Still – Still Usually	0.405	-0.847	1.6579	0.639	0.635	0.526

(Tabela 9 – Regressão Logística Binomial com o intercepto como Escopo Regressivo de *Still Usually*. Fonte: elaboração própria)

Na tabela 9, tomou-se como intercepto a leitura de escopo regressivo no ordenamento adverbial não cinqueniano *Still Usually*. De acordo com os dados, esse ordenamento não se apresenta como um fator preditivo (p-valor = 0,374) para a leitura de escopo regressivo. Observou-se, ainda, que o contraste entre as linearizações *Usually Still* e *Still Usually* não está relacionado (p-valor = 0,526) à leitura de escopo regressivo. Entende-se, assim, que tanto o ordenamento não cinqueniano quanto o contraste entre as duas linearizações não são fatores preditivos de uma leitura de escopo regressivo. Considerando os dados do ordenamento *Almost Still*, tem-se a seguinte tabela:

Preditor	Estimativa	Intervalo de Confiança de 95%		SE	Z	p
		Inferior	Superior			
Intercepto	0.201	-0.680	1.082	0.449	0.446	0.655
Linearização:						
Still Almost – Almost Still	2.744	0.548	4.939	1.120	2.450	0.014 ***

(Tabela 10 – Regressão Logística Binomial com o intercepto como Escopo Regressivo de *Almost Still*. Fonte: elaboração própria)

Na tabela 10, tomou-se o intercepto como a leitura de escopo regressivo no ordenamento não cinqueniano *Almost Still*. Observou-se que esse ordenamento não se apresenta como um fator preditivo significativo (p-valor = 0,655) do tipo de leitura de escopo regressivo. Em contrapartida, o tipo de ordenamento *Still Almost* e *Almost Still* está relacionado (p-valor = 0,014) à leitura de escopo regressivo. Embora nas ocorrências do ordenamento *Almost Still* a leitura de escopo regressivo não seja significativa, no contraste com o ordenamento cinqueniano *Still Almost*, a diferença entre as leituras de escopo regressivo nos estímulos cinquenianos e não cinquenianos é relevante. Em relação aos resultados dos estímulos com *Almost Briefly*, tem-se:

Preditor	Estimativa	Intervalo de Confiança de 95%		SE	Z	p
		Inferior	Superior			
Intercepto	-0.847	-1.804	0.109	0.488	1.736	0.082
Linearização:						
Briefly Almost – Almost Briefly	-0.887	-2.443	0.669	0.794	1.118	0.264

(Tabela 11 – Regressão Logística Binomial com o intercepto como Escopo Regressivo de *Almost Briefly*. Fonte: elaboração própria)

Na tabela 11, tomou-se como intercepto a leitura de escopo regressivo no ordenamento não cinqueniano *Almost Briefly*. Observou-se que esse ordenamento não se apresenta como um fator preditivo significativo (p-valor = 0,082) para a veiculação de uma leitura de escopo regressivo. Além disso, o contraste entre os ordenamentos cinqueniano e não cinqueniano *Briefly Almost* e *Almost Briefly* também não é um fator relacionado (p-valor = 0,264) à leitura de escopo regressivo. Na próxima tabela, são observados os resultados dos dados referentes ao ordenamento *Suddenly Briefly*.

Preditor	Estimativa	Intervalo de Confiança de 95%		SE	Z	p
		Inferior	Superior			
Intercepto	-2.197	-3.6581	-0.736	0.745	2.948	0.003 ***
Linearização:						
Briefly Suddenly – Suddenly Briefly	1.350	-0.3961	3.096	0.891	1.515	0.130

(Tabela 12 – Regressão Logística Binomial com o intercepto como Escopo Regressivo de *Suddenly Briefly*. Fonte: elaboração própria)

Na tabela 12, tomou-se como intercepto a leitura de escopo regressivo no ordenamento não cinqueniano *Suddenly Briefly*. Constatou-se que esse ordenamento é um fator preditivo altamente significativo (p-valor = 0,003) para a veiculação de uma leitura de escopo regressivo. Em contrapartida, não é significativo (p-valor = 0,130) a diferença entre as ocorrências de leitura de escopo regressivo nos respectivos ordenamentos cinqueniano e não cinqueniano *Briefly Suddenly* e *Suddenly Briefly*. Entende-se, assim, que, malgrado haja uma relação entre o ordenamento não cinqueniano *Suddenly Briefly* e a veiculação da leitura de escopo regressivo, não há uma relação clara que diferencie esse ordenamento de *Briefly Suddenly* em relação ao tipo de leitura de escopo regressivo.

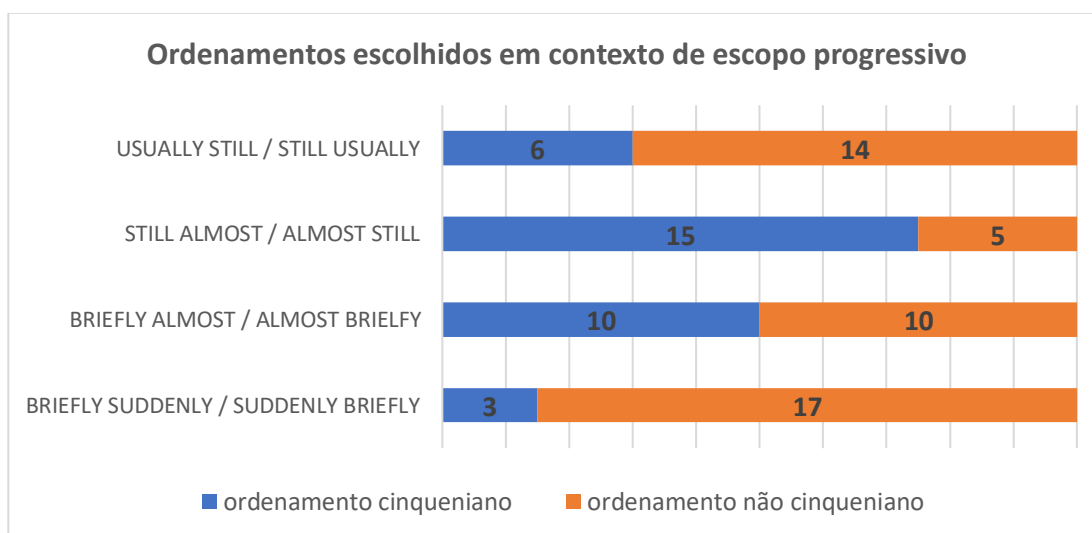
Nesta subseção, foram apresentados os resultados do Teste de Regressão Logística Binomial nos estímulos com linearizações não cinquenianas. Observou-se que só houve correlação significativa nos seguintes contextos: 1) na diferença entre as ocorrências de escopo regressivo presente nas linearizações *Still Almost* e *Almost Still* (p-valor = 0,014) e 2) na influência do ordenamento *Suddenly Briefly* sobre a veiculação da leitura de escopo regressivo

(p-valor = 0,003). Nas outras combinações adverbiais com linearizações não cinquenianas, o tipo de ordenamento não se apresentou como um fator preditivo à leitura de escopo regressivo.

4.3 Resultados do Teste de Ordenamento Sintático

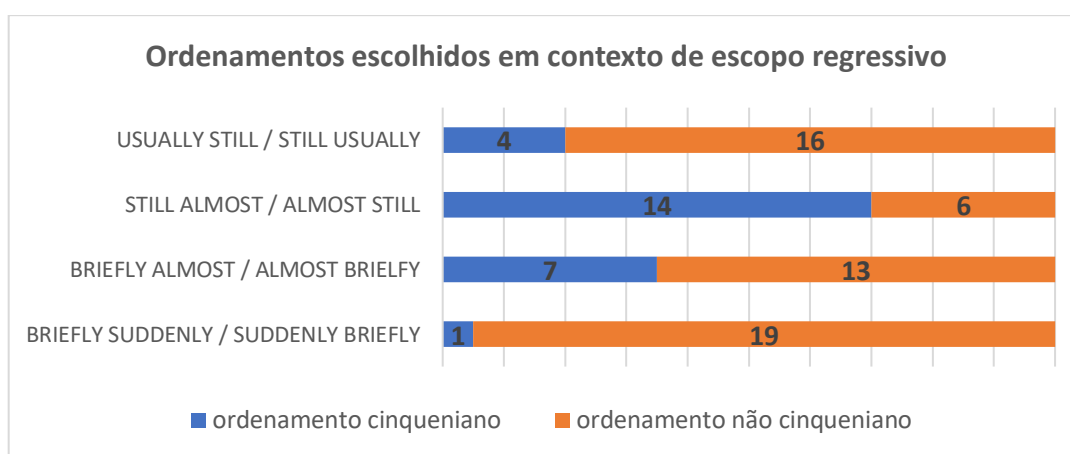
Nesta seção, serão apresentados os resultados do Teste de Ordenamento Sintático aplicado remotamente a vinte falantes nativos de língua inglesa. Ratifica-se que se tomou como variável independente o Escopo (progressivo x regressivo) e como variável dependente a Linearização (cinqueniana x não cinqueniana). Posteriormente à confecção de tabelas de contenção com os resultados, empregou-se um Teste de Regressão Logística Multinomial para observar se haveria alguma relevância estatística nos resultados encontrados.

Em uma análise preliminar dos resultados, observou-se que, em contexto de veiculação de leitura de escopo progressivo, as linearizações cinquenianas *Usually Still*, *Still Almost*, *Briefly Almost* e *Briefly Suddenly* foram escolhidas, respectivamente, seis, quinze, dez e três vezes pelos participantes. Logo, em contexto de veiculação de leitura de escopo progressivo, as linearizações não cinquenianas *Still Usually*, *Almost Still*, *Almost Briefly* e *Suddenly Briefly* foram escolhidas, respectivamente, quatorze, cinco, dez e dezessete vezes. Neste primeiro olhar, nota-se que, aparentemente, para o ordenamento *Still Almost*, o contexto de veiculação de leitura de escopo progressivo se apresenta como um fator preditivo. Os resultados podem ser observados abaixo:



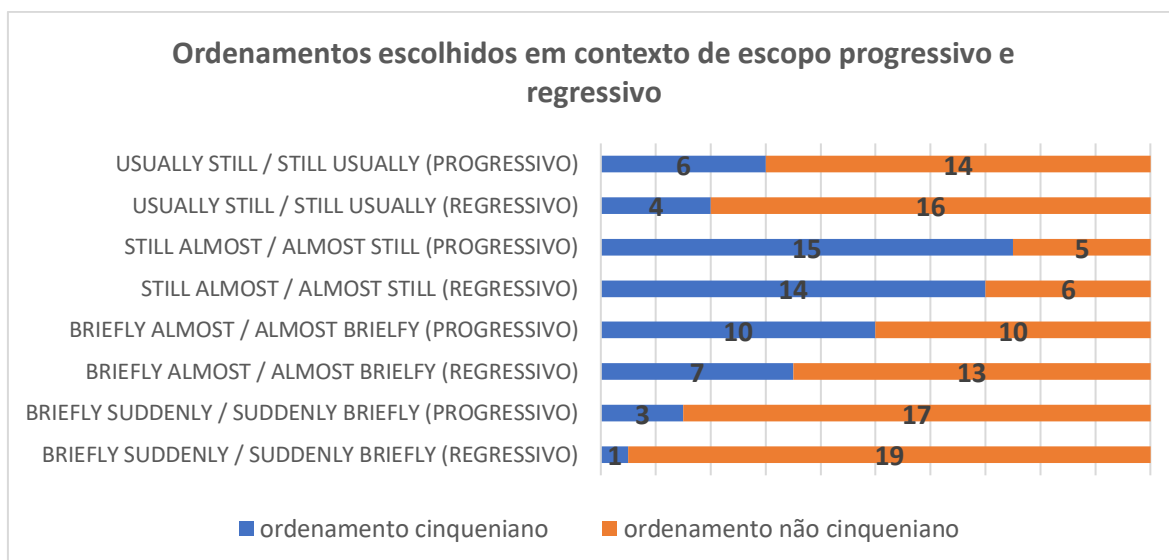
(Gráfico 3 – Índice de ordenamentos escolhidos em contexto de leitura de escopo progressivo. Fonte: elaboração própria)

Analisando de forma preliminar os resultados, notou-se que, em contexto de veiculação de leitura de escopo regressivo, as linearizações não cinquenianas *Still Usually*, *Almost Still*, *Almost Briefly* e *Suddenly Briefly* foram escolhidas, respectivamente, dezesseis, seis, treze e dezenove vezes. Logo, neste mesmo contexto de veiculação de leitura de escopo regressivo, as linearizações cinquenianas *Usually Still*, *Still Almost*, *Briefly Almost* e *Briefly Suddenly* foram escolhidas, respectivamente, quatro, quatorze, sete e uma vez. Neste primeiro olhar, observa-se que, aparentemente, para os ordenamentos *Still Usually* e *Suddenly Briefly*, o contexto de veiculação de leitura de escopo regressivo se apresenta como um fator preditivo. Os resultados podem ser observados abaixo:



(Gráfico 4 – Índice de ordenamentos escolhidos em contexto de leitura de escopo regressivo.
Fonte: elaboração própria)

Ao se cruzarem os resultados do gráfico 3 e do gráfico 4, parece ser válida a interpretação de que os informantes preferiram os ordenamentos *Still Usually* (**não** cinqueniano), *Still Almost* (**cinqueniano**), *Almost Briefly* (**não** cinqueniano) e *Suddenly Briefly* (**não** cinqueniano) independentemente de o contexto apresentado anteriormente ter sido de escopo progressivo ou regressivo. Contudo, observa-se que houve ligeiramente mais ocorrências de ordenamentos cinquenianos quando o contexto foi de escopo progressivo, em comparação ao contexto de escopo regressivo. Esse cruzamento pode ser observado no gráfico abaixo:



(Gráfico 5 – Cruzamento entre os ordenamentos escolhidos em contextos de leitura de escopo progressivo e regressivo. Fonte: elaboração própria)

Nesta seção, foi apresentada a cardinalidade absoluta dos resultados do Teste de Ordenamento Sintático. Na próxima subseção, será desenvolvida a análise estatística dos resultados do referido teste. Dessa forma, serão considerados como evidências de que o escopo pode ter alguma relação preditiva em relação ao ordenamento adverbial apenas os dados com relevância estatística, isto é, com p-valor abaixo de 0,05.

4.3.1 Resultados do Teste de Ordenamento Sintático em contexto de escopo progressivo

Nesta subseção, será empregado o Teste de Regressão Logística Multinomial, tomando como fator o escopo progressivo e como variável dependente a linearização adverbial. Optou-se por se adotar tal teste pelo fato de que a variável dependente analisada neste trabalho pode ser dividida em quatro pares de ordenamentos *Usually Still* x *Still Usually*, *Still Almost* x *Almost Still*, *Briefly Almost* x *Almost Briefly* e *Briefly Suddenly* x *Suddenly Briefly*, apresentando-se, assim, como uma variável nominal com mais de dois níveis. No decorrer da análise, ajustou-se o intercepto a depender do nível a que se intenciona referir.

Inicialmente, investigou-se se o escopo progressivo seria um fator preditivo relevante para o emprego de um dos ordenamentos do par *Usually Still* x *Still Usually*. Observou-se que a relação entre essa leitura de escopo e o ordenamento *Usually Still* não é de fato significativa (p-valor = 0,083). Notou-se, ainda, que o contraste entre escopo progressivo e regressivo não seria suficiente para explicar o emprego do ordenamento *Usually Still* (p-valor = 0,466). A tabela em que se encontra a análise pode ser observada abaixo:

Ordenamento	Preditor	Estimativa	Intervalo de Confiança de 95%		SE	Z	p
			Inferior	Superior			
Still Usually - Usually Still	Intercepto	0.8466	-0.1095	1.803	0.488	1.7355	0.083
	Escopo:						
	Regressivo	0.5404	-0.9141	1.995	0.742	0.7282	0.466
	Progressivo						

(Tabela 13 – Regressão Logística Multinomial com o intercepto como o ordenamento *Usually Still* e o escopo progressivo. Fonte: elaboração própria)

Em seguida, investigou-se se o escopo progressivo seria um fator preditivo relevante para o emprego de um dos ordenamentos do par *Still Almost* x *Almost Still*. Observou-se que a relação entre essa leitura de escopo e o ordenamento *Still Almost* é significativa (p-valor = 0,033). No entanto, constatou-se que o contraste entre escopo progressivo e regressivo não seria suficiente para explicar categoricamente o emprego do ordenamento *Still Almost* (p-valor = 0,723). A tabela em que se encontra a análise pode ser observada abaixo:

Ordenamento	Preditor	Estimativa	Intervalo de Confiança de 95%		SE	Z	p
			Inferior	Superior			
Almost Still - Still Almost	Intercepto	-1.0986	-2.111	-0.0865	0.516	2.127	0.033
	Escopo:						
	Regressivo	0.2514	-1.141	1.6439	0.710	0.354	0.723
	Progressivo						

(Tabela 14 – Regressão Logística Multinomial com o intercepto como o ordenamento *Still Almost* e o escopo progressivo. Fonte: elaboração própria)

Foi investigado se o escopo progressivo seria um fator preditivo relevante para o emprego de um dos ordenamentos do par *Briefly Almost* x *Almost Briefly*. Observou-se que não houve qualquer relação entre essa leitura de escopo e a escolha do ordenamento *Briefly Almost* nos dados analisados (p-valor = 1). Analogamente, observou-se que o contraste entre escopo progressivo e regressivo não seria suficiente para explicar o emprego do ordenamento *Briefly Almost* (p-valor = 0,339). Tal resultado era esperado, uma vez que, de acordo com o gráfico 3, houve uma distribuição equânime em contexto de escopo progressivo dos ordenamentos *Briefly Almost* e *Almost Briefly*. Tal análise pode ser observada na tabela abaixo:

Ordenamento	Preditor	Estimativa	Intervalo de Confiança de 95%		SE	Z	p
			Inferior	Superior			
Almost Briefly - Briefly Almost	Intercept	1.93e-4	-0.876	0.8767	0.447	4.32e- 4	1.000
	Escopo: Regressivo Progressivo	0.6191	-0.651	1.8890	0.648	0.9554	0.339

(Tabela 15 – Regressão Logística Multinomial com o intercepto como o ordenamento *Briefly Almost* e o escopo progressivo. Fonte: elaboração própria)

Foi investigado se o escopo progressivo seria um fator preditivo relevante para o emprego de um dos ordenamentos do par *Briefly Suddenly* x *Suddenly Briefly*. Nota-se que a relação entre escopo progressivo e o ordenamento *Briefly Suddenly* é significativa (p-valor = 0,006), embora tenha havido poucas ocorrências de tal ordenamento, havendo prevalência do ordenamento *Suddenly Briefly*, o que vai na direção contrária à expectativa. Em outras palavras, o contexto progressivo fez com o que as pessoas selecionassem bem mais o ordenamento não cinquentiano *Suddenly Briefly* (17 contra 3). Além disso, notou-se que o contraste entre escopo progressivo e regressivo não seria suficiente para explicar o emprego do ordenamento *Briefly Suddenly* (p-valor = 0,314). Interpreta-se que parece haver uma tendência geral de emprego do ordenamento *Suddenly Briefly* independentemente do contexto considerado. Tal análise pode ser observada na tabela abaixo:

Ordenamento	Preditor	Estimativa	Intervalo de Confiança de 95%		SE	Z	p
			Inferior	Superior			
Suddenly Briefly - Briefly Suddenly	Intercepto	1.735	0.5073	2.96	0.626	2.770	0.006
	Escopo: Regressivo Progressivo	1.210	-1.1461	3.57	1.202	1.007	0.314

(Tabela 16 – Regressão Logística Multinomial com o intercepto como o ordenamento *Briefly Suddenly* e o escopo progressivo. Fonte: elaboração própria)

Nesta subseção, foi investigado se o escopo progressivo seria um fator preditivo para os ordenamentos *Usually Still* x *Still Usually*, *Still Almost* x *Almost Still*, *Briefly Almost* x *Almost*

Briefly e *Briefly Suddenly* x *Suddenly Briefly*. O escopo progressivo apresentou-se relacionado de maneira significativa aos seguintes casos: a) emprego de um dos ordenamentos do par *Still Almost* vs. *Almost Still* (p-valor = 0,033) e b) emprego de um dos ordenamentos do par *Briefly Suddenly* vs. *Suddenly Briefly* (p-valor = 0,006). Ressalta-se que, em contexto de escopo progressivo, a preferência dos informantes foi pelo ordenamento cinqueniano *Still Almost* e pelo não cinqueniano *Suddenly Briefly*. Destaca-se que nenhum dos ordenamentos cinquenianos utilizados – *Usually Still*, *Still Almost*, *Briefly Almost* e *Briefly Suddenly* – esteve significativamente relacionado ao escopo empregado (p-valores = 0,466, 0,723, 0,339, 0,314). Na próxima subseção, serão analisados os resultados do mesmo teste em relação às ocorrências de escopo regressivo.

4.3.2 Resultados do Teste de Ordenamento Sintático em contexto de escopo regressivo

Nesta seção, serão analisados os resultados do Teste de Ordenamento Sintático tomando como fator o contexto de atribuição de escopo regressivo e como variável dependente os pares de ordenamentos *Usually Still* x *Still Usually*, *Still Almost* x *Almost Still*, *Briefly Almost* x *Almost Briefly* e *Briefly Suddenly* x *Suddenly Briefly*. Ajustou-se o intercepto a depender do nível a que se refere cada tabela de análise.

Investigou-se se o escopo regressivo seria um fator relevante para engendrar um dos ordenamentos do par *Still Usualllly* x *Usually Still*. Observou-se que parecer haver relevância entre o contexto de atribuição de escopo regressivo e o licenciamento de *Still Usually* (p-valor = 0,013). Por outro lado, observou-se que o contraste entre escopo progressivo e regressivo não seria suficiente para explicar o emprego do ordenamento *Still Usualllly* (p-valor = 0,468). Cabe salientar que, embora o ordenamento *Still Usualllly* seja mais comumente empregado no contexto referenciado, tal ordenamento parece ser bem comum, também, em contextos de escopo progressivo, como se observou nos gráficos 3 e 5. Os resultados da análise estão abaixo:

Ordenamento	Preditor	Estimativa	Intervalo de Confiança de 95%		SE	Z	p
			Inferior	Superior			
Usually Still - Still Usually	Intercepto	-1.3863	-2.482	-0.2906	0.559	- 2.4799	0.013
	Escopo:						
	Progressivo	0.5390	-0.915	1.9933	0.742	0.7264	0.468
	Regressivo						

(Tabela 17 – Regressão Logística Multinomial com o intercepto como o ordenamento *Still Usually* e o escopo regressivo. Fonte: elaboração própria)

Em seguida, foi investigado se o escopo regressivo seria um fator preditivo significativo no licenciamento de um dos ordenamentos do par *Almost Still* x *Still Almost*. Observou-se que o escopo regressivo não é relevante para licenciar o ordenamento não cinquentiano *Almost Still* (p-valor = 0,082). Ainda, observou-se que o contraste entre escopo progressivo e regressivo não seria suficiente para explicar o emprego do ordenamento *Almost Still* (p-valor = 0,724). Os resultados da análise estão abaixo:

Ordenamento	Preditor	Estimativa	Intervalo de Confiança de 95%		SE	Z	p
			Inferior	Superior			
Still Almost - Almost Still	Intercepto	0.8473	-0.1091	1.804	0.488	1.7364	0.082
	Escopo:						
	Progressivo	0.2513	-1.1412	1.644	0.710	0.3537	0.724
	Regressivo						

(Tabela 18 – Regressão Logística Multinomial com o intercepto como o ordenamento *Almost Still* e o escopo regressivo. Fonte: elaboração própria)

Foi investigado se o escopo regressivo seria um fator preditivo significativo no licenciamento de um dos ordenamentos do par *Almost Briefly* x *Briefly Almost*. Observou-se que não parece haver relação entre esse contexto de atribuição de escopo e o ordenamento *Almost Briefly* (p-valor = 0,187). Analogamente, observou-se que o contraste entre escopo progressivo e regressivo não seria suficiente para explicar o emprego do ordenamento *Almost Briefly* (p-valor = 0,339). Entende-se, assim, que o escopo regressivo não se apresentou como um fator preditivo significativo no licenciamento do ordenamento *Almost Briefly*. A tabela com os resultados da análise pode ser observada abaixo:

Ordenamento	Preditor	Estimativa	Intervalo de Confiança de 95%		SE	Z	p
			Inferior	Superior			
Briefly Almost - Almost Briefly	Intercepto	-0.6190	-1.538	0.2998	0.469	- 1.320	0.187

Ordenamento	Preditor	Estimativa	Intervalo de Confiança de 95%		SE	Z	p
			Inferior	Superior			
	Escopo:						
	Progressivo	0.6190	-0.651	1.8889	0.648	0.955	0.339
	Regressivo						

(Tabela 19 – Regressão Logística Multinomial com o intercepto como o ordenamento *Almost Briefly* e o escopo regressivo. Fonte: elaboração própria)

Finalmente, investigou-se se o escopo regressivo seria um fator preditivo para o licenciamento de um dos ordenamentos do par *Suddenly Briefly* x *Briefly Suddenly*. Observou-se que parece haver uma relação entre tal contexto de atribuição de escopo e o ordenamento *Suddenly Briefly* (p-valor= 0,004). Aponta-se, ainda, que o contraste entre escopo progressivo e regressivo não seria suficiente para explicar o emprego do ordenamento *Suddenly Briefly* (p-valor = 0,314). A tabela com os resultados da análise pode ser observada abaixo:

Ordenamento	Preditor	Estimativa	Intervalo de Confiança de 95%		SE	Z	p
			Inferior	Superior			
Briefly Suddenly - Suddenly Briefly	Intercepto	-2.9444	-4.955	-0.934	1.026	2.8699	0.004
	Escopo:						
	Progressivo	1.2098	-1.146	3.566	1.202	1.0065	0.314
	Regressivo						

(Tabela 20 – Regressão Logística Multinomial com o intercepto como o ordenamento *Suddenly Briefly* e o escopo regressivo. Fonte: elaboração própria)

Nesta subseção, foi observado que o escopo regressivo se apresentou relacionado de maneira significativa aos seguintes casos: a) emprego de um dos ordenamentos do par *Usually Still* vs. *Still Usually* (p-valor = 0,013) e b) emprego de um dos ordenamentos do par *Briefly Suddenly* vs. *Suddenly Briefly* (p-valor = 0,004). Ressalta-se que, em ambos os casos, a preferência dos informantes foi pelos ordenamentos não cinquenianos *Still Usually* e *Suddenly Briefly*. Na subseção anterior, o escopo progressivo apresentou-se relacionado de maneira significativa aos seguintes casos: a) emprego de um dos ordenamentos do par *Still Almost* vs.

Almost Still (p-valor = 0,033) e b) emprego de um dos ordenamentos do par *Briefly Suddenly* vs. *Suddenly Briefly* (p-valor = 0,006). Ressalta-se ainda que nenhum dos ordenamentos não cinquenianos utilizados – *Still Usually*, *Almost Still*, *Almost Briefly* e *Suddenly Briefly* – esteve significativamente relacionado ao escopo empregado (p-valores = 0,468, 0,724, 0,339, 0,314). Esses resultados de significância estatística no Teste de Ordenamento Sintático estão resumidos no seguinte quadro:

Ordenamento/ Escopo	Contexto de Escopo Progressivo	Contexto de Escopo Regressivo
<i>Usually Still - Still Usually</i>	NÃO	SIM
<i>Still Almost - Almost Still</i>	SIM	NÃO
<i>Briefly Almost - Almost Briefly</i>	NÃO	NÃO
<i>Briefly Suddenly - Suddenly Briefly</i>	SIM	SIM

(Quadro 13 – Resumo de significância estatística na Regressão Logística Multinomial – Teste de Ordenamento Sintático. Fonte: elaboração própria)

No próximo capítulo, as possíveis análises referentes aos dados do *WebCorp*, do *Santa Barbara Corpus of Spoken American English*, do Teste de Escolha Forçada e do Teste de Ordenamento Sintático serão apresentadas. Investigar-se-á, além disso, se as hipóteses e previsões aventadas foram ou não refutadas. Finalmente, um tratamento cartográfico será proposto para a derivação de sentenças com ordenamento não cinqueniano influenciada por contexto de escopo regressivo.

5 ANÁLISE

Neste capítulo, serão analisados os resultados do *WebCorp*, do *Santa Barbara Corpus of Spoken American English*, do Teste de Escolha Forçada e do Teste de Ordenamento Sintático. Na subsecção 5.1, propostas de análise dos resultados dos dois *corpora* referenciados serão apresentadas. Na subsecção 5.2, serão analisados os resultados dos dois testes comportamentais aplicados. No desenvolvimento dessas propostas de análise, apontamentos teóricos relevantes à explicação dos resultados serão retomados.

5.1 ANÁLISE DOS RESULTADOS DOS *CORPORA*

No que concerne aos resultados da análise do *WebCorp*, observou-se que tanto as linearizações cinquenianas “*Usually Still*”, “*Still Almost*”, “*Briefly Almost*” e “*Briefly Suddenly*” quanto as linearizações não cinquenianas “*Still Usually*”, “*Almost Still*”, “*Almost Briefly*” e “*Suddenly Briefly*” são identificadas em sentenças da língua inglesa associadas ao tempo presente. À vista disso, a primeira hipótese deste trabalho não foi refutada. Salienta-se, ainda, que a diferença entre essas linearizações não foi relevante estatisticamente. Por meio destes resultados, não é possível afirmar, então, que linearizações cinquenianas seriam mais comuns, no sentido de serem mais licenciadas, do que linearizações não cinquenianas dos advérbios estudados em inglês. Ainda que sentenças com ordenamento não cinqueniano possam ser entendidas como resultantes de aparente “subversão” da HLU, por trabalhos como Ernst (2002, 2004), interpreta-se que as linearizações não cinquenianas observadas nos dados analisados não contradigam tal hierarquia.

Antes de apresentar possíveis explicações aos dados encontrados no *Santa Barbara Corpus of Spoken American English*, convém ratificar que Comrie (1976), ao propor a divisão entre aspecto perfectivo e imperfectivo, considera que, enquanto este denota uma situação que pode ser observada em suas diferentes fases internas, aquele, uma situação concebida como atômica, isto é, indivisível, sem suas partes internas observáveis. Afirma-se, ainda, que o aspecto imperfectivo, na perspectiva de Comrie (1976), possa ser subdividido em dois subtipos: aspecto habitual e aspecto contínuo. No âmbito do aspecto contínuo, Comrie (1976) apresenta uma proposta de divisão em dois tipos: aspecto contínuo progressivo e aspecto contínuo não progressivo. Embora, como apontado em Martins e Alves (2021), Comrie (1976) não estabeleça critérios claros para a diferenciação entre o aspecto progressivo e não progressivo do que se convencionou chamar de morfologia progressiva e não progressiva, assume-se, neste trabalho,

que o aspecto contínuo progressivo se diferencie do aspecto contínuo não progressivo majoritariamente pela morfologia empregada.

Neste ponto, cabe retomar um dos objetivos específicos desta dissertação, a saber: analisar as realizações morfológicas dos aspectos habitual, continuativo, durativo, prospectivo e incoativo(I) no inglês, associados ao tempo presente. Tomando a definição de imperfectividade retomada no parágrafo anterior, assumiu-se, nesta dissertação, que todos os aspectos investigados são manifestações da imperfectividade nas línguas. Para atingir esse primeiro objetivo específico do estudo, empreendeu-se uma análise de fala espontânea em um *corpus* da língua inglesa investigando-se as realizações verbais dos aspectos sob escrutínio em sentenças com determinados advérbios associados a tais aspectos e ao tempo presente, a saber: *Usually*, *Still*, *Briefly*, *Almost* e *Suddenly*.

À vista da diferenciação entre *progressivo* e *não progressivo* como manifestações morfológicas distintas do aspecto contínuo, na nomenclatura de Comrie (1976), e não do aspecto habitual, entende-se que o fato de não haver, no *corpus* analisado, ocorrências do advérbio *Usually* – característico do aspecto habitual – empregado em um contexto morfológico progressivo possa ser compreendido à luz da própria proposta tipológica de Comrie (1976). Embora ocorrências da habitualidade com a progressividade sejam possíveis em inglês, como observado em Alves (2020), Comrie (1976) não associa o emprego da morfologia progressiva ao aspecto habitual em si de forma categórica. Sendo assim, justifica-se tal combinação não ter sido empregada nos dados sob escrutínio, como se observou nas 35 ocorrências de morfologia não progressiva e na ausência de morfologia progressiva em contexto de emprego do advérbio *Usually*.

É preciso apontar o porquê de, no *corpus* analisado, não ter sido observada morfologia progressiva em contexto de emprego de *Usually*. Ratifica-se que, possivelmente, a combinação dos traços de progressividade e de habitualidade não seja tão comum como a combinação do traço de progressividade e continuatividade¹¹¹. Sendo assim, talvez, por uma questão de coerção aspectual, seja mais comum haver combinação do traço de progressividade com traços que tenham categoricamente uma natureza extensível, como o de continuatividade (no evento) ou o de prospecção (no pré-evento). Esta segunda concepção é adotada, então, neste trabalho, para explicar as ocorrências em que houve emprego de morfologia progressiva com os advérbios *Still* e *Almost*, como será discutido a seguir.

¹¹¹ Possivelmente, essa característica seja ordinária à língua inglesa. Talvez, no escrutínio dos resultados de outra língua, haja uma relação mais comum entre progressividade e habitualidade. De semelhante forma, seria possível cogitar que tal combinação se apresente como rara ou até mesmo indesejável com o advérbio *Usually* apenas.

À luz dessa proposta, explicam-se, portanto, as 12 realizações de morfologia progressiva em contexto de emprego do advérbio *Still* – característico do aspecto continuativo. Comrie (1976) associa o emprego da morfologia progressiva categoricamente ao aspecto contínuo – ou seja, ao aspecto em que se concebe uma situação com fases internas visíveis e simultâneas a determinado momento de referência. Desde, pelo menos, Cinque (1999), o advérbio *Still* é compreendido como um dos advérbios possíveis de serem soldados em posição de especificador da projeção funcional $Asp_{\text{continuativo}}P$, em cujo núcleo há o traço de continuatividade, que descreve um evento que se estende em determinado momento de referência. Nesse contexto, aponta-se que haja uma relação de interface entre o que Comrie (1976) considera como aspecto contínuo e o que Cinque (1999) concebe como aspecto continuativo, uma vez que o enfoque na extensão das fases internas de um evento pode ocorrer em contextos em que essas fases internas são simultâneas a determinado momento de referência. Evidências de tal assunção podem ser observadas na análise do par de sentenças abaixo:

(15) João ainda corre.

(16) João está correndo.

Em (15), adotando uma perspectiva neodavidsoniana (PARSONS, 1990), assume-se que existe um evento de “correr”, do qual “João” é agente, que culmina em algum momento presente. Parsons (1990) assume a existência de certos advérbios focalizadores, como “ainda”, “só”, “apenas”, entre outros. Nesse contexto, entende-se que o evento de “correr” que culmina em algum momento no presente possa ser focalizado pelo advérbio “ainda”, contribuindo para a veiculação da informação de que o evento se prolonga. Neste caso, é autorizada a leitura de que “existe um evento de correr que João performa e que se estende simultaneamente até a sua culminação no momento de referência presente”. Seguramente, outras leituras também podem ser licenciadas, mas, para os fins dessa explicação, as demais leituras não são diretamente relevantes.

Em (16), há um evento de “correr”, do qual “João” é agente, que culmina em algum momento no presente. De acordo com Dowty (1977), haveria a aplicação de um operador PROG na forma lógica dessa sentença, tomando como referência o evento presente de “correr”, estendendo-o em suas fases. É autorizada, assim, a leitura de que “existe um evento de correr que João performa e que se estende simultaneamente a determinado momento no presente”.

Assume-se, dessa forma, que essa relação de interface das leituras é possível. A partir disso, entende-se que o emprego do advérbio *Still*, por instanciar uma informação de continuidade, é semanticamente mais compatível com a informação de progressividade, gramaticalizada pela morfologia progressiva, do que o é o advérbio *Usually*. Salienta-se, contudo, que isso não significa que apenas a morfologia progressiva é observada em contexto de emprego do advérbio *Still*, uma vez que a utilização da morfologia não progressiva teve um número mais expressivo de ocorrências (86) do que a utilização da morfologia progressiva (12). Apenas se destaca que a combinação de tal advérbio à morfologia progressiva é esperada.

Seguindo essa perspectiva, explica-se, ainda, a única realização de morfologia progressiva em contexto de emprego do advérbio *Almost*¹¹² – característico do aspecto prospectivo. Como é apontado em Cinque (1999), o advérbio *almost* é soldado em posição de especificador da projeção funcional $Asp_{\text{prospectivo}}P$, em cujo núcleo há o traço de prospecção, que salienta o ponto imediatamente anterior ao início do evento. De fato, houve um número expressivo de ocorrências (10) da morfologia não progressiva com esse advérbio. Contudo, nota-se, ainda, uma ocorrência da morfologia progressiva com esse advérbio, que pode ser observada abaixo:

- (17) where we're almost matching?
onde nós-estamos quase combinando?
Onde estamos quase combinando?

No caso, entende-se que há um evento de “combinar”, do qual “nós” é agente, que culmina em algum momento no presente. Contudo, na sentença sob análise, faz-se referência não apenas ao evento em si, mas ao momento imediatamente anterior ao início desse evento. Esse momento imediatamente anterior é descrito como extensível. Assume-se, assim, a aplicação de um operador PROG na forma lógica, como em Dowty (1977), que tomaria como referência não um evento de “combinar”, mas um pré-evento de “quase combinar”, estendo-o e permitindo a seguinte leitura: “existe um momento contínuo extensível anterior à combinação”. Sendo assim, o emprego da morfologia progressiva parece ser motivado para gramaticalizar essa noção de extensão de um pré-evento. Como nas outras ocorrências não houve disparamento de uma leitura de extensão de um pré-evento, tal morfologia não foi empregada.

¹¹² Convém ratificar que não foram encontradas ocorrências de *Briefly* e de *Suddenly* no corpus analisado.

Uma segunda possível explicação seria assumir, como em Cinque (1999; 2006), que, nos casos em que a morfologia progressiva foi utilizada, houve checagem do traço de progressividade na projeção $Asp_{progressivo}P$. Tal traço se oporia ao de genericidade, que descreve predicados de situação concebida como “características inerentes” a um ente. Dessa forma, poder-se-ia assumir que o emprego da morfologia progressiva, sobretudo com o advérbio *Still*, seria engatilhado pelo imperativo de checagem do traço de progressividade em $Asp_{progressivo}P$. Assim, assumindo um modelo lexicalista (CHOSMKY, 1995; CINQUE, 1999; 2006), é possível que, na numeração, o item predicador verbal seja previamente especificado para o traço de progressividade, já com a morfologia progressiva adjungida à base verbal. Esse item, posteriormente, checaria o traço de progressividade em $Asp_{progressivo}P$, propiciando a convergência da derivação.

5.2 ANÁLISE DOS RESULTADOS DOS TESTES COMPORTAMENTAIS

Nesta seção, serão apresentadas hipóteses para justificar os resultados obtidos no Teste de Escolha Forçada e no Teste de Ordenamento Sintático. Convém ratificar que as previsões aventadas para o Teste de Escolha Forçada foram: i) a alternativa B, que designa leitura de escopo progressivo, será a única escolhida para designar o significado de sentenças com ordenamento adverbial cinqueniano, ii) a alternativa A, que designa escopo regressivo, será a única escolhida para designar o significado de sentenças com ordenamento adverbial não cinqueniano. As previsões aventadas para o Teste de Ordenamento Sintático foram: i) para designar escopo progressivo, apenas o ordenamento adverbial cinqueniano será empregado pelos participantes e ii) para designar escopo regressivo, apenas o ordenamento adverbial não cinqueniano será empregado pelos participantes. Essas previsões estão relacionadas a duas hipóteses assumidas neste trabalho, a saber: c) a linearização cinqueniana dos advérbios sob análise, especificamente *Usually Still*, *Still Almost*, *Briefly Almost* e *Briefly Suddenly*, faz disparar exclusivamente leitura de escopo progressivo e d) a linearização não cinqueniana dos advérbios sob análise, especificamente *Still Usually*, *Almost Still*, *Almost Briefly* e *Suddenly Briefly*, faz disparar exclusivamente leitura de escopo regressivo.

De certa forma, é possível afirmar que as previsões aventadas não foram confirmadas no Teste de Escolha Forçada, uma vez que, em todos os estímulos, a alternativa B (escopo progressivo) e a alternativa A (escopo regressivo) foram escolhidas, divergindo em termos de frequência, conforme verificado no gráfico 2 deste trabalho. Analogamente, as previsões

aventadas não foram confirmadas no Teste de Ordenamento Sintático, uma vez que tanto ordenamentos adverbiais cinquenianos quanto não cinquenianos foram empregados pelos participantes, independentemente de o contexto anterior promover leitura de escopo progressivo ou regressivo, conforme verificado no gráfico 5 deste trabalho. Logo, as hipóteses “c” e “d” assumidas nesta dissertação foram refutadas pelos resultados dos testes, posto que, de modo geral, ordenamentos cinquenianos e não cinquenianos e leituras de escopo progressivo e regressivo não puderam ser categoricamente correlacionados. Contudo, alguns poucos cruzamentos entre ordenamento (cinqueniano e não cinqueniano) e escopo (progressivo e regressivo) puderam ser verificados nas análises estatísticas empreendidas a partir dos resultados dos dois testes, como, por exemplo, a correlação entre o ordenamento cinqueniano *Still Almost* e o escopo progressivo e o ordenamento não cinqueniano *Suddenly Briefly* e o escopo regressivo¹¹³.

Para tentar explicar todos os resultados encontrados, não apenas os referentes ao ordenamento *Still Almost* e *Suddenly Briefly*, algumas hipóteses serão apresentadas. As hipóteses aventadas são: a) há uma tendência do tipo de linearização ser um fator preditivo para a leitura de escopo progressivo ou regressivo em contextos de emprego de advérbios aspectuais um pouco mais altos com advérbios aspectuais um pouco mais baixos na HLU, b) há a possibilidade de algumas leituras de escopo serem mais facilitadas do que outras em ordenamentos cinquenianos e não cinquenianos por uma questão semântica, c) há duas entradas distintas dos advérbios como *Still* e *Almost* bem como, possivelmente, de outros advérbios, na HLU, uma com escopo sobre o evento e outra com escopo sobre o processo, d) há um comportamento geral de ordenamentos com advérbios aspectuais mais baixos que engendram uma leitura de escopo regressivo e e) há influência da natureza dos testes nos resultados encontrados.

Por meio da primeira hipótese, cogita-se que linearizações de advérbios aspectuais um pouco mais altos, como o *Still*, com advérbios aspectuais um pouco mais baixos, como o *Almost*, possam ser contextos preditivos para a leitura de escopo progressivo ou regressivo. Por exemplo, no Teste de Escolha Forçada, observou-se que há uma correlação significativa entre

¹¹³ Sabe-se que, idealmente, pelo Princípio do Escopo Semântico (ERNST, 1991), um elemento soldado por primeiro continuaria a ter escopo sobre o soldado depois, mesmo sendo linearizado à sua direita. Contudo, os dados deste trabalho parecem contribuir para o questionamento do quão duro, de fato, é esse princípio, posto que a escolha entre os ordenamentos *Still Almost* e *Almost Still* parece se relacionar ao tipo de leitura de escopo. Salienta-se, contudo, que, uma vez que não se controlou, como em Sant’Ana (2010), questões como prosódia, neste trabalho, seria igualmente possível interpretar que os resultados encontrados poderiam ser explicados à luz de modificação adverbial direta ou mesmo movimento de *chunk*.

o ordenamento *Still Almost* e a leitura de escopo progressivo (p-valor = 0,004), bem como entre o contraste *Still Almost* e *Almost Still* e a leitura de escopo progressivo (p-valor = 0,014). No Teste de Ordenamento Sintático, observou-se que há relação entre escopo progressivo e o emprego de um dos ordenamentos do par *Still Almost* e *Almost Still* (p-valor = 0,033). Comparativamente a *Almost*, o advérbio *Still* está mais próximo ao advérbio aspectual mais alto *Usually* na HLU. O advérbio *Almost*, por sua vez, está em uma posição bem mais baixa, alocado em uma projeção logo abaixo de *Asp_{durativo}P*. Talvez, seja possível cogitar que, quando há ordenamentos com advérbios aspectuais mais altos, como o *Still*, e advérbios aspectuais mais baixos, como o *Almost*, o tipo de linearização (de acordo com a HLU ou aparentemente distinta da HLU) seja um fator preditivo para a veiculação da leitura de escopo progressivo ou regressivo.

Observa-se, ainda, que, quando advérbios aspectuais mais baixos são combinados entre si, o contraste entre o tipo de linearização (de acordo com a HLU ou aparentemente distinta da HLU) não é um fator preditivo significativo para a veiculação de uma leitura de escopo progressivo ou regressivo. Por mais que essa hipótese pareça explicar em grande parte os dados encontrados, essa carece de maiores evidências empíricas, que busquem contrastar, por exemplo, ordenamentos com um advérbio um pouco mais alto, como *Usually*, e um mais baixo, como *Briefly*, inspecionando-os em relação ao tipo de leitura de escopo veiculada mediante a diferentes linearizações entre si.

Essa hipótese carece, ainda, de motivação teórica que busque responder a questionamentos como: a) por qual razão a GU efetuará esse tipo de operação? b) há viabilidade epistemológica e experimental no contraste entre advérbios aspectuais “altos” e “baixos”? e c) o tipo de ordenamento com advérbios mais altos, independentemente de serem aspectuais ou não, sempre vai se comportar como um fator preditivo para a veiculação de leituras distintas de escopo? Tentativamente, poder-se-ia argumentar que, talvez, por uma coerção de um processo cognitivo mais geral, como a memória, esse contraste, à luz do tipo de leitura de escopo veiculada, tenha de ser feito.

Assim, quando, cognitivamente, advérbios aspectuais mais altos e, conseqüentemente, mais próximos, são combinados entre si, não haveria razão para o tipo de ordenamento ser um fator preditivo para a veiculação de uma leitura específica de escopo. Da mesma forma, quando advérbios aspectuais mais baixos e mais próximos são combinados entre si, não haveria razão para o tipo de linearização prever a leitura de escopo engendrada. Contudo, quando advérbios mais altos e mais baixos, notavelmente distantes na representação da HLU, são combinados

entre si, para remediar o quão custoso para a memória seria relacionar esses dois advérbios tão distantes na representação mental da HLU, um ordenamento X poderia ser preditivo de uma leitura de escopo Y, especializando essa leitura linguisticamente. Com isso, um novo problema se apresenta: há evidências de que a distância entre as projeções e seus respectivos advérbios que comporiam a HLU seria um fator linguístico empiricamente relevante e comprovado? Em última instância, é possível falar em comportamentos distintos de advérbios altos e baixos na HLU em todas as línguas? Parece que essas questões precedem a questão a que se intenciona responder neste trabalho e, até haver evidências mais claras de que haveria procedência nesta proposição, não há razão para se comprometer com essa primeira hipótese elencada, tampouco há motivos para refletir com mais vagar o papel da memória neste caso. Não havendo evidências mais diretas em estudos futuros dessa relação entre um processo cognitivo geral, como memória, e a especialização linguística de certos ordenamentos e leituras da HLU, poder-se-ia assumir, de qualquer forma, que os dados encontrados não teriam sido obtidos de maneira *online* e não seriam representativos da competência linguística de falantes nativos da língua inglesa, mas de seu desempenho.

Além disso, em relação aos resultados dos dois testes, por meio da segunda hipótese aventada no terceiro parágrafo desta seção, seria possível considerar que a interpretação de alguma das leituras de escopo (progressivo ou regressivo) poderia ser mais facilitada do que a interpretação da outra leitura em determinadas sentenças com ordenamentos cinquenianos (como aquelas com *Still Almost*) e não cinquenianos (como aquelas com *Suddenly Briefly*). As projeções e advérbios estudados neste trabalho são integrantes de um conjunto de projeções funcionais que descrevem noções como tempo, aspecto, modo e voz nas línguas naturais. Conceptualmente, esses advérbios estudados estão relacionados ao que se convencionou chamar de aspecto imperfectivo, na nomenclatura de Comrie (1976)¹¹⁴, uma vez que, nesses advérbios, é possível conceber um evento com diferentes fases internas. Contudo, a descrição de contextos correspondentes a certos ordenamentos adverbiais imperfectivos estudados poderia remeter a situações cujas ocorrências no mundo biossocial fossem mais prováveis. Como se observa em *Anne briefly suddenly talks to John*, existe um evento de “falar”, que culmina no tempo presente (PARSONS, 1990), do qual Anne é agente e João é tema. Na interpretação desta sentença, talvez seja mais provável compreender que “alguém repentinamente fala com uma pessoa por um curto período” do que conceber que “alguém, por

¹¹⁴ Convém afirmar que Comrie (1976) não se compromete com a ideia de que advérbios possam veicular ou não informações aspectuais.

um curto período, fala com uma pessoa de forma repentina”. Especula-se, assim, que, possivelmente, a probabilidade de ocorrência de uma dada situação no mundo biossocial possa ter favorecido uma dada leitura de escopo independentemente do tipo de linearização entre os advérbios.

Uma terceira hipótese aventada no início desta seção seria a de que, na verdade, haveria duas entradas para os advérbios estudados na HLU, uma em um espaço do *Middlefield* mais alto, que modificaria um evento (EventP), e outra em um espaço do *Middlefield* mais baixo, que modificaria um processo (ProcessP). Para explicar, por exemplo, as diferenças entre as linearizações *Still Almost* e *Almost Still*, poder-se-ia assumir que, em uma derivação com *Still Almost*, o *Still* selecionado seja aquele do espaço do *Middlefield* mais alto modificando o evento, ao passo que o *Almost* selecionado seja aquele do espaço do *Middlefield* mais baixo modificando o processo e, por esse motivo, a leitura disparada seja de escopo progressivo. Se essa hipótese estiver correta, ao se analisarem as leituras de *John still almost teaches Math* e *Mark almost still passes the exam*, utilizadas no Teste de Escolha Forçada como estímulos experimentais com ordenamentos, respectivamente, cinqueniano e não cinqueniano, seria possível explicar a relevância significativa entre a variável independente e a dependente na primeira sentença pelo fato de os informantes terem interpretado o advérbio *Still* e o advérbio *Almost* modificando, respectivamente, o evento e o processo, enquanto a não relevância entre a variável independente e a dependente na segunda sentença seria explicada pelo fato de os informantes terem alternado suas interpretações em relação ao que o advérbio *Still* e o advérbio *Almost* estejam modificando: o evento ou o processo. Neste caso, seria plausível pensar que, na linearização *Mark almost still passes the exam*, alguns informantes tenham interpretado o advérbio *Almost* como modificador do evento de Mark passar no exame e o advérbio *Still* como modificador do processo de passar no exame, o que necessariamente promoveria a leitura de escopo progressivo, ao passo que outros informantes tenham interpretado o advérbio *Almost* como modificador do processo de passar no exame e o advérbio *Still* como modificador do evento ou do processo de passar no exame, o que necessariamente promoveria leitura de escopo regressivo¹¹⁵. Esse raciocínio poderia ser estendido aos outros resultados encontrados que (não) passaram no teste de regressão.

¹¹⁵ Entende-se que, para esta hipótese ser confirmada, seria necessário: a) buscar argumentos independentes, como, por exemplo, em testes de elipse do VP, em línguas como português do Brasil e b) argumentar em favor da existência de um núcleo alto para o advérbio *almost*, que se realize morfofonologicamente, dobrando o conteúdo do núcleo baixo, mas com escopo sobre o evento.

Analogamente, ao se analisarem as leituras de *Gabriel usuallly still dances tango*, utilizada no Teste de Escolha Forçada como um estímulo experimental com ordenamento cinqueniano, seria possível explicar que não houve relevância significativa entre a variável independente e a dependente pelo fato de os informantes terem alternado suas interpretações em relação ao que os advérbios *Still* e *Usually* estejam modificando: o evento ou o processo.

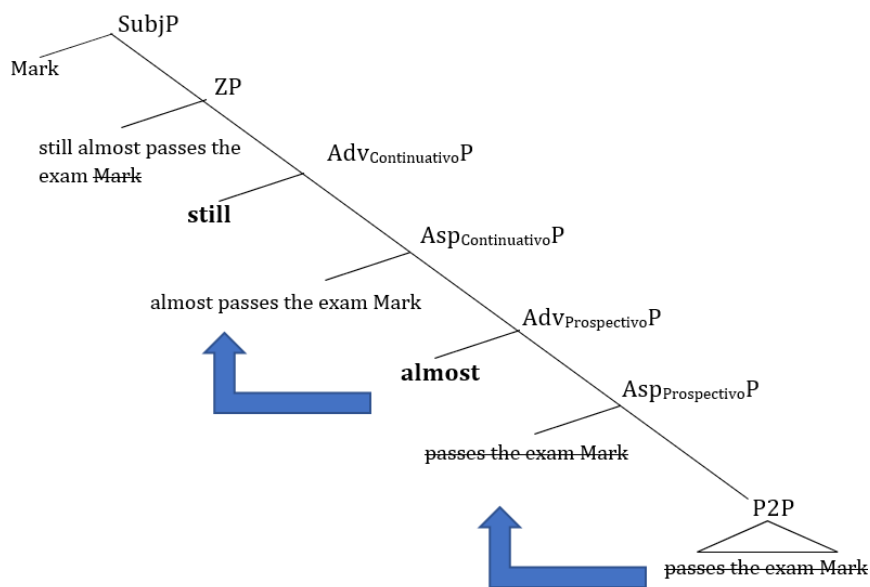
A quarta hipótese aventada no início desta seção seria a de que, na verdade, ordenamentos com advérbios aspectuais muitos mais baixos, como *Briefly Almost*, *Almost Briefly*, *Briefly Suddenly* e *Suddenly Briefly*, naturalmente tenham tendência a engendrar leitura de escopo regressivo em detrimento de leitura de escopo progressivo, como se observa nos resultados do primeiro teste (tabelas 7 e 12) e nos resultados do segundo teste (tabelas 16 e 20). Talvez, a leitura desencadeada por certos ordenamentos possa variar em função da altura de seus advérbios integrantes e da aplicação de alguns princípios semânticos, como, por exemplo, aqueles apresentados em Ernst (2002). Tal afirmação, assim como a primeira hipótese, carece de evidências mais claras de sua viabilidade e de motivações teóricas mais robustas.

A quinta hipótese proposta seria a de que houve influência da natureza dos testes elaborados, bem como da forma como as paráfrases (Teste de Escolha Forçada) e os contextos (Teste de Ordenamento Sintático) foram redigidos, para viabilizarem leituras de escopo progressivo e regressivo. Ao se adotar tal hipótese, seria necessário explicar o porquê de se terem encontrado resultados tão parecidos com as linearizações *Still Almost* (ordenamento cinqueniano) e *Suddenly Briefly* (ordenamento não cinqueniano) nos dois testes, em um cenário em que as sentenças alvo e distratoras foram distintas entre si nos dois experimentos.

Além disso, para explicar o ordenamento não cinqueniano *Almost Still*, interpreta-se que existe uma possibilidade de o advérbio prospectivo *Almost* checar um traço na periferia esquerda, por meio de movimento A-barrá, seguido por movimento remanescente, dando a impressão de que a linearização *Almost Still* reflita uma ordem de soldagem distinta à ordem da HLU. Como apontado por Tescari Neto (2013), do ponto de vista cartográfico, embora a linearização seja muito importante, a ordem de soldagem de projeções é o que se considera de fato. É possível que um tratamento similar ao proposto em Cinque (2005), referente à derivação das ordens de demonstrativos, números e adjetivos, seja aplicável para se explicar a linearização *Almost Still*, assumindo um tipo de movimento *ped piping* que inverta a ordem de soldagem dos constituintes endereçado até a periferia esquerda, para checar, talvez, algum traço focal.

Por fim, reitera-se que, nesta dissertação, assume-se que a linearização adverbial não cinqueniana não constitua um argumento contra a Hierarquia Linear Universal de Cinque

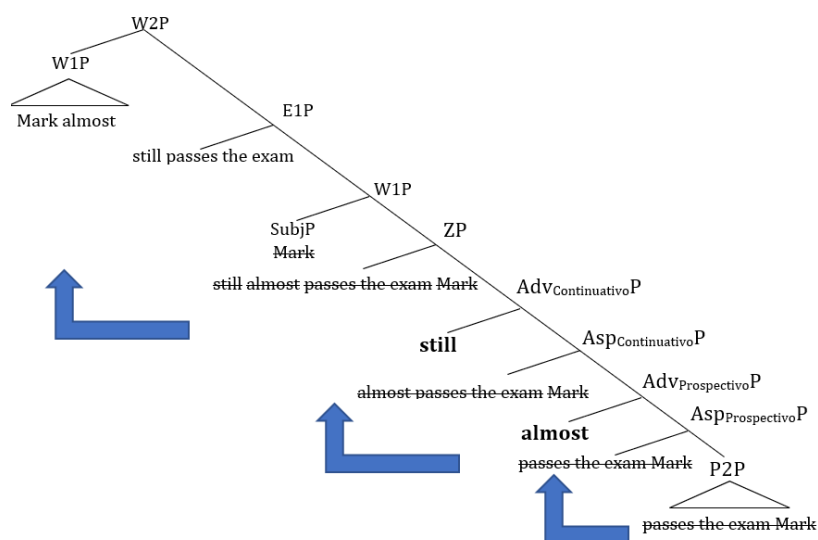
(1999). Entende-se, na verdade, que as duas linearizações adverbiais possíveis – cinqueniana e não cinqueniana – sejam resultantes de diferentes derivações das sentenças. Sendo assim, passa-se agora a propor uma possibilidade de explicação das derivações de sentenças com diferentes linearizações adverbiais. Assim, para explicar diferenças nas linearizações entre *Almost Still* e *Still Almost*, por exemplo, assume-se que há uma subextração de parte de sintagmas presentes nos ordenamentos estudados seguida por movimento remanescente. Sendo assim, para derivar uma sentença como *Mark still almost passes the exam* (Mark ainda quase passa na prova), que desencadearia tendencialmente leitura de escopo progressivo, haveria: a) checagem do traço de prospecção em Spec de Asp_{prospectivo}P por movimento da projeção P2P *passes the exam Mark*, b) soldagem da projeção Adv_{prospectivo}P, que aloca o advérbio *Almost* em seu Spec, c) checagem do traço de continuatividade em Spec de Asp_{continuativo}P por movimento de *almost passes the exam Mark*, d) soldagem da projeção Adv_{continuativo}P, que aloca o advérbio *Still* em seu Spec e e) extração do sujeito *Mark* em SubjP, que ocorre, como Cinque (1999) considera, acima da projeção T_{anterior}P. Por meio dessa proposta de derivação, haveria, assim, a linearização *Mark still almost passes the exam*. Tal proposta pode ser observada na figura abaixo:



(Figura 24 – Proposta de derivação de *Mark still almost passes the exam*. Fonte: elaboração própria)

Para derivar uma sentença como *Mark almost still passes the exam* (Mark quase ainda passa na prova), que desencadearia tendencialmente leitura de escopo regressivo, haveria: a) checagem do traço de prospecção em Spec de Asp_{prospectivo}P por movimento da projeção P2P

passes the exam Mark, b) soldagem da projeção Adv_{prospectivo}P, que aloca o advérbio *Almost* em seu Spec, c) checagem do traço de continuatividade em Spec de Asp_{continuativo}P por movimento de *almost passes the exam Mark*, d) soldagem da projeção Adv_{continuativo}P, que aloca o advérbio *Still* em seu Spec e e) extração do sujeito *Mark* em SubjP, que ocorre, como Cinque (1999) considera, acima da projeção T_{anterior}P, e) subextração da porção que não checou traço criterial *still passes the exam* a uma projeção E1P, enquanto *almost* permanece em ZP e f) movimento remanescente de W1P até o Spec de outra projeção W2P. Assume-se, assim, que tal sentença seja derivada da sentença *Mark still almost passes the exam* e não seja um contraexemplo à proposta de ordem de soldagem da HLU¹¹⁶. Tal proposta de derivação pode ser observada na figura abaixo¹¹⁷:



(Figura 25 – Proposta de derivação para a sentença *Mark almost still passes the exam*. Fonte: elaboração própria)

Neste capítulo, foram tecidas algumas hipóteses para explicar os resultados da análise dos *corpora* e dos dois testes aplicados. Constatou-se que não se pôde descartar a hipótese nula de que não há relação preditiva entre advérbio empregado e contexto morfológico. Observou-se que, no Teste de Escolha Forçada, linearizações cinquenianas tiveram relação com escopo progressivo nos casos: a) *Still Almost* preditor de escopo progressivo (p-valor = 0, 004), b)

¹¹⁶ Entende-se que as derivações de leitura regressiva tenham um espírito parecido com as apresentadas em Tesconi Neto (2013), como refutações a trabalhos que entendem as distintas linearizações possíveis como subversões à HLU.

¹¹⁷ É igualmente válida a interpretação de que, talvez, para os resultados envolvendo *Almost Still*, nos testes laboratoriais, os informantes tenham considerado uma estrutura de modificação direta, com o *Almost* alocado em posição de especificador da projeção que aloca *Still*.

contraste *Still Almost* e *Almost Still* relacionado ao escopo progressivo (p-valor = 0,014), c) *Briefly Almost* relacionado negativamente à leitura de escopo progressivo (p-valor = 0,006). Neste mesmo teste, linearizações não cinquenianas só tiveram relação com escopo regressivo nos casos: a) contraste *Still Almost* e *Almost Still* relacionado ao escopo regressivo (p-valor = 0,014) e b) *Suddenly Briefly* relacionado ao escopo regressivo (p-valor = 0,003). No Teste de Ordenamento Sintático, observou-se que só houve relação entre escopo progressivo e linearização nos seguintes contextos: a) emprego de um dos ordenamentos do par *Still Almost* e *Almost Still* (p-valor = 0,033) e b) emprego de um dos ordenamentos do par *Briefly Suddenly* e *Suddenly Briefly* (p-valor = 0,006). Neste mesmo teste, só houve relação entre escopo regressivo e linearização nos seguintes contextos: a) emprego de um dos ordenamentos do par *Usually Still* e *Still Usually* (p-valor = 0,013) e b) emprego de um dos ordenamentos do par *Briefly Suddenly* e *Suddenly Briefly* (p-valor = 0,004).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral deste trabalho foi contribuir para a análise da representação da imperfectividade na faculdade da linguagem. Os objetivos específicos foram: a) analisar as realizações morfológicas dos aspectos habitual, continuativo, durativo, prospectivo e incoativo(I) no inglês, associados ao tempo presente, b) analisar a ordem de produção dos advérbios relacionados aos aspectos habitual, continuativo, durativo, prospectivo e incoativo(I) combinados entre si em sentenças veiculando o tempo presente no inglês, a fim de investigar a derivação de sentenças veiculando os aspectos estudados e c) analisar as leituras promovidas por diferentes ordens de linearização dos advérbios relacionados aos aspectos habitual, continuativo, durativo, prospectivo e incoativo(I) combinados entre si em sentenças veiculando o tempo presente no inglês, a fim de investigar a derivação de sentenças veiculando os aspectos estudados.

A metodologia consistiu na análise integral dos *corpora online* gratuitos *WebCorp* e *Santa Barbara Corpus of Spoken American English*, bem como na aplicação remota de dois testes linguísticos – um de Escolha Forçada (STADTHAGEN-GOZÁLEZ et al., 2017; SANTOS, GARCIA & MAIA, 2019) e um de Ordenamento Sintático (CHAUDRON, 2003) – a vinte falantes nativos de inglês. As hipóteses deste trabalho foram: a) tanto as linearizações cinquenianas *Usually Still*, *Still Almost*, *Briefly Almost* e *Briefly Suddenly* quanto as linearizações não cinquenianas *Still Usually*, *Almost Still*, *Almost Briefly* e *Suddenly Briefly* são identificadas em sentenças da língua inglesa associadas ao tempo presente, b) a morfologia mais comum para gramaticalizar, em conjunto com os advérbios sob análise, no inglês, as projeções sob escrutínio no tempo presente é a morfologia progressiva, c) a linearização cinqueniana dos advérbios sob análise, especificamente *Usually Still*, *Still Almost*, *Briefly Almost* e *Briefly Suddenly*, faz disparar exclusivamente leitura de escopo progressivo e d) a linearização não cinqueniana dos advérbios sob análise, especificamente *Still Usually*, *Almost Still*, *Almost Briefly* e *Suddenly Briefly*, faz disparar exclusivamente leitura de escopo regressivo.

Em relação à análise do *corpus WebCorp*, constatou-se que tanto ordenamentos cinquenianos quanto não cinquenianos dos advérbios estudados são possíveis em língua inglesa. Sendo assim, a primeira hipótese não foi refutada. No que se refere à análise do *Santa Barbara Corpus of Spoken American English*, observou-se que a morfologia progressiva não se apresentou como o contexto morfológico mais comum utilizado em conjunto com os advérbios *Usually*, *Still* e *Almost*. Não foram encontradas neste *corpus* ocorrências dos

advérbios *Briefly* e *Suddenly*, o que inviabilizou a investigação acerca do contexto morfológico mais amplamente empregado em conjunto com estes advérbios. De todo modo, com base nos resultados obtidos na análise desse segundo *corpus*, a segunda hipótese desta dissertação foi refutada.

Em relação à análise dos resultados do Teste de Escolha Forçada e de Ordenamento Sintático, identificou-se que não houve uma relação de exclusividade generalizada e de previsão entre as variáveis Escopo (progressivo/ regressivo) e Ordenamento (cinqueniano/ não cinqueniano) em todas as linearizações adverbiais estudadas. Assim, a terceira e quarta hipóteses deste estudo foram refutadas. Nos testes, observou-se que os únicos contextos em que os escopos progressivo e regressivo parecem atuar como fatores preditores de ordenamento, da forma esperada, são os de diferenciação entre as linearizações *Still Almost* e *Almost Still*. Para se intencionar explicar os resultados dos testes encontrados neste trabalho, algumas hipóteses foram formuladas: 1) tendência do tipo de linearização ser um fator preditivo para a leitura de escopo progressivo ou regressivo em contextos de emprego de advérbios aspectuais um pouco mais altos com advérbios aspectuais mais baixos na HLU, 2) possibilidade de algumas leituras de escopo serem mais facilitadas do que outras em ordenamentos cinquenianos e não cinquenianos por um atuação de princípios semânticos, 3) postulação de duas entradas distintas dos advérbios *Still* e *Almost*, bem como, possivelmente de outros advérbios na HLU; uma com escopo sobre o evento e outra sobre o processo, 4) comportamento geral de ordenamentos com advérbios aspectuais mais baixos engendrarem uma leitura de escopo regressivo, 5) influência da natureza dos testes nos resultados encontrados.

Interpretou-se ainda que os resultados deste trabalho não contrariam a proposta da HLU e propôs-se como seriam derivadas sentenças com ordenamentos adverbiais cinquenianos e não cinquenianos. Assumiu-se, assim, subextração de parte de sintagmas seguida por movimento. Em seguida, uma proposta de derivação para os pares *Mark still almost passes the exam* e *Mark almost still passes the exam* foi apresentada, assumindo-se que esta é derivada daquela. Tais derivações se diferenciariam em função dos tipos de movimentos engendrados e em função da subextração da parte *still passes the exam*, que não checou um traço criterial sozinha na derivação e, assim, não ficaria necessariamente “congelada”. Desse modo, por meio dos resultados obtidos neste estudo e das análises e discussões empreendidas, são apresentadas evidências a favor da proposta de Cinque (1999, 2004, 2006) e Tescari Neto (2013) em relação aos possíveis contextos de ocorrência de linearizações não cinquenianas. Acredita-se que, por meio deste trabalho, contribuiu-se para o entendimento da representação da imperfectividade

na faculdade da linguagem, bem como para a compreensão das realizações linguísticas de tal categoria em inglês.

Os próximos passos desta pesquisa são: a) promover uma mineração de um *corpus* autocompilado pelo software *BootCat* (BARONI & BERNADINI, 2004) de advérbios apontados na HLU, para investigar o contexto morfológico em que ocorrem, especialmente com os advérbios *Briefly* e *Suddenly* e b) elaborar um teste de leitura automonitorada com as sentenças apresentadas nos experimentos deste trabalho para triangularizar os resultados deste trabalho. Considera-se, ainda, que seja necessário contrastar a análise empreendida na língua inglesa com uma análise de outras línguas, como a língua portuguesa. Para efetuar tal contraste com o português, efetuar-se-ão os seguintes procedimentos: a) mineração de *corpora* de fala semiespontânea de falantes adultos de PB, b) aplicação de um teste de escolha forçada a cinquenta falantes adultos de PB, controlando ordenamento adverbial e escopo, c) aplicação de um teste de leitura automonitorada a cinquenta falantes adultos de PB, controlando ordenamento adverbial e escopo e d) aplicação de um teste com rastreamento ocular a cinquenta falantes adultos de PB, controlando, igualmente, ordenamento adverbial e escopo.

REFERÊNCIAS

- ALVES, M. G. Realizações morfológicas e adverbiais da imperfectividade no inglês. **Revista Linguística Rio**, v 6 n 1. 2020.
- ANTHONY, L. Visualization in Corpus Based Discourse Studies. In: TAYLOR, Charlotte; MARCHI, Anna (eds.) **Corpus Approaches to Discourse: a critical review**. London/New York:Routledge, 2018, pp. 197-223.
- ANTHONY, L. AntConc [Computer Software]. Waseda University. <http://www.laurenceanthony.net>. 2019
- ABRAÇADO, J. O tempo, o tempo linguístico e o tempo verbal: propriedades e relações. São Paulo: **Contexto**, 2020.
- BACH, E. The algebra of events. **Linguistics and philosophy**, v. 9, n. 1, p. 5-16, 1986.
- BAGGIO, G. Processing temporal constraints: an ERP study. **Language Learning**, 58, 35–55. 2008
- BARONI, M.; BERNARDINI, S. BootCaT: Bootstrapping Corpora and Terms from the Web. In: **LREC**. 2004. p. 1313-1316.
- BAKER, M. The mirror principle and morphosyntactic explanation. **Linguistic inquiry**, v. 16, n. 3, p. 373-415, 1985.
- BAKER, M. Incorporation: A Theory of Grammatical Function Changing. Chicago: **University of Chicago Press**. 1988
- BELLETTI, A. Aspects of the low IP area. In CINQUE, G. **The structure of CP and IP**. The cartography of syntactic structures, v. 2, p. 16-51, 2004.
- BENNETT, M.; PARTEE, B. Toward the logic of tense and aspect in English. Santa Monica. **CA: System Development Corporation**, 1972.
- BIANCHI, V. Focus fronting and the syntax-semantics interface. **Beyond functional sequence**, p. 60-72, 2015.

BRESNAN, J. W. On complementizers: toward a syntactic theory of complement types. **Foundations of language**, p. 297-321, 1970.

CAMPBELL, G. **Compendium of World's Languages**. New York: Routledge. 1991.

CANÇADO, M.; AMARAL, L. **Introdução à Semântica Lexical**: papéis temáticos, aspecto lexical e decomposição de predicados. Editora Vozes Limitada, 2016.

CARDINALETTI, A. & I. ROBERTS. Clause Structure and X-Second. To appear: **Levels of Representation**. 1991

CHOMSKY, N. **Syntactic Structures** (Januar Linguarum, Series Minor 4). The Hague: Mouton. 1957.

CHOMSKY, N. Aspects of the Theory of Syntax. Cambridge, MA: MIT Press. 1965.

CHOMSKY, N.; ANDERSON, S.; KIPARSKY, P. Conditions on transformations. **1973**, p. 232-286, 1973.

CHOMSKY, N. On wh-movement. **1977**, v. 65, 1977.

CHOMSKY, N. On binding. **Linguistic inquiry**, v. 11, n. 1, p. 1-46, 1980.1981

CHOMSKY, N. **Barriers**. MIT Press (MA), 1986.

CHOMSKY, N. Linguistics and Descartes. In: **Historical foundations of cognitive science**. Springer, Dordrecht, 1991. p. 71-79.

CHOMSKY, N. **The Minimalist Program**. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.

CHOMSKY, N. O programa Minimalista. **Tradução de Eduardo Paiva Raposo. Lisboa: Caminho**, 1999.

CHOMSKY, N. Derivation by Phase. In **Ken Hale: A Life in Language**, ed. by Michael Kenstowicz, 1–52, MIT Press, Cambridge, MA. 2001.

CHOMSKY, N.; GALLEGO, Á. J.; OTT, D. Generative grammar and the faculty of language: Insights, questions, and challenges. **Catalan Journal of Linguistics**, p. 229-261, 2019.

CINQUE, G. Ergative adjectives and the lexicalist hypothesis. **Natural Language & Linguistic Theory**, v. 8, n. 1, p. 1-39, 1990.

CINQUE, G. **Adverbs and Functional Heads: A Cross-Linguistic Perspective**. 1. ed. New York: Oxford University Press, 1999. 288 p.

CINQUE, G. Deriving Greenberg's Universal 20 and its exceptions. **Linguistic inquiry**, v. 36, n. 3, p. 315-332, 2005.

CINQUE, G. **Restructuring and Functional Heads: The Cartography of Syntactic Structures**. V. 4. New York: Oxford University Press, 2006. 232 p.

CINQUE, G. **Typological studies: Word order and relative clauses**. Routledge, 2014.

CINQUE, G., L. R. The cartography of syntactic structures, ed. by V. Moscati, CISCL Working Papers on Language and Cognition 2. 43–59. 2008

COMRIE, B. Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems. Nova Iorque: Cambridge University Press, 1976.

COMRIE, B. **Tense**. Cambridge university press, 1985.

CHAUDRON, C. 22 Data Collection in SLA Research. **The handbook of second language acquisition**, p. 762, 2003.

COLLART, A.; CHAN, S.H. Processing past time reference in a tenseless language: An ERP study on the Mandarin aspectual morphemes-le and-guo. **Journal of Neurolinguistics**, v. 59, p. 100998, 2021.

CULICOVER, Peter W, JACKENDOFF, R. **Simpler syntax**. Oxford: Oxford University Press. 2005

DAVIDSON, D. The individuation of events. In: **Essays in honor of Carl G. Hempel**. Springer, Dordrecht, 1969. p. 216-234.

DECLERCK, R. From Reichenbach (1947) to Comrie (1985) and beyond: Towards a theory of tense. **Lingua**, v. 70, n. 4, p. 305-364, 1986.

DOWTY, D. R. **Word Meaning and Montague Grammar**. Reidel. Dordrecht. 1979.

DOWTY, D. R. Toward a semantic analysis of verb aspect and the English 'imperfective' progressive. **Linguistics and philosophy**, p. 45-77, 1977.

DRAGOY, O., STOWE, L. A., BOS, L. S., & BASTIAANSE, R. From time to time: processing time reference violations in Dutch. **Journal of Memory and Language**, 66, 307–325. 2012

ERNST, T. On the scope principle. **Linguistic Inquiry**, v. 22, n. 4, p. 750-756, 1991.

ERNST, T. On the role of semantics in a theory of adverb syntax. **Lingua**, Elsevier B.V; vol.117, no6, p.1008-1033, 2006.

EDDINGTON, D. A comparison of two tools for analyzing linguistic data: logistic regression and decision trees. **Italian Journal of Linguistics**, v. 22, n. 2, p. 265-286, 2010.

FERRETTI, T. R.; KUTAS, M.; MCRAE, K. Verb aspect and the activation of event knowledge. **Journal of Experimental Psychology: Learning, memory, and cognition**, v. 33, n. 1, p. 182, 2007.

FERRETTI, T. R. et al. Verb aspect, event structure, and coreferential processing. **Journal of memory and language**, v. 61, n. 2, p. 191-205, 2009.

FORERO PATAQUIVA, F. P. Valência verbal e tempo verbal no espanhol colombiano: uma análise cartográfica da subida do verbo. *Caderno De Squibs: Temas Em Estudos Formais Da Linguagem*, 5(2), 28-38. 2019.

GIORGI, A.; PIANESI, F. Verb movement in Italian and syncretic categories. *Probus*, v. 8, n. 2, p. 137-160, 1996.

GUASTI, M. T.; RIZZI, L. Agreement and tense as distinct syntactic positions: Evidence from acquisition. **The structure of DP and IP. The cartography of syntactic structures**, v. 1, p. 167-194, 2002.

GREENBERG, J. H. et al. Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements. **Universals of language**, v. 2, p. 73-113, 1963.

- HAUSER, M. D.; CHOMSKY, N.; FITCH, W. Tecumseh. The faculty of language: what is it, who has it, and how did it evolve? **Science**, v. 298, n. 5598, p. 1569-1579, 2002.
- HALLE, M., MARANTZ, A. Distributed morphology and the pieces of inflection. **1993**, p. 111-176, 1993.
- HORNSTEIN, N.; NUNES, J.; GROHMANN, K. K. **Understanding minimalism**. Cambridge University Press, 2005.
- HUANG, C. T. J. Move wh in a language without wh-movement. *The linguistic review*, v. 1, n. 4, p. 369-416, 1982.
- KATALIN, K. Remarks on semelfactive verbs in English and Hungarian. **Argumentum**, v. 7, p. 121-128, 2011.
- KAYNE, R. S. *Connectedness and Binary Branching*. Dordrecht: Foris. 1984
- KAYNE, R.S. *The Antisymmetry of Syntax*. Cambridge, MA: MIT, 1994.
- KAYNE, R.S. Overt vs. covert movements. *Syntax* 1, no. 2 1998:128-191.
- KAYNE, R.S. *Movement and Silence*. Oxford University Press; 2005a.
- KRATZER, A. Severing the external argument from its verb. In: **Phrase structure and the lexicon**. Springer, Dordrecht, 1996. p. 109-137.
- KROCH, A. S. *The semantics of scope in English*. Tese de Doutorado. Massachusetts Institute of Technology. 1974.
- LAKA, I. *Negation in Syntax: On the Nature of Functional Categories and objetivo Projections*. Ph.D. diss., MIT. 1990.
- LAMIROY, B. The complementation of aspectual verbs in French. **Language**, p. 278-298, 1987.
- LARSON, R. K. On the double object construction. **Linguistic inquiry**, v. 19, n. 3, p. 335-391, 1988.

LONGOBARDI, G. In defense of the Correspondence Hypothesis: Island effects and parasitic constructions in Logical Form. In: **Logical structure and linguistic structure**. Springer, Dordrecht, 1992. p. 149-196.

MAGLIANO, J. P.; SCHLEICH, M. C. Verb aspect and situation models. **Discourse processes**, v. 29, n. 2, p. 83-112, 2000.

MARTINS, A.; ALVES, M. G. Traço de pontualidade em verbos com morfologia progressiva no Inglês:(in) compatibilidades. **Fórum Linguístico**, v. 18, n. 3, p. 6622-6644, 2021.

[10.5007/1984-8412.2021.e75669](https://doi.org/10.5007/1984-8412.2021.e75669)

MARANTZ, Alec. No escape from syntax: Don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. **University of Pennsylvania working papers in linguistics**, v. 4, n. 2, p. 14, 1997.

MONTAGUE, R. The proper treatment of quantification in ordinary English. In: J. Hintikka, J. M. Moravcsik & P. Suppes (eds.). **Approaches to Natural Language**. Dordrecht: Reidel, 221-242. 1973.

MORROW, D. G. Spatial models, prepositions, and verb-aspect markers. **Discourse Processes**, v. 13, n. 4, p. 441-469, 1990.

MOURELATOS, A. PD. Events, processes, and states. **Linguistics and philosophy**, v. 2, n. 3, p. 415-434, 1978.

NEIDLE, C.; MACLAUGHLIN, D. The Distribution of Functional Projections in ASL. CINQUE, G. **Functional Structure in DP and IP: The Cartography of Syntactic Structures**, v. 1, p. 195, 2002.

NOVAES, C.; BRAGA, M. Agrammatic aphasia and aspect. **Brain and Language**, v. 95, n. 1, p. 121-122, 2005.

PARSONS, T. Events in the semantics of English: A study in subatomic semantics. 1990.

PEREIRA, B. K. A sintaxe cartográfica de lá'no português brasileiro: um estudo da periferia esquerda. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2011. <http://hdl.handle.net/1843/DAJR-8MMH6M>.

OUHALLA, J. *Functional Categories and Parametric Variation*, Routledge, London. 1991

POLLOCK, J. Y. Verb movement, universal grammar, and the structure of IP. **Linguistic inquiry**, v. 20, n. 3, p. 365-424, 1989.

POPPER, K. R. **A lógica da pesquisa científica**. Editora Cultrix, 2004.

REICHENBACH, H. **Elements of symbolic logic**. New York: Free Press. 1947.

RENOUF, A., A. KEHOE & J. BANERJEE 'The WebCorp Search Engine: a holistic approach to Web text Search', in *Electronic Proceedings of CL2005*, University of Birmingham. 2005.

RIZZI, L. Violations of the Wh island constraint in Italian and the subjacency condition. **An Annotated Syntax Reader**, p. 121, 1978.

RIZZI, L. **Relativized minimality**. The MIT Press, 1990.

RIZZI, L. Residual verb second and the Wh-Criterion. In Belletti, A. and Rizzi, L. (eds.). **Parameters and functional heads**, 2, 63-90. New York, Oxford University Press. 1996.

RIZZI, L. The fine structure of the left periphery. In: **Elements of grammar**. Springer, Dordrecht, 1997. p. 281-337.

RIZZI, L. On the position “Int (errogative)” in the left periphery of the clause. **Current studies in Italian syntax: Essays offered to Lorenzo Renzi**, v. 59, p. 287-296, 2001.

RIZZI, L. Locality and left periphery. **Structures and beyond: The cartography of syntactic structures**, v. 3, p. 223-251, 2004.

RIZZI, L. On some properties of criterial freezing. **Studies in linguistics**, v. 1, p. 145-158, 2006.

RIZZI, L.; BOCCI, G. Left periphery of the clause: Primarily illustrated for Italian. **The Wiley Blackwell Companion to Syntax, Second Edition**, p. 1-30, 2017.

ROISENBERG, G.; MENUZZI, S. Pressuposição, exaustividade, denegação nas clivadas. **Porto Alegre, RS**, 2008.

ROSS, J. R. Constraints on variables in syntax. Doctoral dissertation, MIT. [Published 1986 as *Infinite Syntax!* by ALEX, Norwood, NJ.] 1967

ROTHSTEIN, S. *Structuring Events: A Study in the Semantics of Lexical Aspect*. Malden: Blackwell Publishing, 2004.

SANT'ANA, M.S. *Sintaxe e processamento de advérbios no Português Brasileiro*. Tese de Doutorado. Faculdade de Letras/ UFRJ. 2010.

SANTOS, P. R. P. *Os sintagmas adverbiais predicativos de constituintes no português brasileiro: uma perspectiva cartográfica do IP*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Letras/ UFBA. 2011.

SANTOS, S. L.; GARCIA, D. C.; MAIA, M. Logical-inferential relations in the use of connectives *porque* and *já que*: a comparative study between Elementary and Undergraduate Education. ***Ilha do Desterro***, v. 72, n. 3, p. 123-137, 2019.

SHLONSKY, Ur; SOARE, G. Remarks and Replies: Where's "Why" ?. ***Linguistic inquiry***, v. 42, n. 4, p. 651-669, 2011.

SMITH CARLOTA, S. 1997. The parameter of aspect. ***Studies in Linguistics and Philosophy***, v. 43, 1991.

STADTHAGEN-GONZÁLEZ, Hans et al. Using two-alternative forced choice tasks and Thurstone's law of comparative judgments for code-switching research. ***Linguistic Approaches to Bilingualism***, v. 8, n. 1, p. 67-97, 2018.

TESCARI NETO, A. *On verb movement in Brazilian Portuguese: A cartographic study*. PhD Thesis, Università Ca'Foscari, Venice. 2013.

TRAUGOTT, E. C. ***Spatial expressions of tense and temporal sequencing***: A contribution to the study of semantic fields. 1975.

VENDLER, Z. *Linguistics in Philosophy*. **Ithaca**: Cornell, 1957.